50.

WENCESLAU DE MORAES

# RELANCE
DA
# ALMA JAPONEZA

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

AOS MEUS AMIGOS DESCONHECIDOS

*Amigos desconhecidos, todos os homens que escrevem livros os têem, ainda aquelles mais humildes em suas profissionaes habilidades; ha talentos para todos os gostos, como ha gostos para todos os talentos. Uns e outros não se conhecem, nunca se viram, nunca se escreveram; ignoram-se; cruzando-se por acaso na rua, embuçados nas suas amplas capas de anonymos, passarão indifferentes uns pelos outros. No entretanto, os amigos desconhecidos sabem os nomes dos seus auctores preferidos, e sabem, sobretudo, os titulos dos seus livros preferidos, guardando-os á parte de outros livros, em logar privilegiado; e, em horas que chegam a toda a gente, em que o isolamento apetece no silencio do gabinete, quando o espirito quer vaguear em sonhos, serão taes livros que com frequencia se folheam, a fim de relêr duas ou tres paginas mais queridas. Os auctores nem os nomes dos seus amigos desconhecidos conhecem, mas presentem-n'os, adivinham-n'os; e — vá de barato a cortêz banalidade com que muitas dedicatorias se improvisam — é a elles, aos amigos desconhecidos, que os auctores se dirigem em pensamento, n'uma curiosa e pathética sympathia de irmãos, que jámais, todavia, se cingirão em abraços.*

*Aos meus amigos desconhecidos dedico hoje este livro.*

*Tokushima, setembro de 1925.*

W. DE M.

*Depois de ser publicado o meu livro anterior,* Relance da Historia do Japão, *saltou-me ao espirito a ideia de dar tambem publicidade ao presente* Relance *e assim completar um ligeiro ensaio de estudo da familia japoneza. Eis a razão de ser do* Relance da alma japoneza. *Historia de um povo e alma de um povo são coisas bem differentes, mas certamente associadas e auxiliando-se para um fim.*

*Resta-me agora observar que fatalmente fui levado a repetir no presente volume sobra de considerações já expressas n'outras publicações de minha lavra. O leitor desculpará esta falta, mas inevitavel, sendo meu intuito reunir em resumo tudo que o povo japonez me havia ensinado pelo contacto de longos annos, e assim obter maior somma de probabilidades para attingir quanto possivel o meu proposito.*

*Tokushima, setembro de 1925.*

W. DE M.

# I

# PRIMEIRAS IDEIAS

raes, como a apparencia physica é constituida por um conjuncto de feições physicas—a côr dos cabellos e dos olhos, a curva do nariz, o contorno dos labios, etc.— Feições moraes e feições physicas distinguem um individuo de outro individuo, e tambem, necessariamente, uma raça de outra raça; em cada raça, pode dizer-se, palpita um modo especial de sentimento. O estudo, de relance, da alma, do caracter affectivo do povo japonez, vae ser pois o objecto das ligeiras considerações que vão seguir-se.

A complicação da tarefa seria enorme, se eu tomasse o caso muito a sério. Com effeito, como estudar o que é intangivel, o que é invisivel, o que escapa á investigação directa de todas as sciencias?... Com que tintas e com que pinceis, desenhar um perfil moral?... Se, ao menos, se notassem analogias no sentir, entre este povo japonez e um ou varios povos europeus, a difficuldade harmonizava-se; um portuguez, por exemplo, pode comprehender e fazer-se comprehender, com relativa facilidade, estudando e apreciando o caracter de um povo da familia latina, digâmos um povo irmão—o hespanhol.— Mas o povo japonez é, pelo seu caracter moral, tam differente de todos os povos europeus, quanto é possivel sel-o, sem sahir da especie humana; querer comprehendel-o e explical-o por semelhanças de raça para raça, seria trabalho perdido, certamente. Já se vê, ha sempre o reverso da medalha, offerece-se sempre um segundo processo de encarar um problema, para cuja solução se mul-

tiplicam embaraços; se dissermos que o homem japonez e o povo japonez são, como qualquer outro homem e como qualquer outro povo, exemplares identicos, no que respeita a feição éthnica, a todos os homens e a todos os povos d'este mundo, com os mesmos vicios moraes, com as mesmas virtudes, com as mesmas ideias, differenciando-se apenas por ligeiras divergencias, filhas de differenças de meios, de civilisação, de momento historico, etc., mas tendendo para um mesmo typo unico, não estaremos talvez muito longe da verdade. Por este segundo processo, a minha missão devia terminar com o seu inicio, agora mesmo. Mas o processo não me serve; o que eu quero é devassar a alma japoneza como ella é hoje, como ella foi hontem, no seu presente e no seu passado; pouco ou nada cuidando de ir assegurar aos que me lêem, sem mais delongas nem mais escrupulos, que a fatalidade dos destinos a arrastará té á desintegração, á perda da sua feição typica.

No estado actual das coisas, querer perceber o japonez, em comparação com o europeu, pelo que o japonez diz sobre o assumpto, seria trabalho inutil, porque o japonez, se acaso se conhece a si proprio, o que elle certissimamente não conhece é o europeu. De um modo analogo, querer perceber o japonez pelo que d'elle diz o europeu, seria igualmente trabalho inutil, porque o europeu desconhece certissimamente o japonez. A difficuldade para o homem do Occidente poder desvendar, mesmo de leve, o mysterio moral do caracter nipponico

tem sido expresso, em summula, por alguns talentos privilegiados. Assim, Percival Lowell abre o seu precioso livro *The Soul of Far East* com considerações pouco mais ou menos d'esta ordem: — O conceito pueril de que, na outra extremidade do nosso globo, todas as coisas se apresentam ás avessas acode ao viajante, chegado pela primeira vez a Yokohama; um prompto exame, todavia, convence-o de que os japonezes não andam de pernas para o ar e com a cabeça pelo chão; posto que, em todo o caso, tal exame lhe revele que elles pensam como se estivessem realmente n'aquella excentrica postura, vendo tudo ao revez do que nós vemos. Para se ter probabilidades de julgar qual a opinião de um japonez sobre um determinado assumpto, convem imaginar a ideia opposta áquella que o mesmo assumpto não suggére... — E Lafcadio Hearn, no começo do seu admiravel e ultimo volume, *Japan — an attempt at interpretation,* escreve o seguinte: — «Ha muito tempo, o meu melhor e mais querido amigo japonez disse-me, pouco antes de morrer: "quando notar, d'aqui a mais quatro ou cinco annos, que não lhe é possivel comprehender os japonezes por modo algum, é então que começará a conhecer alguma coisa a seu respeito". Depois de haver reconhecido a verdade da predicção do meu amigo — depois de haver descoberto que não posso comprehender os japonezes de modo algum, — sinto-me melhor qualificado para emprehender este trabalho.»

Ora pois, ficando sufficientemente averiguado, pelo

que venho de expôr, que a alma japoneza é, para nós, europeus, e mais do que a de qualquer outro povo, um caprichoso e enorme ponto de interrogação, refractario a quaesquer averiguações, justifico-me de haver dito que não tomo muito a sério a difficuldade em que me vejo. Palestro apenas com o leitor. Relanceio o meio em que me acho; aponto factos, como elles se dão, ou me parece darem-se; busco tirar conclusões, porém sem esperança de alcançal-os. Em todo o caso, sigo um methodo de estudo, para não me desorientar por completo; e chegarei á ultima pagina d'este livro, sem sombra de remorsos por ter errado mil vezes o caminho para onde me levou a phantasia. Tarefa van, então, e nada aproveitavel? Talvez não; a verdade, porventura, surgirá acolá e alem, embora reduzida a infimos conceitos, lembrando as finas palhetas do metal precioso, brilhando raras nas areias auriferas de certos rios, visiveis todavia a olhos pacientes...

*

* *

E' geralmente admittido que os japonezes vieram da Mongolia a invadir o archipelago que hoje habitam. A Mongolia é uma vasta região, insufficientemente definida, insufficientemente conhecida, que a China tem como vizinha, para o norte. Parece que conviria investigar, com escrupulos de minucia, como ponto de partida para o estudo que ora enceto, qual é, qual foi o ca-

racter dos mongolicos, do qual restam vestigios, sem duvida, no caracter japonez; mas sabe-se tam pouco do assumpto, que em quasi nada vae servir-nos. Sabe-se que aquella gente é e foi sempre gente simples, rude, áspera no trato; por cima d'isto, irrequieta, aventureira, invadindo por varias vezes a Europa, a India, a China, tentando tambem, no nosso seculo XIII, duas invasões, mal succedidas, no Japão. Devemos pois imaginar que o espirito de expansão, de invasão, foi uma caracteristica dos mongolicos, herdada naturalmente pelos nipponicos. Nos japonezes, com effeito, nota-se este espirito de expansão, de invasão. A sua descida, desde a longinqua Mongolia, cercada de montanhas, até á costa asiatica, e a seguir a viagem maritima até ao archipelago, demonstram-n'o de sobejo. Aqui, no Japão, ter-se-hão vindo encadeando, sem memoria na historia, longos seculos de luctas, luctas de tribus diversas entre si, luctas communs contra os ainu, que os japonezes encontram estabelecidos no solo e vão escorraçando lentamente, do sul para o norte. Emfim, entramos no periodo historico; aos soberanos—patriarchas, succede o regimen dos Fujiwara, que consegue diminuir as regalias imperiaes; após, inicia-se o feudalismo; e o longo periodo do feudalismo não foi outra coisa se não uma longa série de disputas, de senhor para senhor, de daimyô para daimyô, devendo especialmente mencionar-se a invasão da Coréa pelos guerreiros de Hideyoshi, no anno de 1592 e seguintes. Com o advento da restauração imperial, cessa por alguns annos a ancia

de expansão. Mas logo em 1894 o Japão invade a Coréa e a China e dá-se a guerra chino-japoneza; dez annos depois, tem logar a guerra russo-japoneza; pouco após, é a Coréa absorvida pelo Japão. Cessaram por este modo as invasões hostis, se não levarmos em conta o episodio de Kiaochao, durante a grande guerra; começam então, ou antes desenvolvem-se — pois já se haviam iniciado annos atráz, — as invasões pacificas, de intuitos industriaes e commerciaes, espalhando-se rapidamente os japonezes por varios Estados americanos e apparecendo com frequencia na Europa. Não resta duvida de que os japonezes receberam em herança, de seus remotos avós, o espirito de aventura, de expansão. E ajuntarei eu agora: — nenhum povo europeu poderá melhor comprehender este espirito japonez do que nós, portuguezes, que n'um rapido momento historico deslumbrámos o mundo inteiro, subindo á cabeça do rol das nações occidentaes, mercê do nosso espirito de aventuras, de temeridades, de descobertas, de conquistas, de expansão emfim; tam intenso que, a despeito do muito — oh, muito! — que descemos na escala mundial, ainda não desappareceu de todo da alma da nação!...

*

* *

Que aspectos teria offerecido, perante os olhos espantados das primeiras chusmas invasoras, o paiz ignoto que

lhes surgia de improviso, em frente, no mar alto?... Oh, estranho, bem estranho lhes devia apparecer um tal paiz, paraizo fascinador em comparação com o solo immenso, agreste e nú, donde haviam desertado para sempre!... Bem estranho, sim, este paiz, esboçando-se a distancia em contornos caprichosos, em rendilhados nunca vistos, e destacando da grande massa escura, ligeiramente azulada, que vinha rompendo de nebulosidades transparentes. Chegando-se para a terra, as chusmas assistiriam ao desdobramento da paizagem, definindo-se um sem numero de ilhas, de ilhéos, de rochedos á flôr d'agua, tudo verde de musgos, de relva brava, de arvoredos silvestres. Dava-se depois fé de muitas passagens, de largos canaes de aguas dormentes, de um mar interior, amplo e sereno, por onde deslisavam as tôscas canôas dos indigenas — os ainu, — pescadores. A nada disto os invasores vinham por certo habituados; era um espectaculo novo, differente das grandes massas monotonas, serras ou planicies, que o continente asiatico patentea; espectaculo constituido por pedacitos independentes, miniaturas de scenarios, que só pela vizinhança entre si formavam corpo unico, constituiam um paiz. Dezembarcando, continuavam as surpresas; ondulações de solo, aqui um monte, alli um vale, collinas acavalgadas a capricho, rios rumorosos, cascatas murmurantes. No chão uberrimo, seriam quasi desconhecidas as culturas, porque o povo ainu, residente, vivendo especialmente pela caça e pela pesca, não era agricultor. Mas os bosques incultos pullullavam, por seu

natural impulso; a herva atapetava a terra, salpicada de mil matizes, que lhe traziam as floritas silvestres; e posto que os japonezes—comecêmos agora a dar este nome áquelles que de direito o mereceram,—posto que os japonezes não deviam ser então o que fôram depois—fervorosos admiradores das bellezas naturaes,—não lhes seria por certo a alma tam rustica, que não palpitasse de prazer perante a graciosidade dos aspectos. Quanto a feras, que viessem pôr em risco as vidas dos intrusos, poucas havia, talvez apenas o urso; mas havia a fera humana, o ainu, disturbado nos seus habitos; escasseavam os grandes mammiferos; do alto das arvores de camelias bravas, os macacos espreitavam para baixo, fazendo caretas ao scenario, aos ainu... e agora aos japonezes; a fauna era profusamente representada por grandes bandos de aves, por insectos em abundancia prodigiosa—cigarras, tira-olhos e formosas borboletas sobretudo;—o mar coalhava-se de peixes. Mas o que mais devêra enfeitiçar a sensibilidade dos invasores era a brandura do clima, era a caricia vivificante do sol, era a regularidade das estações, era a abundancia systematica das chuvas, que vinham encher mananciaes de agua potavel e dar seiva ás hervas e ás árvores; tudo bem differente do que se passava na Mongolia, onde as chuvas eram rarissimas, onde ventos em furia açoitavam desapiedadamente os espaços.

Era n'este Japão primitivo, do qual tentei dar um leve esboço, onde os japonezes pararam, esfalfados da via-

gem, mas felizes; aqui, passavam a exercer as suas energias, as suas actividades de povo livre, independente, constituindo pouco a pouco um nucleo da nação, criando um typo seu, uma physionomia sua, moral e physica. A brandura do clima, a gentileza dos aspectos naturaes, teriam concorrido poderosamente para constituir a alma japoneza, tal como, decorridos seculos sem conto, a vamos encontrar, onde baldadamente procurariamos descobrir a rudeza dos mongolicos, extinta agora, ou adormecida pêlo menos. Uma pallidez levada ao extremo, um culto apaixonado pela natureza, uma tranquilla confiança na vida, um sorriso perenne para tudo e para todos, são certamente caracteristicos, que distinguem a alma do japonez moderno; e não será fóra de proposito attribuil-as, sem exclusão de outras mais, em grande parte, á influencia do meio, hospitalèiro, sorridente, carinhoso.

Mas quem imaginar que este éden de delicias, que é o Japão, realiza o milagre de fugir á tragédia de desolação das coisas, engana-se redondamente. Bem pelo contrario. Calamidades naturaes véem frequentemente perturbar a paz reinante; aqui, acolá, alem, em regiões de circuitos pouco amplos; mas tam repetidas e espalhadas, que – pode dizer-se – a todos chegam. São trovoadas medonhas, chuvas torrenciaes, aguas em furia, transformando os rios em torrentes, arrombando os diques, alagando as planuras, invadindo as povoações, derrubando as casas, victimando o povo. No mar, os temporaes surprehendem muitas vezes os barcos quando em faina

de pesca, engolindo-os, sem que mais nada se apure do occorrido. Mais raramente, é uma onda immensa, uma montanha liquida, que se avista no oceano, vinda não se sabe d'onde, avançando para a costa, galgando sobre a praia, lambendo tudo. São os tufões do mar da China, chegando cá tambem, sopros do inferno, trazendo comsigo a destruição e a morte. São os abalos de terra, os terremotos, terriveis nos seus pasmosos resultados; o que elles podem ser, nas convulsões do seu maior furor, dizem-no agora, sem carencia de outros commentarios, as ruinas de Tôkyô e as ruinas de Yokohama. Juntem-se a isto tudo as medonhas epidemias, hoje de poucos effeitos desastrosos, porque a sciencia aprendeu á debel-la-las á nascença, mas terrificas n'outros tempos. Mencione-se ainda a praga dos incendios, quando as chammas laboram n'uma agglomeração de casinhas, contadas por milhares, construidas de madeira e de papel!... Fica assim reconhecido que o Japão é, e sempre foi, um paiz congestionado por desastres imprevistos, frequentes, que transformam, n'um momento, em horror a gentileza habitual e em lagrimas o sorriso...

Como terá sido influenciada, durante o longo decorrer dos tempos e a successão das gerações, a alma japoneza, por estes phenomenos calamitosos, que venho de apontar? Se é licito suppôr que a amenidade do clima concorra em grande parte para incutir no feitio moral d'esta gente nipponica o sentimento de cortezia, de gentileza, o sorriso perenne e ainda outras caracteristicas captivan-

tes, que tanto distinguem os filhos de Nippon, poderemos analogamente admittir que os incidentes nefastos, frequentes no archipelago, hajam tambem produzido os seus effeitos, em contradição com os primeiros. E' o que acontece, na verdade. Uma lista interminavel de superstições populares, em que figuram maus olhados, bichos damninhos, diabos e muitas coisas mais, e conjunctamente o alto merecimento dos amuletos, das praticas cabalisticas, etc., não podem encontrar mais natural explicação do que no terror que inspiram os desastres. Mas ha muito mais a considerar. A' irritabilidade do paiz, manifestada por convulsões disturbantes, trazidas por uma longa série de phenomenos naturaes, corresponde a irritabilidade do homem. O japonez, tam commedido de ordinario, tam sereno, é sujeito a irritabilidades subitas. Contendas, altercações, disputas, são raras; mas temei a colera de um homem, por vezes disfarçada n'um sorriso, arremessando o individuo aos mais tragicos propositos, ao assassinio, ao suicidio por exemplo, ou então ao assassinio, seguido do suicidio. Causas dos crimes? Acontece apontarem-se discordias familiares, ou vinganças reprimidas, acaso por longos annos; mas outras vezes são futeis os motivos, ou disparatados: — um sujeito julga criminoso o procedimento de outro, que não conhece, por exemplo o procedimento de um homem politico; e arroga-se o dever de assassinal-o, para desaggravo da nação!...
— Não é caso muito raro o de um japonez tornar-se amouco, isto é, perder o tino de repente, invadindo-o a

ancia de matar, armar-se e ir para a rua dar cabo de toda a gente que cruza o seu caminho; até que é derrubado, por qualquer processo, como se faz com os cães damnados... Deverá vêr-se em tudo isto a alma mongolica que desperta, rude, selvatica?... Não sei; mas a irritabilidade do paiz, a sensibilidade do clima, transformando de espaço a espaço os aspectos, de bellos em medonhos, devem entrar com a sua quota...

II

# A LINGUAGEM

A linguagem é a traducção do pensamento, do sentimento, do individuo, como de um povo. O homem, como o povo, fala para manifestar o que elle pensa, o que elle sente. A linguagem de um povo não foi, evidentemente, a invenção de um homem, mas o trabalho de um povo, trabalho constituido lentamente, mui lentamente, e progredindo á medida que os seus conhecimentos se alargavam e que as palavras lhe faltavam para exprimir o pensamento. O exemplo ainda hoje é visto, mesmo nos paizes mais avançados em cultura, onde o homem rude, o pastor de gado imaginêmos, dispõe de um vocabulario muitas mil vezes mais restricto do que o vocabulario de um orador do parlamento. E mesmo n'esses paizes mais cultos, e entre os seus mais illustrados cidadãos, a linguagem nunca pára, progride sempre, porque o pensamento progride sempre, precisando a cada momento de inventar novas palavras.

Estudar a linguagem de um povo é colher de surpresa os elementos mais preciosos para julgar da sua alma, isto é, da sua maneira de vêr e de sentir, do seu

caracter emfim. O principio tem sem duvida applicação ás linguas europeias, ou antes indo-europeias; mas tanto se mestiçaram ellas entre si, e tanto se mestiçaram entre si os indo-europeus, que estes já pouco se distinguem uns dos outros, éthnicamente, acontecendo que as linguagens, já poucos segredos nos desvendam. Estamos vendo: — linguagens e povos indo-europeus misturarem-se, combinarem-se, confundirem-se uns com os outros, perdendo as principaes caracteristicas que os distinguiam. — Já não succede o mesmo com a linguagem japoneza, que em coisa alguma participa das linguagens indo-europeias, que apenas se relaciona com origens quasi mysteriosas, isto sem falar da linguagem chineza, da qual a lingua japoneza colheu amplo auxílio, mas não por affinidades raciaes, unicamente por circunstancias derivadas de vizinhança e de intimidade em relações, o que em nada prejudica o nosso estudo. Assim, a língua japoneza, pura, despida de mestiçagens que implicariam confusão, offerece ao europeu maravilhosas revelações com respeito á alma nipponica.

Não se assuste o leitor. Nós não iremos, nem o leitor nem eu, estudar a sério a grammatica japoneza; os deuses nos livrarão de tal enfado. Apresentarei aqui, muito de leve, apenas alguns preceitos da lingua, que virão servir o meu proposito, e deixarei o resto em paz.

*

*   *

Em primeiro logar, convem saber, quasi que por simples curiosidade, que a lingua japoneza sôa agradavelmente ao nosso ouvido de portuguezes, de hespanhoes, de francezes, de italianos, n'uma palavra: — de latinos. — E' uma lingua agglutinante, isto é, tendo por uso o juntar duas ou mais palavras entre si, para formar novas palavras. Muitos d'estes termos, formados por agglomeração, são por si sós de uma gentileza, de uma perfeição de conceito, admiraveis; cito dois exemplos, ao acaso. *Kinodoku* (pena ou pezar que se sente pelo estorvo ou desgosto de outra pessôa), vocabulo constituido pela agglomeração de *ki* (espirito), *no* (de) e *doku* (veneno); litteralmente: — veneno do espírito. — *Aínoko* (mestiço, geralmente filho de mãe japoneza e de pae estrangeiro), vocabulo constituido pela agglomeração de *aí* (amor), *no* (de) e *ko* (filho); litteralmente: — filho de amor, isto é, do acaso, da aventura.

Os japonezes não cuidaram de inventar lettras para a lingua em que se expressam; não téem alphabeto; téem apenas syllabario. O syllabario japonez consta de quarenta e sete sons ou emissões de vózes fundamentaes, ás quaes deve juntar-se um *n* final, que não é consoante nem vogal, mas um meio termo entre estas duas. Juntae ainda uns vinte e cinco sons impuros, derivados dos an-

teriores, e tereis assim o inteiro syllabario. A classificação de vogaes e consoantes não existe; os europeus é que a adoptaram, para facilidade no seu estudo. Não ha diphthongos, nem accentos, nem tonalidades, nem pontuação; com respeito a pontuação, desde annos recentes começou parcialmente a ter emprego. Não existe ponto de interrogação na lingua escripta, nem tonalidade especial para a falada; a interrogação é representada pela syllaba *ka,* posta no fim da phrase.

Na lingua japoneza, quando escripta (ou pintada, porque o pincel substitue a penna), as palavras escrevem-se de cima para baixo e da direita para a esquerda, ao contrario do que succede com as linguas europeias; empregando symbolos graphicos, syllabicos, que os japonezes inventaram, ou então os caracteres ideographicos, não syllabicos, formosissimos mas complicadissimos, que os japonezes adoptaram dos chinezes. D'este processo de escrever, deriva o facto de que a primeira pagina de um livro japonez corresponde á ultima de um livro escripto á nossa moda.

Duas palavras sobre a onomatopéa. A lingua japoneza é riquissima no genero. Algumas onomatopéas são curiosas, pelo sentido e pelo som. Cito ao acaso: — *bisho-bisho* (ideia de molhar, de alagar); *bura-bura* (preguiçosamente); *chobo-chobo* (gotta a gotta); *goro-goro* (estrondo do trovão); *jiri-jiri* (apressando-se), *beta-beta* (coisa peganhenta, lamacenta). A frequencia d'estes termos, muito usados na conversação familiar, explica-se talvez pelas

razões que vão seguir-se. A onomatopéa representa a linguagem na sua infancia, quando os termos ainda faltavam e se imitavam os sons que as coisas produziam em determinadas circunstancias, para se poderem entender individuos com individuos. E' quasi uma linguagem de macacos; em todo o caso, uma linguagem fossil. O povo japonez, posto que muito progressivo, apraz-se em velharias, em tradições, aqui representadas no grito rouco em que se expressavam seus avós. Deve tambem entrar em conta o naturalismo pittoresco da onomatopéa; e os japonezes são, como é sabido, os mais apaixonados naturalistas d'este mundo.

*

* *

Permitta-se-me agora um parenthesis, ou antes uma ligeira diversão. Pouco importa a falta de methodo no que escrevo; o que se quer principalmente é registrar impressões sob todos os pretextos, de modo a alcançar o intuito em mira.

Ficou ha pouco mencionado que, n'um livro japonez, a primeira pagina corresponde á ultima de um livro escripto em linguagem europeia. O numero de coisas, que os japonezes executam ao revez dos nossos methodos, é legião; enumeral-as, seria tarefa interminavel; no entretanto, falando ou escrevendo a respeito do Japão, os estrangeiros téem por habito fazer menção de algumas d'ellas. Sigâmos o exemplo.

O homem branco sustenta-se de pão; o japonez sustenta-se de arroz.

Os japonezes não dizem nordeste, sudoeste, mas sim lestenorte, oestesul.

As mães levam os filhos, não nos braços, mas ás costas.

Para se abrir ou fechar uma fechadura japoneza, dá-se volta á chave exactamente no sentido contrario do que succede com as fechaduras europeias.

Os carpinteiros japonezes serram e aplainam ao revez dos nossos carpinteiros, puxando para si a serra ou a plaina; estas duas ferramentas, é claro, téem disposições especiaes para o effeito.

A costureira japoneza enfia a agulha na linha, não a linha na agulha, como a nossa.

Laranjas, ameixas e outros fructos temperam-se frequentemente com sal. Em compensação, o peixe e a carne de vacca temperam-se com assucar.

A sobremesa serve-se em primeiro logar; em seguida, serve-se propriamente o jantar.

O chapeo de chuva transporta-se, quando não chove, segurando-o pela ponteira, com a manipula para baixo.

Escrevendo, no sobrescripto de uma carta, a direcção conveniente, o japonez começa pelo nome do districto, depois escreve o nome da aldeia ou da cidade, depois escreve o bairro, depois o nome da rua, depois o numero da porta, finalmente o nome do destinatario.

Depois do banho, o japonez enxuga-se com uma toalha... molhada!...

Quando o visitante entra n'uma casa, a gente de casa convida-o, para seu conforto, a ajoelhar.

O visitante, ao entrar n'uma casa europeia, tira o chapeo; na casa japoneza, tira o calçado. Já se vê, o uso crescente dos habitos europeus na vida japoneza modifica os costumes, por vezes comicamente. Está-me a lembrar agora a visita recente, que tive em minha casa, de um joven japonez, amabilissimo, vestindo á moda europeia. Á porta tirou o chapeo; em seguida, tirou os sapatos, como eu esperava; mas eis que, seguidamente, descalçou uma peuga, tornando a calçal-a do avesso, evidentemente no intuito de não polluir, com a poeira da rua, a minha esteira. Ia proseguir a igual operação com o outro pé, quando eu lhe bradei, commovido: — «Oh, não! é honra demasiada para mim...» — o que o decidiu a penetrar nos aposentos só com uma peuga do avesso...

Os japonezes, mesmo os de mais humilde condição, banham-se frequentemente, quando não diariamente, ao contrario dos europeus, cuja enorme maioria vive e morre sem nunca se ter banhado n'uma tina. Na maior parte das casas japonezas, mesmo as de modestas condições, existe um quarto para banho; mas os estabelecimentos publicos de banhos pullulam nas cidades e aldeias, offerecendo este conforto a preços infimos. Nas aldeias mais ermas, onde a escassez da clientella não permitte que funccionem banhos publicos, divide-se a tarefa pelos vizinhos, cabendo a cada um, por seu turno, fazer

fogo em seu casebre e aquecer agua para o banho, convidando a povoação a vir banhar-se.

Ponho ponto final no assumpto, commentando que citações d'esta ordem offerecem, alem da diversão humoristica, que distrae, e por isto não é inutil, ensejo para considerações de maior vulto. Com effeito, quando, em tam pequenissimas coisas do ramerrão da vida, os japonezes, comparados com os europeus, desdobram contrastes de tam palpitante antagonismo, o que acontecerá com as grandes coisas, e que barreiras cyclopicas se erguerão, separando a nossa mentalidade da d'elles, na mysteriosa transcendencia dos nossos mais profundos pensamentos, dos nossos mais intimos desejos, de homens brancos e de homens amarellos?...

*

* *

Entrêmos francamente na grammatica.

Não ha artigos na lingua japoneza. O substantivo e o adjectivo são invariaveis, quanto ao numero e quanto ao genero, denominações grammaticaes que os japonezes desconhecem. Quanto ao genero, tratando-se de animaes, pode juntar-se, quando as circunstancias o exijam, ao substantivo invariavel um dos dois termos que designam macho e femea, dizendo por exemplo: — cavallo femea, gato macho, rapoza macho. — Mas porque é que os europeus dão sexo a coisas sem vida, dizendo por

exemplo que mar é masculino, que chuva é feminino? Os japonezes nunca poderão comprehender taes distincções, que até obscenas lhes devem parecer. Com effeito, sem lhes chamarmos obscenas, havemos de convir que a concepção sexual predomina na emotividade do europeu, exactamente o contrario do que se dá com os japonezes, que até ao homem ou á mulher chamarão mais commummente individuo, em substituição dos termos que lhes conférem honras de sexo. Começamos aqui a adivinhar um conceito da mais alta importancia psychica, na mentalidade do nipponico: — a impersonalidade humana, perante os phenomenos da vida; o que quer que seja, que o reduz a simples comparsa de somenos importancia, em presença do grandioso drama da natureza creadora.

Na lingua japoneza, se exceptuarmos um ou dois termos, raramente empregados, que designam a primeira pessoa, pode dizer-se que não ha pronomes pessoaes. A consequencia immediata d'este curiosissimo phenomeno philologico é não haver senão uma palavra para cada modo e tempo de cada verbo. Assim, o presente do indicativo do verbo vêr — eu vejo, tu vês, elle vê, nós vêmos, vós vêdes, elles vêem — traduz-se em japonez, em qualquer dos casos, por uma unica palavra invariavel, *miru;* do mesmo modo, o preterito perfeito do indicativo do mesmo verbo — eu vi, tu viste, elle viu, nós vimos, vós vistes, elles viram — traduz-se por uma unica palavra invariavel, *mita;* na conjugação dos verbos japonezes, não se téem em conta as pessoas.

As leis fundamentaes da syntaxe japoneza resumem-se a isto: — As palavras qualificativas precedem as palavras que qualificam. Assim, o adjectivo precede o substantivo que qualifica; o adverbio precede o verbo; não ha preposições, sendo substituidas por termos chamados postposições, devido ao logar que occupam, não antes, mas depois da palavra que especificam ou differenceam. O verbo tem o seu logar no fim da phrase. Com respeito ao adjectivo, eis um exemplo: os japonezes nunca dirão — homem bonito, — mas sim — bonito homem. — Esta questão de precedencias é uma simples questão de cortezia, devida á importancia da palavra; e para elles o qualificativo é mais importante do que o qualificado. Effectivamente, dirão elles, e talvez com alguma razão, o que é o homem? Não é nada, é uma locução abstracta, sem importancia para coisa alguma. O que dá importancia ao homem são as suas qualidades, boas ou más, que o distinguem da turba; dêmos pois o primeiro logar ás circunstancias que o classificam. Mas este preceito grammatical, que dá precedencia ao adjectivo qualificativo, não é mais do que um exemplo minimo de uma vasta concepção da mentalidade japoneza, que manda que ás clausulas explicativas ou dependentes se dê sempre primasia na linguagem, deixando para o fim a clausula a que nós outros chamamos principal. Tal concepção da mentalidade japoneza é sempre rigorosamente observada na lingua, falada ou escripta, tornando-se em via de regrá de difficillima comprehensão para o europeu, levando

este á conclusão final de que o nipponico não só fala mas pensa de uma maneira muito differente de nós mesmos. Eis um outro exemplo interessante; nós diremos: — vi na rua o chapéo da creança; — os japonezes dirão: — rua em creança de chapeo vi, — onde as palavras são as mesmas, ás postposições occupam o seu devido logar e a phrase em geral soffre notaveis alterações, devidas á regra de precedencias.

Quanto ao sujeito da oração, é instructivo o que expõe um auctor francez, o Snr. Cyprien Balet, na sua excellente grammatica japoneza — "Para a exacta comprehensão da phrase japoneza, diz elle, a questão do sujeito reclama algumas explicações. Pode considerar-se o sujeito sob um duplo aspecto, debaixo do ponto de vista grammatical e debaixo do ponto de vista logico. No primeiro caso, diz-se sujeito o ser que acciona ou que experimenta a força de energia expressa no verbo; e está ligado a este ultimo por um modo tam intimo, que uma alteração no sujeito, como em numero, ou genero, ou pessoa, impõe uma alteração na forma do verbo. No segundo caso, o sujeito não é mais do que o primeiro termo d'uma proposição, a proposito do qual se enuncia apreciações diversas, sem que haja uma correlação necessaria entre elle e o verbo. Estabelecida claramente esta distincção, pode e deve dizer-se que não existe sujeito grammatical em japonez. Com effeito, ficou notado que a noção de pessoa, isto é, de um ser subsistente e potencial, não existe n'esta lingua. A consequencia rigorosa d'este facto

é a impersonalidade absoluta no verbo, o qual não exprime então mais do que a existencia de um acontecimento, de um estado ou de uma paixão, sem relação com a pessoa. D'isto deriva uma forma unica e invariavel para cada modo e cada tempo do verbo; apenas a distincção do genero e do numero das pessoas, ou ainda a sua concepção nitida e determinada teriam podido motivar uma ligação directa com o verbo e envolver n'este flexões diversas em relação com as variações das primeiras. Dir-se-ha talvez que, no latim e no grego, os verbos téem flexões variadas em cada tempo, embora a pessoa não seja expressa; é verdade, mas n'estas linguas a pessoa é subentendida, em quanto que em japonez não existe. N'estas condições, o sujeito em japonez não podia conceber-se senão como um ser, do qual se affirma ou se nega que tal facto, tal acção ou paixão tendo logar, tendo tido logar, ou devendo ter logar, são d'elle, pertencem-lhe. Eis aqui porque, falando logicamente, o sujeito não poderia vir ligado ao verbo se não debaixo da forma de genitivo, por uma das postposições *ga* ou *no,* que servem para indicar possessão ou dependencia. E' o que com effeito tem logar, tanto na lingua classica, como na lingua falada.„ — E basta sobre o assumpto.

*

* *

N'estas alturas, o leitor terá possivelmente commentado, de sua propria iniciativa, que n'uma tal lingua, em

que faltam os artigos e os pronomes pessoaes, em que os substantivos e os adjectivos não accusam numero nem genero, em que os tempos dos verbos são invariaveis para todas as pessoas, ou antes os verbos são impessoaes, as difficuldades de se comprehenderem uns aos outros, japonezes com japonezes, devem ser enormes, insuperaveis. Imagine-se por exemplo que, de entre um grupo de individuos, um d'elles exclama: — "*kaerimasu*,, — que é o presente do indicativo do verbo japonez, que significa regressar. Mas quem regressa? eu? tu? elle? nós? vós? elles?... Não se sabe. No entretanto, apresso-me em dizer, taes difficuldades não existem, realmente. No decurso da conversação, as phrases proferidas fôram preparando os ouvidos para a justa comprehensão do caso, que acabo de apontar; de mais, é tempo agora de referir-me ao papel que os honorificos — melhor direi os honorificos e os depreciativos — desempenham na phrase japoneza, papel de uma importancia capital no assumpto que venho de apontar.

A requintada cortezia japoneza, requintada como nunca se viu n'outro paiz, verdadeira feição d'alma, vem resolver o problema, addicionando um capitulo interessantissimo á grammatica. Quer a etiqueta que, quando se fale com alguem, se empreguem maneiras honorificas nas referencias a esse alguem, ou ás pessoas ou coisas que são d'elle; impondo ao mesmo tempo o preceito da gente se referir depreciativamente de si proprio, ou do que nos pertence. Varios processos se apresentam para se conse-

guir semelhante effeito. Ha palavras — muitas vezes o simples prefixo *ó*, que quer dizer nobre, augusto, magnifico, etc. — as quaes, collocadas junto aos nomes, os ennobrecem. Para os termos de parentesco — pae, mãe, esposo, esposa, filho, irmão, etc. — ha designações honorificas e designações humildes. Ha verbos honorificos, verbos humilhantes para designar a mesma ideia. Podemos agora comprehender como na lingua japoneza, falta de verdadeiros pronomes pessoaes, e pouco propensa a empregar as palavras que os substituem, o uso ou não uso dos verbos honorificos e dos verbos humilhantes e o emprego ou não emprego das particulas honorificas constituem o meio principal de distinguir a pessoa na oração.

A particula *ó* é de uso frequentissimo. Servirá ella para nobilitar todas as coisas ao serviço da pessoa a quem se queira dar provas de respeito e deferencia. Dirá o japonez assim: — a nobre camisa, o nobre chapeu, o nobre jantar, o nobre passeio, a nobre carroagem, etc. — Mas o nipponico, no seu acrisolado panthéismo amoroso, e agradecido por todas as manifestações bellas das coisas ou profundamente beneficentes, sempre e em uso corrente ajuntará o prefixo *ó* áquellas coisas. Dirá pois: — o nobre arroz, a nobre agua quente, o nobre chá, o nobre assucar, o nobre banho, o nobre templo, etc. — Acontecerá ás vezes que um só honorifico lhe não baste, e então ajunte dois, dizendo: — a nobre senhora lua, o nobre senhor sol, etc.

N'este momento, deixêmos assomar, se nos apraz, aos labios um sorriso, como unico commentario; mas sorriso

benevolente, de sympathia por esta grammatica japoneza, a mais cortez de todas as grammaticas conhecidas. Do facto, resulta pelo menos uma vantagem evidente; na lingua japoneza não existem palavras insultuosas, obscenas; o termo mais rude que um japonez pode proferir é *baka,* imbecil. A grammatica nipponica faz-nos lembrar uma côrte atarefada, meticulosa, na qual os cortezãos em chusma — substantivos, adjectivos, adverbios, verbos, postposições e todo o resto — palpitam, redopiam incessantemente em mesuras, em cortezias, em requebros, em reverencias, seguindo regras de precedencia da mais complicada pragmatica imaginavel, ou antes inimaginavel... Mas que o nosso sorriso nunca vá té ao motejo, porque seria mal cabido; todas as linguas possuem os seus idiotismos proprios, que aos estranhos poderão parecer extravagantes, mas não são, concorrendo poderosamente para a belleza da expressão; e a lingua japoneza é incontestavelmente uma das mais bellas linguas hoje faladas, como tambem uma das mais difficeis.

*

*   *

Chegado quasi a termo d'este passeio philologico, ao longo da grammatica japoneza, reservei para o fim, muito propositadamente, algumas considerações sobre a mais estupenda revelação que ella nos offerece — a impersonalidade do individuo.

Já anteriormente e por uma ou duas vezes, tive occasião de referir-me a este tam imprevisto phenomeno psichologico; mas fil-o de fugida, reservando-me para opportunidade mais propicia. Chegou ella agora, para chegar alguma vez. Encaro o assumpto com coragem. Vou dizer o que sei, o que penso. Já confesso, todavia, que vão faltar-me os termos para exprimir o pensamento; vae-me mesmo faltar o pensamento; porque a materia é de tal ordem, tam complicada em sua essencia transcendente, que o homem europeu não possue cabedaes sufficientes, de linguagem e de ideias, para poder penetrar com afoiteza o mysterio que se levanta em sua frente.

Na linguagem japoneza e, muito mais estranho ainda, no conjuncto grandioso do inteiro palpitar da vida, representado pelos phenomenos naturaes, a individualidade do japonez dissolve-se, dilue-se, desapparece; o japonez sente-se não participante no drama mundial, perde a consciencia de si proprio.

O auctor francez, atraz citado, diz a proposito da falta de pronomes pessoaes na lingua japoneza, o seguinte: — "Tomêmos a palavra *ikimashô,* que é o futuro dubidativo do verbo *iku,* ir. Ella pode, segundo os casos, significar — eu irei, tu irás, elle irá, nós iremos, vós irieis, elles irão; — ou antes, ella não significa nada d'isto tudo, mas unicamente — haverá provavelmente o (facto de) ir. — E assim para todos os tempos do verbo. Não estando a pessoa concebida como um ser concreto, subsistente e actuador, mas sendo expressa por qualidades e relações

exteriores ao individuo, a acção ou paixão contidas no verbo deviam ser concebidas como impessoaes.»

E é assim. Tomêmos agora o presente do indicativo — chove — do verbo portuguez — chover, — verbo que parece ter sido inventado por um grammatico japonez, tam de molde vem elle para explicar uma curiosissima caracteristica da lingua japoneza. Com effeito, eil-o, no presente do indicativo, como em todos os outros tempos, invariável, impessoal, sem sujeito determinado, exprimindo em si uma acção independente e intransitiva. Se todos os verbos portuguezes fôssem da ìndole do verbo chover e de mais alguns outros (nevar, trovejar, etc.), teriamos a nossa grammatica e a nossa linguagem transformadas n'uma grammatica e n'uma linguagem impessoaes, sem pronomes pessoaes — por inuteis, sem flexões nos tempos dos verbos, sem sujeito determinado. Mas não succede assim. Succede porem assim, exactamente assim, na grammatica e na linguagem japonezas, com as suas consequencias inevitaveis. A linguagem traduz, como sabemos, a sentimentalidade do povo que a fala. Chegamos assim a concluir o seguinte facto: — a impersonalidade do japonez perante os phenomenos da vida, — isto é, a sua voluntaria isenção em participar, como factor activo, no conjuncto das modalidades naturaes. Chover, comer, dormir, etc. são simplesmente factos occorridos, cuja acção não se transmitte ao individuo. Devemos mais concluir que tal impersonalidade representa uma caracteristica da alma nipponica, nascida no seu proprio intimo,

não resultante da linguagem, pois foi esta que resultou da caracteristica apontada, a não admittirmos o absurdo de que o effeito haja criado a causa.

No decurso das minhas considerações, ainda terei de referir-me muitas vezes a esta interessantissima caracteristica, que reputo a mais proeminente de todas as que concorrem a formar a feição moral do japonez, não alheia a outros povos da Extrema-Asia, posto que mais conspicua no nipponico; e á qual elle deve, por certo, a maior parte das suas manifestações sentimentaes, como individuo e tambem como nação. Por agora, tentarei apenas averiguar, como os cegos ás apalpadelas para se orientarem no caminho, quaes hajam sido as causas dominantes, que foram lançar na alma do nipponico a semente de uma qualidade tam estranha, tam differente das que medram na alma do homem branco.

*

* *

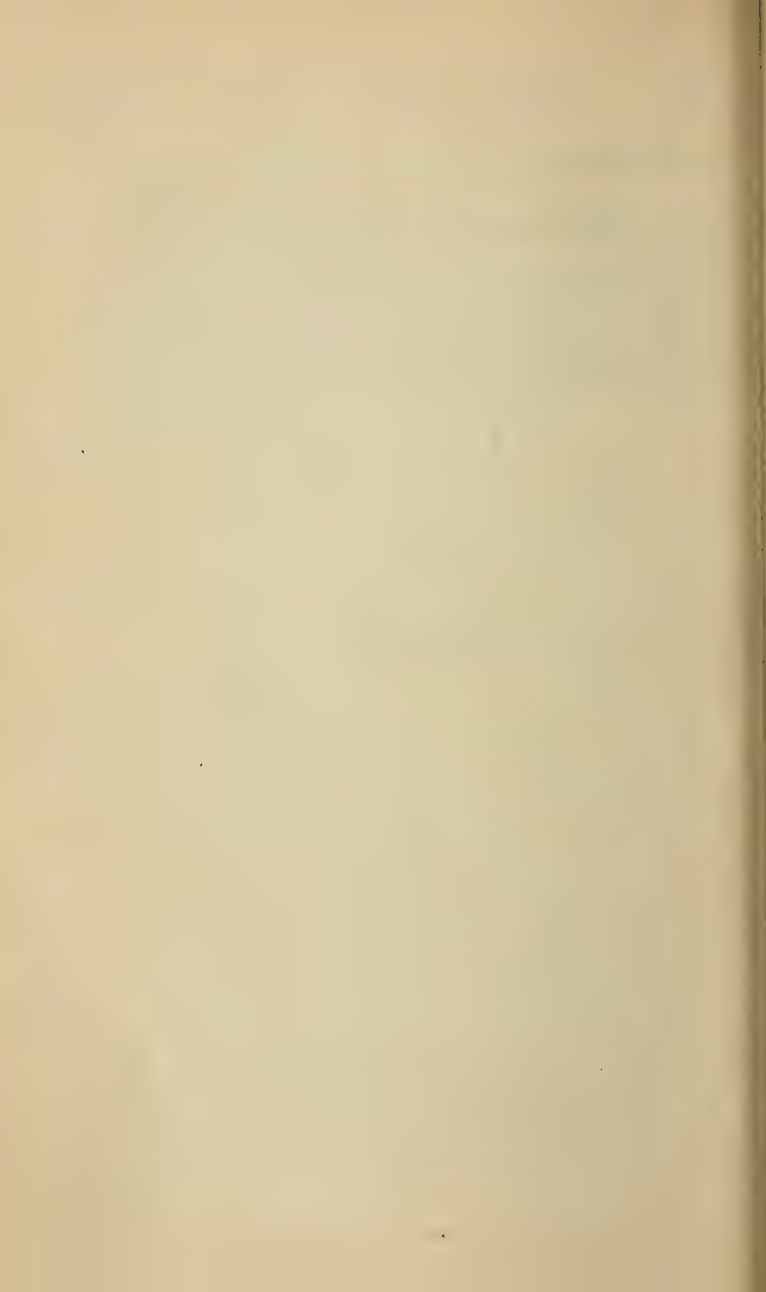
Fundado quanto possivel na observação dos factos, eu imagino que, desde a remotissima antiguidade, o homem branco separou, afastou radicalmente uma da outra duas ideias, que no seu espirito se formaram: — a ideia da divindade e a ideia da natureza criadora; — isto devido talvez á hostilidade do meio e do clima, a qual ia pesando sobre elle, duramente. D'aqui provéem dois caminhos, seguindo em direcções diametralmente oppostas; um le-

vando ás coisas divinas, á oração, n'uma palavra—ao ideal,—que elle nunca viu, mas que figura; outro caminho, que leva ás coisas terreaes, para elle amaldiçoar a terra, que o rodeia de obstaculos, que o tortura, que o esmaga, terra que é forçoso domar, subjugar, queimando florestas, demolindo montanhas, rasgando veredas, estrangulando feras. O nipponico não concebeu tal distincção; a ideia da divindade e a ideia da natureza não são diversas, completam-se, concorrem para um fim commum; no seu amoroso animismo pantheista, o nipponico vê a divindade em toda a parte, nos aspectos do universo —no sol, na lua, nas estrellas, nas montanhas, nos rios, nos bosques, nos relampagos, no insecto, na flôr. D'aqui resultam dois modos, inteiramente oppostos, de processos. O europeu, por um lado, idealisa; por outro lado, observa e pragueja, pensando nos meios de defender-se, de oppor a resistencia do seu braço ás forças bravias que o molestam. O japonez, pelo contrario, contempla e adora; não observa nem pragueja. Ora pois, notae que o primeiro dos processos leva fatalmente o espirito á affirmação da individualidade humana, á collocação em evidencia do *Eu,* moral e physico, activo, infatigavel, eminentemente pessoal, egoista, egotista; e d'isto as linguas europeias evidentemente participam. Notae tambem que o segundo dos processos leva o espirito a uma quasi indolencia no sentir, a uma religiosa resignação em face de todos os revezes, e finalmente, quanto possivel, á eliminação da personalidade, perante o drama mundial;

foi isto que aconteceu aos japonezes, e tambem á linguagem que elles falam.

Fôsse acaso tida por acceite a minha hypothese, – mas quem me affirmará que o seja?... ficaria plenamente justificada a extraordinaria circumstancia de que o japonez, pensando e falando, alheia a sua personalidade do turbilhão da vida, em quanto que o europeu põe em destaque a sua.

# III

# A RELIGIÃO

NÃO ha homem, como não ha povo, irreligioso. A religião, como a define o nosso Oliveira Martins n'um dos seus livros, — «a theoria das relações entre o homem e o universo», — é commum a toda a gente, é uma feição moral, como os olhos, por exemplo, são uma feição physica. Poderiamos ir muito mais longe. E os animaes? e os vegetaes?... Seria impossivel de provar que os animaes, que os vegetaes ignoram por completo o sentimento religioso. O sol, como é sabido, tem sido adorado por quasi todos, se não todos, os povos primitivos; pois não vos parecerá que a planta adora o sol, erguendo á luz os seus multiplos ramos, como braços e mãos de crentes, em prece fervorosa?... E porque não serão tambem os mineraes religiosos?... A sua inalteravel constancia no que respeita os preceitos de crystallisação e a sua reconhecida obediencia ás leis physicas e ás leis chimicas accusam já, por certo, uma crença, uma confiança no futuro, nos seus finaes destinos. De mais, sabeis por certo que os peixes se quedavam no alto mar, quando santo Antonio, junto á praia, lhes prégava coisas

do evangelho. E o buddhismo ensina-nos que as mesmas pedras são susceptiveis de curvar-se em respeitosas reverencias, quando os sabios vêem falar-lhes de Shaka, o divino Shaka...

Mas ponhâmos de parte estas chimeras — se assim lhes quereis chamar, — que me acodem ao espirito, ao encetar este capitulo. O que eu quero affirmar-vos, — mas nem carencia havia de fazel-o, — é que o povo japonez tem a sua religião; tem mesmo duas, pelo menos. Estudar, conhecer a religião de um povo, é a gente introduzir-se n'um vasto e rico campo de exploração, no que respeita o feitio moral do mesmo povo. E' este o meu intuito, emprehendendo as breves considerações que vão seguir-se.

E' já conhecida do leitor a supposição corrente entre os estudiosos de coisas japonezas, admittindo que as primeiras hordas invasoras d'aquelles rusticos mongolicos, que chegaram ao Japão e passaram a ser os japonezes, tinham trazido comsigo, como bagagem espiritual, uns vagos rudimentos do culto dos avós, commum a todos os povos da Extrema-Asia. Estes vagos rudimentos do culto dos avós enraizaram no solo, desenvolvendo-se, surgindo uma religião nacional, que bem mais tarde havia de ter um nome — shintôismo. — O shintôismo, por longos processos de evolução, que nos escapam, divinisou o soberano, attribuindo-lhe relações proximas de parentesco com a deusa do sol, Ama-terasu, e divinisou o povo; o resto do mundo ficou privado d'esta

honra... E a religião do shintôismo não foi mais alem, mas já muito fizéra.

Por esta religião dos japonezes, presta-se culto ao sol, aos deuses, ao soberano, á familia imperial, aos espiritos dos grandes vultos prestimosos, como os espiritos dos heroes e de outros que realizaram nobres feitos. Pode mesmo dizer-se que o shintôismo é uma religião de heroes, cujos espiritos pairam sobre a terra, melhor direi, sobre o Japão, protegendo os japonezes; religião digna de um povo audaz por excellencia, crente nos resultados dos seus altos esforços, palpitando sob o impulso das aspirações mais arrojadas!...

Dos ultimos factos que apontei, deve logicamente concluir-se que um supremo orgulho anima este povo eleito, privilegiado, sem igual no mundo inteiro. E' justamente o que acontece. Com o correr dos tempos, as ideias modificaram-se certamente, infundiram-se nos espiritos sentimentos menos exclusivos; mas o orgulho ficou, a todos os momentos se revela. Abençoado orgulho, que transformou o shintôismo em patriotismo, fazendo do Japão a nação mais patriota do inteiro mundo civilisado. Eu não sei o que pensa d'elle—do shintôismo—à ultima geração sahida das escolas superiores, arrogando-se acaso alguns jovens, indevidamente, suppostos titulos de intellectuaes, de livres pensadores; o povo, que é tudo, que contem em si mesmo a inteira somma das forças vivas da nação, é hoje ainda, como era ha cincoenta annos, ha quinhentos annos, ha mil

annos, profundamente orgulhoso, profundamente shintôista e profundamente patriota. E' o que basta saber para este meu estudo. Foi o shintôismo que acompanhou os soldados á guerra contra a China, á guerra contra a Russia, das quaes voltaram victoriosos; e diz o povo, que alguns cavallos, que é costume guardar nos grandes templos de shintô, como cavallos do Estado, ao serviço dos deuses, desappareceram de repente durante as duas guerras; e conclue que os mesmos deuses d'aquelles cavallos se serviram, correndo em espirito aos campos de batalha, para guiarem os soldados nas duras peripecias da peleja. Decididamente, ao shintôismo devem os japonezes a sua inegualavel coragem, o seu inexcedivel valor, o seu fulgurante patriotismo; e foi o shintôismo principalmente que deu origem á phrase, hoje celebre, de *Yamato-damashii*, a alma de Yamato, pela qual os japonezes a si proprios se distinguem dos outros homens, quanto ás caracteristicas da sua feição espiritual.

Mas faltava ao shintôismo uma coisa da mais alta significação moral, sobretudo para os povos já avançados em cultura, desligados e já distantes da existencia barbara. O shintôismo não cuidára do destino dos espiritos, para alem do tumulo, nem pensára em premiar os bons e castigar os maus, independentemente da vontade dos chefes dirigentes, independentemente das justiças terrestres, lá longe, muito longe nos espaços, no sitio ignoto onde os deuses se congregam, a fim de dicidir dos des-

tinos do universo. Os japonezes, embora impersonalisados de si proprios em face de successos de maior vulto, tinham paes, tinham mães, tinham esposas, tinham filhos; e iriam soffrendo certamente horas de dôr quando a morte lhes roubava um ente querido, levando-o como que envolvido n'uma roda de esquecimento, podre e infecto, para o nada, como um despojo inutil.

*

* *

Foi n'esta altura, em tempo proprio, pelo nosso seculo VII, que o buddhismo, tal como se professava na China, fez a sua apparição no solo do Nippon; não imposto á força, ou trazido pela palavra teimosa de fanaticos missionarios; mas vindo na forma cortez de alguns aphorismos, *sutras,* escriptos e de uma imagem de Buddha, como presentes, que o rei de um dos pequenos reinos, em que a Coréa então se dividia, enviava ao soberano japonez.

A doutrina philosophica de Confucio fôra conhecida no Japão muitos annos atraz; mas não criára escola, adormecia, para acordar muito mais tarde, formando adeptos. O buddhismo, em face do shintôismo, com este facilmente cooperou, impressionando as massas pelas suas bellas apparencias rituaes e pelas consolações que lhes trazia. Os japonezes encontraram n'elle aquillo de que o seu espirito carecia, isto é, a affirmação de uma

vida eterna após metempsycoses successivas, o premio da virtude, o castigo da maldade, um paraiso e um inferno, preceitos de piedade a exercer para com os homens e para com todos os animaes, o amor da paz e mil outros dogmas bemfazejos. O buddhismo prégava-lhes a inconsistencia de todas as coisas d'este mundo, — dos prazeres, dos regalos, da luxuria, dos desejos, das paixões, do amor, — chamando-os ao recolhimento, á contemplação exclusiva da divindade e das coisas divinas. O appello á abnegação, á simplicidade, calhava bem com a noção intima que os japonezes nutriam de si proprios, da sua propria impersonalidade; e seguramente a reforçava.

Nenhuma outra religião viria mais de molde, como veiu o buddhismo, a collaborar com o shintôismo, posto que tam differente d'elle. O povo abraçou as duas crenças, como se fôssem uma, frequentando templos shintôisticos e frequentando templos buddhisticos, tornando-se melhor, despindo-se de vicios — rudezas mal esquecidas, que dos avós mongolicos retinha. — Veja-se hoje, por exemplo, a sua brandura para com os animaes; é certo que os garotos japonezes passam longas horas da vida a destruir ninhos de passaros e a massacrar tira-olhos e outros bichos, — mas não serão assim todos os garotos d'este mundo? ... — Digâmos: — se não fôsse o buddhismo, muito peor fariam. — Mas o camponez trata o boi como um irmão de trabalho, não como um quadrupede escravisado; com o boi se entende pela palavra e

pelo gesto, conversa mesmo com elle sobre coisas de lavoira; nunca se lembrou de construir um aguilhão.

E' interessante observar que o buddhismo trata com especial severidade a mulher (o que tambem succede com o christianismo). Todo embebido em austeridades mysticas, descrente dos beneficios terreaes, o buddhismo mostra suspeição dos encantos femininos, que tantas vezes arrastam os incautos a trilhar caminhos de desordem. A' medida que a crença de Buddha ia alastrando no Japão e criando adeptos, a mulher japoneza via-se cerceada das suas regalias na vida social, confinada no lar, na vida de familia, em condições, pelo menos theoricamente, mais de serva do que de outra coisa; e assim, pouco mais ou menos, continuou até aos nossos dias. Mas não lamentêmos demasiadamente a japoneza; bem anterior ao buddhismo, bem anterior a todas as religiões conhecidas, tam remota, que data do apparecimento dos primeiros seres humanos, uma outra religião, muito mais prestigiosa do que ellas, vinha exercendo os seus effeitos; e esta quer que, na vida humana, os dois sexos se procurem, se approximem, se enfeiticem um ao outro e se amem...

Pouco ou nada importa aqui saber, que o buddhismo se divide em dois: — o buddhismo popular, que o povo aprende; o buddhismo superior, que os sabios discutem e commentam. — Tambem em nada nos interessa conhecer, nas paginas d'este livro, que alli pelos tempos em que Nobunaga tomou a seu cargo a administração do

Estado, e mesmo antes d'elle, isto é, pouco mais ou menos pela épocha em que os portuguezes descobriram o Japão para o mundo occidental, os padres buddhistas resvalaram para a desordem e para o deboche, pelo que soffreram durissima lição. O que importa reter é que o buddhismo influenciou profundamente a alma da nação, tornando-a melhor. Os tempos correram, anesthesiando o fervor dos grandes sentimentos; mas o povo ainda é buddhista, como ainda é shintôista.

Após os mui breves commentos que antecedem, referentes á influencia que o buddhismo exerceu na physionomia moral dos japonezes, julgo que o melhor que tenho a fazer é apresentar uma curta lista de proverbios de origem buddhistica, ainda hoje em voga, e passar depois a outro capitulo. Mais suggestivamente do que por qualquer outro processo, estes proverbios irão dar uma ideia impressiva da infiltração da doutrina de Shaka no sentimento nacional.

Mas, antes de tudo, ainda uma ultima reflexão. Shintôismo, buddhismo, profundissimas influencias exerceram na emotividade japoneza, de indole essencialmente religiosa. Isto mesmo succede com todas as religiões, incidindo nas emotividades dos povos que as professam. Mas porque séries de processos e de impulsos se manifestam e desenvolvem estes phenomenos affectivos?... Impossivel é precisar as coisas. Os sentimentos religiosos dos povos téem origem em aptidões insondaveis, independentes, muito anteriores ás religiões impostas

ou admittidas. Para o caso dos japonezes, é, até onde pode perscrutar o nosso pensamento, um remotissimo culto de avôs, de familia, dominando sobre tudo, inoculando-se em todas as fibras sensiveis do indivíduo, aquecendo o sangue nas arterias. Tocante sentimento este, que cuida, adorando os desapparecidos, em salval-os da morte, parentes, amigos e o proprio ente pensante, hoje vivo para morrer amanhan, conferindo a todos e a si proprio a eternidade gloriosa, n'uma outra vida e n'um outro mundo!... A este sentimento, tam antigo nos tempos que pode bem chamar-se-lhe racial, véem sobrepôr-se os cultos posteriores, — shintôismo, buddhismo — e acaso outros cultos que appareçam, todos collando-se, como a hera, ao tronco vetusto e d'elle bebendo a seiva...

E agora os proverbios.

*

* *

*Atama soru yori kokoro wo soré.*

(E' melhor rapar á navalha o coração do que rapar á navalha a cabeça). — Padres e freiras buddhistas usam a cabeça rapada á navalha. O proverbio significa que ter o coração limpo de peccados vale mais do que ter a cabeça limpa de cabellos.

*Banji wa yumé.*

(Dez mil coisas — dez mil sonhos).

*Buppô to wara-ya no amé dété kiké.*

(Vá para fóra de casa quem quizer ouvir a doutrina de Buddha e o ruido da chuva no casebre coberto de palha). — O proverbio suggere que as altas verdades do buddhismo não podem ser comprehendidas por aquelle que continua vivendo no mundo dos desejos e das loucuras.

*Enkô ga tsuki wo toran to saru gagotoshi.*

(Como os macacos que quizeram apanhar a lua, reflectida pelo proprio Buddha na agua). — Allude-se a uma parabola, contada pelo proprio Buddha, diz-se. Pela noite, alguns macacos, trepados sobre uma arvore, deram fé da imagem da lua, reflectida na agua de um poço. Oh, lá, a lua na terra, a descançar!... Resolveram sem demora apoderar-se d'ella. Um macaco enrola a cauda a um tronco de arvore; um segundo macaco agarra-se ao primeiro; um terceiro ao segundo; assim vão alongando a cadeia, até que o ultimo macaco está quasi a segurar a lua... Mas então o tronco de arvore verga e parte-se, mercê do grande peso que aguentava, e todos os macacos morreram afogados...

*Gun-mô no taizô wo saguru go gotoshi.*

(Como uma chusma de homens cegos, a apalpar um grande elefante). — Diz-se d'aquelles que ignorantemente criticam o buddhismo. Allude-se á celebre fabula, á cerca de alguns homens cegos, que tentaram de decidir qual a forma do elefante, apalpando-o. Um apalpa a perna e declara que o elefante é semelhante a um tronco de arvore. Um outro, apalpando-lhe a tromba, declara-o se-

melhante a uma serpente. Um terceiro, apalpando-lhe a anca, diz que o elefante é egual a uma parede. Um quarto, apalpando-lhe a cauda, diz que o elefante é egual a uma corda...

*O ni no nembutsu.*

(Um diabo a rezar). Lembra o nosso dito – lagrimas de crocodilo.

*Inochi wa fûzen no tomoshibi.*

(A vida é a chamma de uma lampada, exposta ao vento). – Diz-se a proposito de amores, ou de resultados tristes de qualquer intima relação entre duas pessoas.

*Jigoku dé botoké.*

(Encontrar o Buddha no inferno). – Refere-se á alegria de encontrar um bom amigo em tempo de desgraça.

*Korokoro to*
*Naku wa yamada no*
*Hototogisu*
*Chichi niteya aran*
*Haba niteya aran*

(A ave que grita *korokoro* no arrozal da montanha sei eu que é o cuco; no entretanto, pode elle ter sido o meu pae, pode elle ter sido a minha mãe). – Verso-proverbio; referencia á crença da metempsycose buddhistica, pela qual um ser humano pode renascer sob a forma de um animal qualquer.

*Ko wa Sangai no kubikasé.*

(O filho é a canga dos tres estados de existencia do

homem). – No buddhismo, entende-se pelos tres estados de existencia as successivas modificações por que passa o individuo até attingir a paz suprema, o nirvâna. O proverbio refere-se aos empecilhos que um filho muito amado pode causar á alma do pae, pelos cuidados que este lhe dispensou em vida, descurando os seus deveres espirituaes.

*Onna no ké ni wa daizó mo tsunagaru.*

(Com um fio de cabello de mulher, até um grande elefante pode ser amarrado). – Refere-se á astucia e poder da mulher.

*Shami kara chôrô.*

(Para ser abbade, é preciso começar por ser noviço).

# IV

# A HISTORIA

Que nos diz a historia do Japão, a proposito da alma japoneza? Diz-nos muito, e diz-nos pouco. Diz-nos muito, porque nos desdobra, em frente dos olhos, o quadro, em successão de scenas, da longa série dos acontecimentos occorridos, nos quaes, em geral, mas não sempre, o caracter nacional desempenhou o seu papel; ficando assim este, pela historia, mais facilmente comprehensivel. Diz-nos pouco, porque a historia, em qualquer caso, menciona a traços largos os grandes feitos, citando agora um nome, logo outro, mas todos nomes de heroes, pelo menos de altos vultos. Não se intromette na vida intima, não entra na casa de familia, não escuta a palestra dos pobres, dos humildes; despresando por este modo um campo de observação, do qual nós, os que nos aprazemos em estudar a feição sentimental de uma nação, mais vivamente pretendemos conhecer os segredos, os enygmas. A historia é, afinal, uma epopéa, quando não é uma tragedia; mas epopéa essencialmente aristocratica, ou tragedia essencialmente aristocratica, cuidando dos grandes, ignorando os pequenos. No entretanto, o que ella nos diz, sobre a alma japoneza, é precioso.

A historia reconhece a irritabilidade do nipponico, herdada de avós distantes, sobreexcitada pela irritabilidade geologica e climaterica do meio. Apresenta o quadro eloquente de como, reconhecido certamente pelos chefes este nervosismo turbulento, o povo japonez soffreu uma longuissima existencia de oppressão, exercida pelos daimyô, exercida pelos shôgun, exercida pelos Hôjô, por Nobunaga, por Hideyoshi, por Iyeyasu, seguindo-se-lhes nos processos e excedendo em tyrannia a disciplina shôgunal dos Tokugawa, até á restauração imperial, até aos nossos dias; parecendo assim dever concluir-se que o despotismo implacavel foi reconhecido como o melhor meio de conter, dentro dos limites convenientes, as massas, por indole irrequietas.

Nos senhores feudaes, embora durissimos no mando e na administração dos seus dominios, transparecia uma feição em regra paternal, protectora, que captivava a chusma dos vassallos; para mais, a impersonalidade dos japonezes, essa curiosissima feição psychica, que os leva a desinteressarem-se de si proprios, facilitava admiravelmente o mister a que se davam os daimyô, em amassar o barro humano a seu capricho; constituindo-se assim, desenvolvendo-se, vindo gravar no espirito mais uma feição indelevel, um verdadeiro culto de lealdade, representado pelo dogma de cega obediencia do japonez pelo seu chefe.

Quanto ao soberano, ninguem o via, claramente; sabia-se que dentro do palacio de Kyôto repoisava a sua

augusta individualidade; era, como foi sempre, como é agora, adorado pelo povo inteiro; mais nada.

O episódio da tentativa das invasões mongolicas, no tempo da administração dos Hôjô, no nosso seculo XIII, vem provar que a nação, constituida em grupos feudaes, com as suas leis proprias para cada grupo, com os seus costumes diversos para cada grupo, com as suas grandes rivalidades de grupo para grupo, sabia unir-se quando as circunstancias o reclamavam, perante o perigo commum, perante a offensa lançada ao Estado.

Dá-se, em 1542, o inesperado incidente da chegada dos primeiros europeus—os portuguezes—ao Japão. Foi grande o alvoroço, principalmente na ilha de Kyûshû. No anno de 1638, os estrangeiros eram expulsos do Japão; o imperio isolava-se do mundo inteiro. A historia absolve os japonezes dos actos de perseguição que empregaram contra os padres, contra os frades e contra todos os catholicos em geral; patenteando-se-lhe a evidencia da teimosia missionaria e dos altos inconvenientes que resultariam para o Estado, se uma provavel scisão do povo viesse a manifestar-se, devida aos differentes cultos em rivalidade. D'esta primeira visita e das relações que se seguiram entre os nipponicos e os homens do Occidente, o Japão pouco ganhou materialmente. Moralmente, veiu por certo alliar-se, á repugnancia instinctiva do japonez de então pelo homem branco, um sentimento de profunda indignação, de odio, pela raça d'aquelles que se dispunham a vir disturbar o imperio

n'um momento historico extremamente melindroso, o da obra de consolidação interna a que Hideyoshi e depois Iyeyasu se iam dando.

Seguiu-se a isto a longa administração dos Tokugawa, em perfeito isolamento e em perfeita paz. Passa-se então o phenomeno da completa integração da alma japoneza. Todas as forças do Estado concorrem para disciplinar os espiritos, desde o mais poderoso daimyô até o mais humilde filho do povo. O japonez submette-se a todos os rigores, ás mil e mil leis durissimas que o agrilhôam; e surge assim uma nação de homens sobrios como nenhuma outra, obedientes aos chefes até ao inverosimil, alheiados completamente de si mesmos, dos seus mais intimos interesses, promptos para tudo... um *tudo,* que ainda não se descriminava nos vagos horizontes da mentalidade japoneza, mas que talvez já se presentisse por instincto.

Chegou o *tudo*. O *tudo* era uma esquadra americana, que vinha impôr ao Japão que abrisse as suas portas ao commercio, ás communicações livres dos estrangeiros. Que fazer?... A primeira visita dos estrangeiros não deixára no Japão saudades d'elles. Vinha agora a segunda visita, mais arrogante do que a primeira. Que fazer?... O povo não pensava, esperava que lhe ordenassem um processo de conducta, como um só homem, como um só soldado aguarda a ordem do seu chefe. Podia o Japão resistir, até á morte, á imposição americana. Podia acceital-a humildemente, apathico, como uma

tribu negra, entregando-se á mercê do conquistador que lhe bate á porta. E podia, dignamente, como Estado para Estado, admittir o alvitre, cuidando ao mesmo tempo de defender os seus interesses; e, sabendo já quanto valia, abraçar a nova civilisação que vinha ter com elle, organisar-se pelo modelo dos Estados do Occidente, prevendo já o momento proximo de poder tratar, em termos de igualdade, com qualquer das potencias da Europa e da America. Foi este ultimo procedimento, o unico sensato, que o Japão seguiu resolutamente. O imperio entrava assim no periodo moderno da sua existencia, guiado felizmente pelo espirito esclarecidissimo do soberano, que teve por auxiliares Yamagata, Inoyé, Okuma, Ito e muitos outros, Ito acima de todos, na phalange brilhantissima d'estes prestimosos servidores.

*

* *

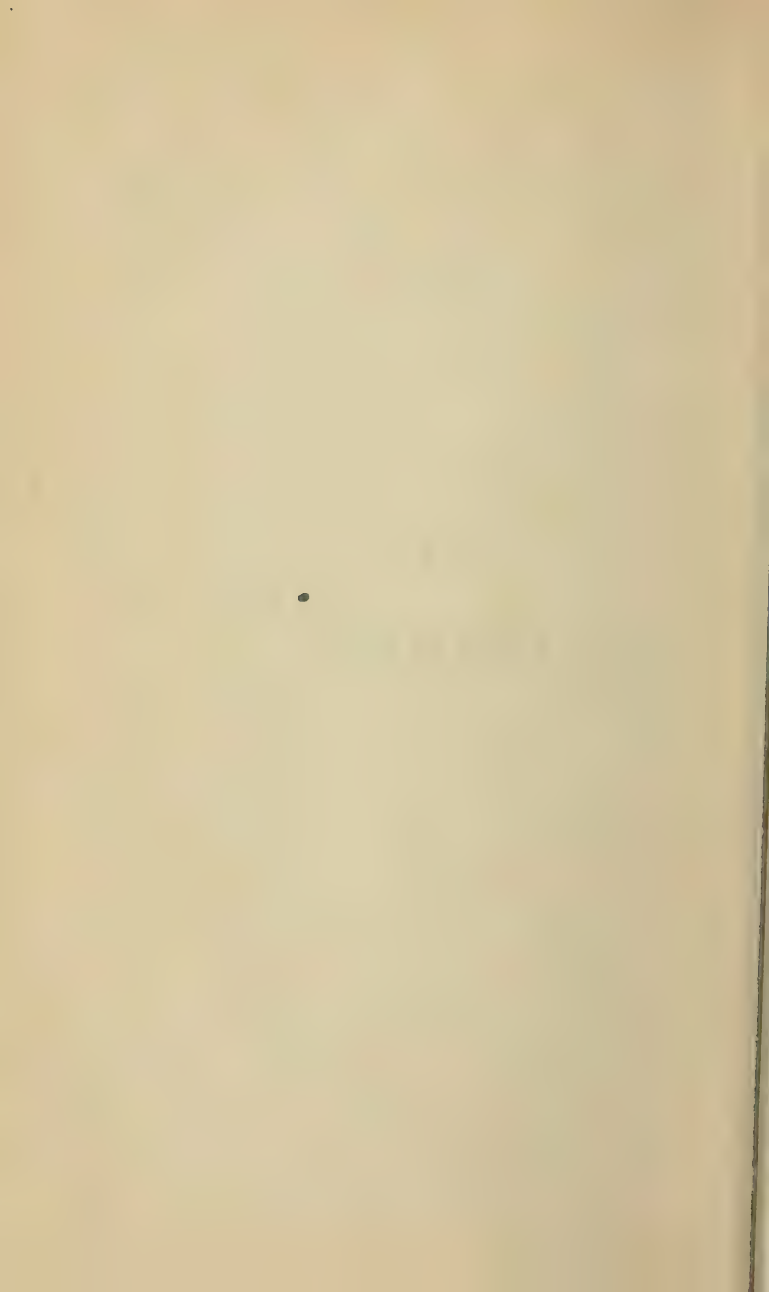
Desenvolve-se o Japão moderno, a galope, vertiginosamente, na ancia de attingir uma posição digna no seio das nações cultas. Exemplos de indifferença em face dos perigos, de indomavel coragem, de brios de soldado, de brios de marinheiro, não escasseiam na historia moderna do imperio. Por outro lado, é uma maravilha estupenda o que a mesma historia nos aponta, até hoje, na transformação pacifica, realizada na machina do Estado, no tocante a todos os ramos de actividades officiaes. As acti-

vidades privadas avançam com igual fervor. Em cincoenta e tantos annos, o Japão offerece-se, ao estudo do investigador, inteiramente modificado á maneira occidental, no que respeita o turbilhão das suas energias. Funcciona bem? Certamente, a julgar pelos resultados obtidos. Se o machinismo da administração apresenta alguns defeitos, são defeitos communs a todas as sociedades modernas, inevitaveis. Com o advento das monarchias constitucionaes, as nações alcançaram sem duvida grandes beneficios, esquivando-se em parte ás tyrannias dos soberanos, quando elles são tyrannos; mas perderam os effeitos beneficientes da acção directa de um monarcha, quando guiado pelos sãos principios de uma alta intelligencia e de uma alma nobre. Os parlamentos, no Japão como em toda a parte, não corresponderam ao que se queria d'elles, — integridade, representação fiel da vontade nacional, convicções de sacerdocio no desempenho dos seus deveres profissionaes. — Mas não culpêmos os parlamentos; obra dos homens, seria loucura exigir-se-lhes perfeição.

Sob o especial ponto de vista em que estas minhas impressões vão sendo escriptas, o que, no momento presente, mais do que tudo impressiona o espirito é a estupenda maleabilidade dos japonezes em se adaptarem a coisas novas, differentes, tam novas, tam differentes, que correspondem nada menos do que á troca da sua civilisação de muitos seculos por uma outra civilisação inteiramente estranha em sua essencia. Já se vê, os japonezes

ainda são japonezes, a grande maioria dos seus costumes, dos seus usos ainda é japoneza; mas o Japão, nas suas linhas geraes, passou a ser um Estado occidental, com a unica differença de ser, por imposições geographicas e outras, um Estado extremo-oriental.

# V

# A VIDA NA FAMILIA

Nós vamos agora — eu e o leitor benevolente, — em rapida visita, desvendar quanto possivel o segredo do lar da familia japoneza. Advirto que a empresa só poderia ser emprehendida com probabilidades de bom exito, levados, como vamos, nas paginas de um livro, — o melhor systema de viajar, no fim de contas. — Se tentassemos, sob qualquer pretexto plausivel, desempenhar pessoalmente esta visita, correriamos o risco, confesso, de vêr malogrado o nosso intuito. A pessoa que viesse receber-nos á porta — o dono da casa por exemplo — multiplicar-se-hia em mesuras, em reverencias; mas tratando ao mesmo tempo de convencer-nos de que, no Japão, as massadas são prohibidas, mormente quando se trate de estrangeiros. A nossa casa, se o convidássemos, ou mesmo sem convite, a esta sim, a esta viria elle com prazer, se a occasião se apresentasse; sendo notorio que o japonez mostra o maior interesse em dar fé da vida intima dos estrangeiros, — o que elles fazem, o que elles comem, os objectos que os cercam, etc.

Não iremos a Tôkyô, nem a Kobe, nem a nenhum dos principaes centros de actividades do imperio, já muito

mescladas de innovações em estylo europeu, as quaes prejudicariam o nosso exame; porque, é evidente, o que nós queremos relancear é o Japão tam japonez, tam puro de adaptações desintegrantes, quanto é possivel encontral-o nos dias que vão correndo. Iremos, por exemplo, a Tokushima, na ilha de Shikoku, grande cidade provinciana, conservadora de costumes, com uma população de setenta mil habitantes, incluindo cerca de uma dezena de brancos, sendo eu um d'estes homens brancos. Tokushima, apesar da muita gente que a povôa, é uma terra monotona, meia adormecida em preguiças, o que se deve attribuir a ter sido ella um farto viveiro de Samurai, homens de guerra; extincta a classe, ficaram as descendentes d'elles, gente pouco dada a commercio, á giria do negocio, preferindo a tudo um empregosito reles, n'um escriptorio, n'uma secretaria, ou, melhor ainda, o socego na paz do lar, vivendo das recordações e das tradições dos tempos idos. Effectivamente Tokushima, capital da antiga provincia de Awa, foi a residencia, durante varios seculos, dos senhores Hachisuka, successivos daimyô, que tinham aqui o seu castello, hoje demolido, transformados em parque os amplos terrenos adjacentes. Grande numero de homens da côrte do daimyô e chusmas de samurai tambem aqui viviam, restando ainda muitas das suas habitações, agora podres, desfazendo-se, incutindo a alguns bairros um certo ar de melancholia e descalabro, embora impressionantes pela poesia das velhas coisas, pouco vulgar em terras do Japão.

Sigâmos por uma rua qualquer, ao acaso. Ruas geralmente muito longas, estas ruas japonezas, mesmo em aldeias; estendendo-se em linha recta, cruzadas de quando em quando por travessas, tambem em linha recta. Muito limpas; são os moradores que as varrem, com escrupulos de minucia, cada qual na parte que fica em frente á sua casa; o officio de varredor municipal é desconhecido no Japão. De cada lado da rua, seguem as habitações, que mais parecem, para os olhos de quem pela primeira vez as relanceia, gaiolas para desconhecidas aves — cegonhas? avestruzes? que sei eu! — do que casas para gente alli viver. De diminutas proporções, construidas de madeira sem pintura, com um unico andar ao rez do chão ou com dois andares, telhados cobertos de pesadas telhas negras, ou de palha nas aldeias, amplas aberturas á guisa de janellas, resguardadas por caixilhos em xadrez, sobre que se colla papel branco, fechadas de noite por uma especie de taipaes; para maior estranheza, pequeninas varandas, gradarias de bambu ou de madeira, alpendres, balaustradas, salientam-se aqui e acolá, complicando os aspectos; em baixo, por vezes, alguns arbustos vicejam. Se a casa é ao mesmo tempo habitação e estabelecimento de negocio, uma ou duas paredes do andar ao rez do chão são suprimidas durante o dia e parte da noite, para melhor deixar patente o estendal das bugigangas, mil bugigangas, muitas d'ellas de applicação desconhecida do europeu, dispostas com arte e com cuidado, num curioso kaleidoscopio

de colorações hilariantes. Tal é, a correr, a correr, para não enfadar muito, a impressão com que ficamos da casa japoneza, com ligeiras modificações de terra para terra, no Japão propriamente dito; na Formosa, na Coréa, accentuam-se necessariamente differenças de maior vulto. Multiplicae agora estes exoticos casinhotos muitas vezes, muitos milhares de vezes, muitos milhões de vezes; enfornae em cada um d'elles uma familia japoneza, de cinco ou seis pessoas, quando não de muitas mais; e tereis assim grupado, convenientemente, o formigueiro humano que é o Dai-Nippon, o imperio de setenta milhões de almas, o archipelago das ilhas sem conto, que surgem das enormes profundezas do Pacifico e que tremendos abalos subterraneos sacodem de quando em quando, o paiz que de um lado defronta com a China, vizinha, e de outro lado com a America, mui distante, a terra que nos encanta pelos seus caprichos naturaes, pelos seus costumes intimos, pelos seus mimos de arte, e que nos assombra igualmente, pelas suas recentes glorias, ganhas luctando contra a China e ganhas luctando contra a Russia!...

*

* *

Penetrêmos n'uma casa japoneza deixando á porta os sapatos. O sobrado, que se eleva cerca de meio metro sobre o solo, é invariavelmente revestido de esteiras, pequenas esteiras, ajustadas umas de encontro ás outras,

espessas e fofas. Logo á entrada, notam-se cuidados prodigiosos de limpeza. A casa do pobre é asseada; mas se não é a casa do pobre, mas sim uma simples habitação de conforto mediano, o viço das esteiras, que frequentemente se renovam, é de uma frescura encantadora, é um deslumbramento. O aceio é uma das qualidades mais brilhantes do povo japonez. Seguindo mais para dentro, vamos encontrar por toda a parte, em tudo, o mesmo aceio, que já observáramos á entrada. Pode dizer-se que, na habitação japoneza, o principal luxo, muitas vezes o unico, é a limpeza; mas esta tam requintada, que embriaga!... Mobilia, no sentido que lhe damos, nós da Europa, quasi que não existe, ou não existe; não ha cadeiras, não ha sofás, não ha leitos; as colchas, com que se preparam á noite as camas, estão guardadas. O altar dos mortos, onde cada membro desapparecido da familia tem o seu logar marcado, e a sua chavena com chá e a sua taça com arroz especiaes, encontra-se longe das vistas, em algum sitio ermo, proprio para a meditação e para a prece. Falta a quinquilharia varia, que serve, nas nossas casas do Occidente, para ornamentar os aposentos. Pelo chão, vemos algumas almofadas ou cochins forrados de seda ou de algodão, sobre os quaes as pessoas ajoelham; a mais, o brazeiro, boceta com tabaco, cachimbo minusculo e os miudos utensilios em que se vae servir o chá, que se nos offerece. N'um pequeno espaço á parte, que parece cavado na parede, como um nicho, suspende-se geralmente um kakemono; e cerca,

n'uma jarra de bronze ou de porcelana, verdejam folhagens, ou espigam florescencias, dispostas segundo as regras da arte maravilhosa com que n'este paiz se compõem ramalhetes. As paredes são cobertas de estuques, alguns de bello effeito, por exemplo quando a mica entrou no seu preparo. Largas peças rectangulares, feitas de folhas de papel sobrepostas, ornamentadas de desenhos nas suas duas faces e emolduradas em caixilhos de charão, descem do alto a baixo, do tecto ao chão, podendo deslisar em ranhuras; de sorte que, a um leve esforço, eil-as a approximarem-se ou a afastarem-se umas das outras, isolando ou escancarando os aposentos. Dae agora ao ambiente um meio tom de luz, a luz coada e atenuada em seus bruscos clarões, uma luz côr de perola, devida á semi-transparencia do papel que faz o effeito de vidraça, — luz de paz, luz de sonho, luz profundamente impressionante. — Acaso, para alem de alguma corrediça entreaberta, se accusarão de surpresa verduras de jardim, um jardinzinho de minusculas dimensões, todo elle frescuras de musgos e de ramas de arvoredos, donde surdem dois ou tres rochedozinhos acavalgados uns de encontro aos outros, dando ideia de uma rustica paizagem natural, em miniatura. E tendes assim, em breve descripção, o que seja uma casa japoneza, classificada para todos os effeitos na cathegoria de bens moveis, com plena razão para fazel-o; pois se, por qualquer motivo — imaginae que a municipalidade quer alargar a rua, — tem de mudar de poiso, nada mais

facil ao senhorio do que encarregar tres ou quatro carpinteiros de removel-a para uma distancia de alguns metros, segundo as conveniencias.

*

* *

Conhecida a casa, povoêmol-a com a família. Uma grande família, em geral. Nomeêmos, em primeiro logar, o dono da casa e a sua esposa. Juntae ao casal o bando das creanças, muitas em regra,—sabeis sem duvida a fama de prolifera de que gosa a familia japoneza.—Juntae agora os velhos; rara será a casa, onde não se encontrem velhos,—entre pae, mãe, avô, avó, etc.,—especialmente se o dono da casa é filho primogenito, situação que lhe confére honras notaveis, mas tambem grandes encargos a cumprir. Se a familia é abastada, addicionae as criadinhas, acaso outros serviçaes. Toda esta gente gira, rodopia de um lado para o outro, no exiguo espaço do acanhado abrigo; mas sem attritos, sem difficuldades, n'uma admiravel comprehensão dos seus misteres, lembrando formigas em labuta; ao mesmo tempo, sem ralhos, sem altercações, quasi em silencio; nem mesmo se ouvem gargalhadas, a gente japoneza não sabe rir, sabe sorrir, e a sorrir a vemos quasi sempre. Consta que ha no Japão, excepcionalmente, sogras terriveis, que tornam a existencia das noras lamentavel, e que ha madrastas crueis; assim será; no entretanto, de maus tratos, de se-

vicias, não se dá fé; poderão ter logar pressões surdas, duras imposições segredadas ao ouvido e cumpridas em silencio; mas a compostura, o decoro, são preceitos de que ninguem se afasta. Quanto ás creanças, se são de tenra idade, passam os dias às costas das mães, ou mamando, regalo que só termina quando regeitam o seio, aos dois ou tres annos de idade, ou ainda mais tarde; ou transitam das costas das mães para ás costas das irmansitas mais crescidas, ou para as costas das criadinhas. Desde os cinco ou seis annos, as creanças fazem o que querem, passam a vida na rua, em bandos galhofeiros, isto sobretudo entre as familias mais humildes. Galhofeiros!... Mas observae attentamente todos aquelles rostinhos infantis; por vezes, cessam de brincar; tornados serios, os rostinhos accusarão, por instantes, traços severos, alheios ás creanças da raça branca, traços que apavoram, que como que traduzem fugidias reminiscencias da longa experiencia das coisas e do duro julgamento dos eventos,—heranças romotissimas, transmittidas pelo sangue e que tiveram o condão de avincar-se mais intensas, mais profundas, mais indestructiveis nos cerebrosinhos nipponicos, do que nos cerebrosinhos occidentaes; a creança japoneza offerece-nos occasionalmente, pela sua expressão physionomica, o aspecto de um velho muito velho, typo da alma racial, que data de millenios. Aos oito annos, as creanças começam a frequentar a escola, sem abandonarem a rua em horas livres, dando-se então, particularmente os rapazes—pe-

queninos mongolicos sem freio em seus instinctos — a toda a especie de disturbios, massacrando os insectos a que dão caça, trepando ás arvores dos vizinhos, destruindo os pardaes nos ninhos, etc. Quanto aos velhos — pobres velhos! — brincam tambem — duas vezes somos creanças, — ou dão-se a occupações do seu agrado, arrancando as hervas ruins que nascem junto á porta, ou varrendo a rua, ou em qualquer coisa n'este genero; inteiramente desinteressados de qualquer parte activa ou dirigente no seio da familia, pela transferencia de deveres e de direitos que fizeram, quando se julgaram inuteis, ao filho primogenito.

*

* *

O dono da casa é o rei, a quem todos obedecem, sem sacrificio, porque, pelos costumes, é um prazer obedecer-lhe; rei pouco incommodo todavia, rei-patriarcha, que manda e não admitte escusas para a falta de cumprimento das ordens que ditou, mas complacente e sereno, cuidando do bem de todos, desde a esposa, que elle protege e encaminha na vida como se protege e encaminha na vida uma creança, até ás verdadeiras creanças, que são seus filhos, até ás criadinhas, se as tem, as quaes, pelo facto de viverem debaixo do mesmo tecto, gosam de mais direitos e attenções do que as nossas criadas, nas casas europeias.

Para se comprehender com a possivel clareza a importancia especial do dono da casa no seio da familia, precisamos de estudar o lar domestico sob um novo aspecto, o que nos leva a insistir sobre o culto dos avós, fóco primordial de attracção e de acção na inteira existencia japoneza. Em virtude da ordem por que se vão desenrolando n'estas paginas as minhas impressões, relativas á feição moral do povo japonez, qualquer caracteristica typica não jorra, não pode jorrar de um jacto, como por exemplo um objecto de bronze, surgindo do molde onde esfriou. Bem pelo contrario, lento é o processo das minhas elaborações; esboçando agora uma ideia, a medo, para mais tarde, n'outra occasião propicia, voltar ainda ao assumpto, retocando-o, precisando-o nos detalhes, e voltando ainda muitas vezes ao mesmo processo de retoques, tantas, quantas me pareçam convenientes para o amplo esclarecimento de uma convicção a que cheguei. E' o que tem vindo acontecendo com o culto dos mortos no Japão, de uma importancia capital para o conhecimento da alma japoneza. Volto agora a falar n'elle, sem dar a materia por concluida; pois ainda terei, mais adiante, de volver ao mesmo thema, até perfeita certeza de que mais nada saberei dizer, que esclareça, que illumine a ideia que se gravou no meu sentir.

Para a mentalidade japoneza, o culto da familia é tudo, a razão de ser da existencia; não o culto da familia viva, mas o culto da familia morta, o culto dos avós desapparecidos. Estes avós, pelas suas proprias virtudes durante

a apagada existencia, e pelas propiciações que os vivos lhes tributam, no desempenho dos ritos familiares, alcançam a bemaventurança; e os seus espiritos agradecidos pagam em affectuosa protecção os cuidados rituaes que se lhes votaram, guiando os vivos nos seus passos sobre a terra, aplanando-lhes difficuldades, encaminhando-os tambem para a bemaventurança esperada. Vive-se pois, pode dizer-se, para morrer; e morre-se para viver. O lar é o templo principal d'este portentoso culto, e local escolhido para a execução dos ritos principaes, praticados junto do altar dos mortos, a manifestação mais visivel e palpavel da inteira doutrina cultual. Sendo a casa o templo, a familia, naturalmente, constitue o grupo dos sacerdotes officiantes; destacando-se de entre todos, tambem naturalmente, o dono da casa, como o principal dos sacerdotes, o patriarcha. Divinisada assim a casa, somos facilmente levados á comprehensão do decoro, da compostura, da decencia, que devem reinar, que reinam, em toda ella. Com respeito ao dono da casa, o patriarcha, pesam grandes encargos sobre elle, como em breve apontarei. Elle encontra-se, todavia, bem compenetrado da missão que desempenha; embora o natural sentimento da sua propria impersonalidade — sentimento racial — tenda a leval-o ao esquecimento de si mesmo, os deveres do sacerdocio impõem-se-lhe, chamam-n'o ás suas responsabilidades. Pois não é elle, sem duvida, no seio da familia, de todos o mais experimentado, o mais culto, o mais robusto, o mais activo, n'uma palavra — o

competente para guiar a esposa e os filhos no caminho do bem, e, muito mais ainda, para actuar como directo intermediario entre os membros mortos e os membros vivos da familia, no tocante aos interesses dos dois grupos — o grupo dos mortos e o grupo dos vivos?... — Por isto, elle se colloca em evidencia, como o ser mandante, e exige que a sua vontade se respeite. Por isto, elle é o rei, na sua casa.

Um templo, a casa de familia. E certamente um templo de virtude, de honestidade, de pundonor, que não deslustre, emfim, a sagrada missão a que é votado; as raras faltas, que se comettem, são punidas com rigor extremo. Quereis exemplos? Ha milhões para contar, na memoria do povo; e quando estes milhões de exemplos estiverem escriptos e contados, ainda teremos deixado em esquecimento muitos milhões de exemplos; não teem fim; datando uns — a grande maioria — dos velhos tempos idos, mais rudes nos processos e tambem mais briosos; outros datando dos dias que agora estão correndo, desabusados, mas sem que cesse do palpitar a alma japoneza. Segue um exemplo. No tempo da administração dos Tokugawa, a casa de um samurai da provincia de Satsuma foi visitada por certo negociante de fazendas, trazendo d'ellas farto lote, para escolha e compra entre a familia. Como sempre succede em casos taes—ainda hoje, — houve reboliço entre as mulheres; examinou-se tudo, palrou-se, discutiu-se; até que finalmente a esposa do samurai comprou algumas peças de fazenda, as filhas

tambem compraram, as criadinhas tambem compraram, cada qual segundo as suas posses. Poucos dias depois, voltou o negociante á mesma casa, informando de que, na sua primeira visita e durante a confusão da escolha e das palestras, alguem aproveitára aquelle ensejo para se apoderar, indevidamente, de uma peça de fazenda, que lhe faltava; e pedia providencias. O samurai, ardendo em colera, declarou ao visitante que ia já indagar do caso succedido, e, se fôsse falsa a informação, como julgava, lhe cortaria a cabeça sem demora; se porem fôsse verdadeira, o culpado, em vez d'elle, soffreria igual castigo. Indagou; foi rapido o processo; ninguem ousa mentir ao dono da casa; a propria esposa do samurai confessou que fôra ella quem roubara uma peça de fazenda; o dono da casa cortou-lhe immediatamente a cabeça. Agora um outro exemplo, este recente, pois data apenas de alguns annos. Passou-se a scena em Nagano, capital do districto do mesmo nome. Certo homem politico proferiu uma covarde mentira. Então, sua esposa vestiu-se toda de branco, como se vestem aquelles que vão entrar no paiz dos espiritos; purificou os labios, conforme os ritos sagrados prescrevem, e, indo buscar um velho sabre, reliquia da familia, suicidou-se; em carta, que deixou, lamentava não ter mais vidas para dar, em expiação da vergonha soffrida e do crime de seu marido. Até hoje, o povo vae orar junto do tumulo, que enfeita com flôres; e implora os deuses para que em suas filhas palpitem corações da tempera do coração d'aquella infeliz esposa.

Fica-se agora melhor comprehendendo a importancia immensa da familia, na vida japoneza. O individuo é nada, a familia é tudo. A familia é e foi sempre a unidade de referencia, não o individuo. Nos velhos tempos, era sobre a familia que pesavam todas as responsabilidades, não sobre um dos seus membros. Assim, se um individuo commettia um crime, toda a familia, solidaria perante as justiças do paiz, era punida. O trabalho manual, exigido pelo Estado e para o Estado, avaliava-se a tantas pessoas por familia, cabendo a esta a missão da escolha e mais processos. O mesmo para o serviço de guerra. Umas tantas familias formavam um grupo perante a justiça; havia um chefe para cada grupo, obrigado a communicar aos seus superiores na administração publica todas as eventualidades, todas as alterações occorridas no seu grupo.

Os tempos vão modificando os costumes; mas ainda hoje a familia tem importancia decisiva em muitos casos graves. No decorrer da rotina da vida, o dono da casa delibera, sem appello. Mas, se as occorrencias attingem grande vulto, não é elle que pode resolver, tornando-se simples e obediente membro, respeitador da vontade da familia, que não é a familia domestica, mas sim a familia inteira, composta de todos os parentes proximos, dispersos por aqui e por alli; reunindo-se então em magno conselho, para deliberar. Tal será o caso, por exemplo, quando se trata de um casamento complicado, ou de adopção de filho estranho, ou da exoneração n'um filho

primogenito dos seus direitos e deveres como futuro herdeiro, em virtude de incapacidade, physica ou moral, para tal cargo.

*

* *

Bem. Está percebido porque o dono da casa é o rei na sua casa, rei-patriarcha, senhor do seu papel; mas geralmente rei benevolo; – que não o contrariem todavia em seus dictames... porque, então, mal se concebe té onde o levaria a alma em colera!... – rei benevolo, cuidando da felicidade de todos.

Podemos agora imaginar o machinismo familial em movimento. Complicada coisa, constituida pelo agrupamento de mil pequenos nadas, pela execução de mil frivolidades, exercidas dentro d'aquellas casinhas de acanhadas proporções, mais parecendo-nos casinhas de bonecas. Se a casinha é pobre – e pobres são as casinhas quasi todas, – se os recursos monetarios se avaliam pelo salario de um carpinteiro, ou de um estucador, ou de um barbeiro, ou coisa parecida, ou pelos modestos ganhos grangeados de hora a hora, de cobre a cobre, com a venda d'aquellas bugigangas com que a cada momento deparamos nas lojinhas, a faina complica-se. Despensa-se então a criadinha. A esposa do dono da casa é tudo, ou quasi tudo. E' ella a cosinheira, quem cuida da limpeza, quem lava a roupa, quem cose os kimonos, quem banha os filhos, quem se dá a mil outros misteres, de que é im-

possivel tomar nota. Mas tudo se faz de cara alegre, entre sorrisos, e com uma destreza em movimentos, e com uma arte maravilhosa de mãos habeis, que é coisa de pasmar!... Facilita por certo o expediente a rapidez em preparar um repasto japonez, — arroz cosido, algumas hervas em salmoira, acaso um peixinho assado sobre brazas. — E fica a gente a scismar nos apetites de carnivoro do homem branco, ao qual se julga indispensavel poder refocillar-se em viandas, se se quer d'elle auferir amplas energias productoras...

Tentei lançar um rapido relance na vida intima do povo japonez, sem descer todavia aos antros de miseria. Se alongasse as minhas investigações té ás aldeias, té aos campos, longe dos grandes centros, quadros viriam offerecer-se de bem mais rudes apparencias, na lucta pela vida d'aquelles pobres homens, d'aquellas pobres mulheres, cultivando pacientemente o arroz, a cevada e outros vegetaes, trepando pelas serras em busca de combustivel, trabalhando arduamente na obra das irrigações, abrigando-se á noite em casebres sem sombra de conforto, alimentando-se mal, alguns... comendo alpista, como os canarios. E que diria eu da existencia humana das povoações maritimas, onde se vive do que o mar dá — o peixe — e onde se morre do que o mar dá — a tempestade?... — Mas ponhâmos de parte essas existencias dos menos protegidos da fortuna, em campos e em praias, distantes das grandes arterias de transito, das vias ferreas, dos grandes centros populosos, privados de quasi todos

os beneficios da civilisação. Não os abandono por despreso, pois estão bem longe de merecel-o; mas, em verdade, essas grandes massas de gente inculta, no Japão como em qualquer parte, não representam porção alguma pensante da população do paiz onde residem; são ainda parcialmente seres humanos, vivendo de instinctos, não de ideias; simples almas rudimentares, os troglodi-tas do seculo XX da nossa éra christan não offerecem serventia ao nosso estudo, que se occupa da alma japoneza.

*

*   *

Voltêmos a falar da familia modesta, que de principio escolhemos para as nossas divagações e representa a enorme maioria da população do imperio; modesta, mas comparativamente culta, que vive em Tokushima, ou em Nagoya, ou em Kyôto, ou em Otsu, ou em qualquer outro nucleo de actividades do Japão.

Poderá parecer talvez que a vida japoneza, tal como a temos vindo relanceando, pesa dura e monotona, no meio da familia. Não acontece assim, porem. Os japonezes teem o dom de sujeitar-se admiravelmente ás circunstancias, de amenizar os rigores da labuta por processos só d'elles conhecidos, de encontrar distracções nas minimas occorrencias, que enfadariam outros. O clima, do qual se dizem maravilhas, não sem motivo, é arduo todavia, abrazador no verão, frigido no inverno. Pois,

d'estas condições climatericas o japonez sabe tirar o melhor partido. Durante o estio, quando o sol queima e o ambiente soffoca, o vestuario soffre modificações extremas. Quando na intimidade caseira, os homens passam a viver quasi nus, usando apenas do simples *fundoshi*, que é uma estreita faixa de pudor, ou antes de limpeza, cingido em logar apropriado. As mulheres, sem kimono, cobrem-se com um panno, da cintura aos joelhos. Assim se trabalha, assim se palestra, assim se dormita, em curtas sestas de regalo. A' tarde, diariamente, é o prazer do banho caseiro, servindo para o caso uma larga celha, cheia de agua quente, por onde cada membro da familia vae passando, por ordem de precedencia. Esta celha é ordinariamente collocada fóra de casa, no pateo trazeiro, entre verduras, sem receio das vistas dos vizinhos. Estáme agora lembrando a scena estranha, que eu presenceei ha poucos mezes, em pleno agosto. — O meu vizinho do lado, carpinteiro, de volta do trabalho, banhava-se dentro da celha, nú claramente, ostentando uma bella carnadura alambreada, musculosa, esbelta, com um não sei quê de estatua de Buddha, fundida em fino bronze; e as suas tres filhitas — tres annos, cinco annos, nove annos, — núas tambem, divertiam-se em subir pelo corpo do pae arriba, descendo depois aos trambulhões, até virem chapinhar na agua fumegante; o Buddha ria, esquecido da sua sisudez de patriarcha; a esposa, que eu não via, por se achar dentro de casa, por certo esperando a sua vez para tambem vir banhar-se, soltava risadinhas

discretas; dir-se-hia tudo aquillo, salvo o fumo e salvo o riso, uma familia de phocas, brincando, na paz dos mares, sobre a cavidade alagada de um rochedo. — Lavados todos, perfumados, penteados, é então um regalo vestir a familia, sobre a pelle, os seus simples kimonos de algodão, escrupulosamente limpos, e ir para a rua, cerca da porta, levando bancos de repoiso, sobre os quaes todos se assentam, abanando-se para refrescar o corpo e afugentar para longe os bandos de mosquitos, palestrando, fumando em deliciosas miniaturas de cachimbos... Mas vem um dia o inverno; succede então o contrario, vive-se fechado em casa, quanto as circunstancias o permittem, vestem-se kimonos sobre kimonos, estofados de algodão em rama, de seda em rama para os ricos; no brazeiro, crepita o fogo, do qual os velhos não se arredam; e á noite, quando chega a hora feliz da gente ir-se deitar, mette-se dentro da cama um brazeiro especial, que transforma em delicias as longas horas de somno e de descanço.

Antes de ir mais longe, convindo commentar a nudez ou meia nudez, em que tantas vezes nos apparece a familia japoneza, não serão de mais aqui as breves considerações que vão seguir-se. Não sei quem foi o estrangeiro, que inventou este conceito curioso, á cerca do Japão: — «paiz de flôres sem odor, de fructos sem sabor e de mulheres sem pudor.» — Ponhâmos de parte as flôres e os fructos, posto que alguma coisa haveria que dizer em seu abono. Falêmos das «mulheres sem pudor.»

Se a phrase corresponde a chamal-as impudicas, devassas, libertinas, então, de duas uma: — ou o auctor do conceito viajou no Japão com os olhos fechados, atrevendo-se levianamente a lançar um commento de tal peso sobre materia que elle desconhecia por completo; ou então, se viu, se observou, se comprehendeu, foi um calumniador de infima especie. Os nipponicos em geral, e a mulher nipponica em particular, teem do pudor, do nosso pudor europeu, uma ideia vaga, como succede com todos os povos simples. Para os nipponicos, a nudez não é vergonhosa, quando as circunstancias da vida a reclamam; o que é vergonhoso é patenteal-a fóra d'estas circunstancias, simplesmente como ostentação de formas, visando a acordar desejos. A mulher japoneza dá de mamar ao filho deante de toda a gente; na quadra quente, dentro de casa, entregue á sua lida, poderá apparecer quasi em nudez a quem passar pela rua e espreite para dentro; mas nunca ninguem a convencerá a arregaçar do braço a simples manga do kimono, no unico intuito de attrahir um galanteio, de provocar um apetite. Os japonezes e as japonezas desconhecem totalmente o namoro, o jogo de olhares, os sorrisos insinuantes, toda essa complicada diplomacia sexual, em que os povos do Occidente se mostram mestres, com effeito. A mulher japoneza, de qualquer classe, passando pelas ruas do seu paiz, ou no templo, ou no theatro, ou no comboio, ou em qualquer outro logar publico, é a figurinha mais gentil que se pode imaginar; mas tambem a mais composta,

a mais grave, a mais sisuda. Ainda ha uns trinta annos, as muito amplas tinas dos estabelecimentos de banhos publicos, nas cidades, eram communs para os dois sexos; depois, por condescendencia á critica moralisadora dos estrangeiros, passou-se um cordel ao meio de cada tina, banhando-se os homens de um lado e as mulheres do outro lado; ainda depois, como a critica moralisadora dos estrangeiros não cessava de clamar, isolaram-se os sexos por completo, levantando-se uma parede para o effeito... Todavia, embora a critica moralisadora dos estrangeiros se viesse insinuando e modificando os usos, a moralidade publica não subiu de nivel, antes baixou e vae baixando, cabendo por certo uma grande parte de responsabilidade á onda de civilisação moralisadora, vinda da Europa, vinda da America, entrando a jorros pelo Japão dentro!...

Mas voltêmos ao nosso assumpto.

A palestra com os vizinhos, amena e banal, junto do poço, cavado nas trazeiras das casas e dando serventia a tres ou quatro familias, é tambem um constante passatempo para todos, principalmente para as mulheres em horas em que se encontram para abluções matinaes, para a lavagem do arroz das refeições, para as barrelas, etc. Fala-se do bom e do mau tempo, da carestia dos generos, das noticias de sensação colhidas nos jornaes, —sendo certo que toda a gente lê o seu jornal e o commenta.—As relações entre vizinhos são sempre cordiaes; zangas, disputas, não occorrem; pelo contrario, todos

primam em ser cortezes uns com os outros; está em uso trocarem-se presentinhos, frequentemente, de vizinho para vizinho; até eu os recebo e retribuo. Decididamente, não ha, no mundo inteiro, vizinhos mais amaveis do que estes vizinhos japonezes.

Mencione-se, entre as distracções do lar, o *shamisen*, que é um instrumento de tres cordas, um tanto semelhante á guitarra. Não ha mulher do povo, que não saiba tocar o *shamisen*, pouco ou muito; e rara será a habitação, onde não se guarde, a um canto á parte, um d'estes instrumentos. As tardes e as noites offerecem longas horas de folga; de quando em quando, a esposa virá ajoelhar sobre a esteira, quasi solemnemente, empunhando o *shamisen*; os dedos miudos ferem e primem as cordas; a voz acompanha os sons, por vezes; e a toada prolonga-se em rithmos estranhos, cantando em geral tristes amores, vindos da lenda; toda a familia, fazendo roda, escuta e commove-se.

Não deve ficar em esquecimento o prazer que o japonez e ainda mais a japoneza experimentam em ir fazer compras, ruas fóra. Tal prazer offerece-se frequentemente, quasi diariamente, ou mesmo diariamente, ou duas e tres vezes por dia muitas vezes, a curta distancia do lar, em procura de varias bagatelas, reclamadas na cosinha; ou são os vendilhões ambulantes que passam, soltando pregões, parando ás portas, mercadejando-se. Mas trate-se, por exemplo, de um kimono para a mulher, ou de alguns pares de *geta* para as creanças; então

o caso é mais complicado, exigindo esmeros de vestuario e penteado; por passatempo, alonga-se o passeio até ás ruas luxuosas da cidade, onde as lojas se succedem sem interrupção, á noite resplandecentes de mil lumes electricos, que dão brilhos phantasticos e um ar de festa á scena inteira, por onde formigam transeuntes. O cinematographo e o theatro estão perto; por excepção, o patriarcha determina dar á familia algumas horas de espectaculo...

*

* *

Acabo de nomear, ao acaso da retentiva dos factos relanceados, algumas das circunstancias principaes que acodem a distrahir os espiritos no lar da familia japoneza, não consentindo á insipidez que alli entre e alli se instale. Muito acima porem em importancia, e concorrendo para o mesmo effeito, devem contar-se certas épochas do anno, abundantemente distribuidas pelos mezes, vindo insufflar no seio da familia energias especiaes, alacridades desmedidas, com aprazimento para todos.

Começa a serie d'estas festas com o principio do anno, ou antes precedendo-o, pois, para commemorar dignamente o anno novo, já em meados de dezembro se trabalha. Em primeiro logar, trocam-se presentes entre parentes e amigos, compram-se fazendas para kimonos novos da familia, e preparam-se; proximo do dia do anno novo, envia-se uma enorme profusão de cartas de

felicitação e de bilhetes postaes a amigos distantes, e procede-se ao fabrico caseiro dos celebres *mochi,* bolos de arroz, imprescindiveis em qualquer lar; até que, chegado o primeiro dia do anno, todos os homens vão para a rua, vestidos de cerimonia, trocam-se visitas sem conto entre pessoas conhecidas, passando-se o resto do dia na paz do lar, saboreando-se na intimidade domestica os repastos consagrados pelos costumes. Pouco após a entrada do anno, começam a florir as arvores, as flôres de ameixeeiras em primeiro logar, seguindo-se-lhes as tam famosas flôres de cerejeiras, depois as flôres de glycineas, depois as flôres de iris, um nunca acabar de flôres emfim, acordando desejos de alma — alma japoneza, subtilmente sensitiva a todos os esplendores da natureza, — para ir vêl-as, nos logares proprios; e o dono da casa, por mais atarefado que se encontre, por mais economias que se imponha, sempre encontrará um dia azado para levar a familia a vêr as flôres, o que quasi obriga á petisqueira campestre, servida sobre a relva. Durante a primavera, téem logar a festa das raparigas e, poucas semanas após, a festa dos rapazes; sendo costume, onde haja uma rapariga e onde haja um rapaz — e qual será a familia onde os não haja ? — festejar estes dois dias com pomposas demonstrações de regosijo. As festas nos templos, shintôisticos, buddhisticos, succedem-se a curtos intervallos; e convem, por devoção e passatempo, ir visitar os templos e adorar os deuses. No mez de junho, em noites escuras, reluzem pelo ar os pyrilampos, aos ban-

dos, perto dos charcos, perto das ribeiras; é preciso levar as creanças a vêr os pyrilampos. No fim do estio, é a festa dos mortos, particularmente notavel em Tokushima, pelas danças especialissimas que se exhibem, ao terminar da festa; então, segundo a doce crendice popular, os espiritos dos mortos descem á terra, em visita ao lar familial, onde se demoram durante um dia e uma noite; e está-se imaginando com que alvoroço respeitoso e banquetes rituaes a familia recebe tam distinctos visitantes. No fim do outomno, ao seccar das folhas, jardins, parques, campos e collinas revestem-se de colorações maravilhosas, merecendo especial menção as arvores *momiji*, cuja rama se ruborisa e attinge ardencias phantasmagoricas, de aspectos innarraveis; é preciso ir contemplar esses aspectos. E depois vem o dezembro, approxima-se um outro novo anno, que virá repetir a mesma successão de scenas e novamente impressionar as almas. Emfim, são tantos os pretextos, durante um anno, pretextos religiosos e outros, ou antes todos religiosos — porque religião é tambem essa ancia de relancear a natureza nas suas melhores galas, — para a gente sahir de casa e ir dar alegria aos olhos, que eu agora, querendo rememorisal-os, perco-me n'um labyrintho de reminiscencias tumultuosas, sem conseguir apresentár uma lista, sufficientemente proxima da verdade, dos dias festivos, que empurram para a rua o homem japonez, muitas vezes de companhia com os filhos, com a esposa e com os velhos, se a estes ultimos os rheumatismos consentem a façanha...

*

* *

Vão correndo os annos, vão morrendo os velhos, vão crescendo os filhos. Os rapazes, as raparigas, frequentaram escolas, por certo. Os rapazes, aos vinte e um annos de idade, assentaram praça no exercito ou na armada, serviram a patria, recolheram depois ao lar. Empregaram-se, ganham a vida por qualquer modo. Os rapazes casam muito novos, por costume do paiz; o filho primogenito, futuro herdeiro, perante a familia, de honras e deveres, traz a esposa para casa; os outros vão para fóra, criando nucleos de familias distinctas. As raparigas tambem casam cedo; vão para fóra, para as casas dos maridos, transitando de familia para familia e de deveres familiares para deveres familiares. Se porem acontece não haver na familia filhos varões, nem proprios nem adquiridos por adopção, a filha primogenita traz o marido para casa, adoptado como filho da casa e herdeiro do nome da familia e dos deveres que a herança lhe attribue.

Estudámos assim, muito ligeiramente, o homem japonez no seio da familia. Vamos em breve acompanhal-o, expandindo fóra do lar as suas actividades, effervescentes de mais para poderem ser contidas no exiguo espaço que pode offerecer-lhe uma casinha. Á sua vida exterior, fóra do lar, chamarei eu, para simples conveniencia de

estudos subsequentes, a vida na tribu e a vida no Estado. Quanto á mulher japoneza, não me cumpre occupar-me a seu respeito no tocante a vida exterior, fóra do lar, vida que não existe para ella, ou, pelo menos, não deve existir, na normalidade de um destino. Filha, esposa, mãe, avó, bisavó, até morrer, a familia é o seu meio, não outro. A mulher japoneza, que se desprendeu do lar, que vive fóra d'elle, só poderá ser encontrada, salvo excepções, n'um meio anormal, n'um meio de desgraça e de vergonha, onde os seus carinhos estejam a preço, onde as energias especiaes, que o sexo lhe dá, as quaes reclamam um marido e filhos para se exercerem, se estiolem e se mirrem, sem os ter. Todavia, não a expulsarei inteiramente d'este estudo, como um ser reprobo e nefasto; seguem umas poucas paginas, a seu respeito.

*

* *

Eu vou falar de duas classes de mulheres japonezas, — as pobres *geisha*... e outras, estas ainda bem mais abaixo do que as *geisha* na escala social, e bem mais pobres do que as *geisha*...

Mas o que são as *geisha?* Na Europa, tem-se sem duvida uma ideia muito vaga e muito imperfeita sobre ellas, por não haver na Europa nada, como profissão feminina, que á profissão das *geisha* se compare. As *geisha* não são, propriamente, seres votados a uma exis-

tencia viciosa, de depravação. São em geral filhas de lares de miseria extrema, e receberam do destino o privilegio de haverem nascido gentis, bonitas, captivantes. Qualquer individuo, d'aquelles que se dão ao mister de cultivar, em seu proprio proveito, estas pobres flôres humanas, adquire-as, ainda creanças, por adopção ou outro meio. As *geisha* começam então a receber, pouco a pouco, lentamente, uma educação particularissima, complicadissima e em parte delicadissima; aprendem a tocar na perfeição um instrumento indigena pelo menos, aprendem a cantar, aprendem a dançar, aprendem a vestir-se ricamente, de sedas magnificas, aprendem a ser agradaveis aos homens, quando convivas em banquetes, nas *chaya* (casas de chá), onde ellas serão chamadas, pagas a tanto por cada hora, servindo então os mesmos convivas (homens, porque as damas não frequentam as *chaya)*, enchendo-lhes de *saké*, (o vinho indigena) as pequenas taças de porcellana, e finalmente tornando aprazivel o tempo que decorre, mercê do seu papear gracioso, dos seus gestos — todos arte e gentileza, — das prendas que exhibem — musica, dança, canto, — tudo coroado pelo esplendor da sua belleza emocionante. Nada mais, e nada menos. Descer, ou subir a intimidades mais flagrantes, é-lhes defeso, pelos regulamentos da policia e outras medidas. No Japão, em todas as classes sociaes, ainda as mais distinctas, quando se offerece um jantar a amigos, na *chaya*, é da praxe mandar chamar as *geisha*, que são, incontestavelmente, o mais captivante ornamento

de um festim, sem nada que venha chocar vistas investigadoras do estranho, por exemplo do europeu, que tome parte na funcção; pelo contrario, os europeus que hajam assistido a alguns d'estes banquetes, guardam uma impressão de enlevo, que fica para sempre. Quanto á moralidade das *geisha,* que a policia protege, que poderei dizer aqui?... A vigilancia da policia não pode ser absoluta e infallivel. Mulheres formosas, dotadas de mil attractivos, em frequente convivencia com os freguezes habituaes da *chaya,* cortejadas por elles e cortejando-os, alminhas pervertidas por uma longa educação a que são submettidas, as *geisha* — terror das familias, cujos filhos acaso se perderão algum dia por alguma, até ao ponto de querel-a por esposa, — não devem certamente ser tomadas como modelos de castidade e de candura... estão mesmo muito longe d'isto. Pobres *geisha!* uma ou outra casará talvez, será feliz talvez; mas, uma grande maioria, privadas para sempre do amparo e dos confortos de um lar amigo, passando todas as noites em festas, obrigadas por condescendencia a fartas libações de *saké,* espera-as evidentemente um fim prematuro, triste, esmagadas pela fadiga e por doença...

As outras pobres raparigas, das quaes já fiz menção, ainda bem mais abaixo do que as *geisha* na escala social e ainda mais dignas de piedade do que as *geisha,* procedem da mesma origem, da miseria implacavel, que leva a todos os desmandos e arrasta as suas victimas até aos luxuosos casarões das grandes cidades, onde os seus en-

levos naturaes téem procura. Não é geralmente o vicio que as empurra; ellas são umas simples raparigas, de dezeseis annos, de vinte annos quando muito, que viveram até então a vida que todas as raparigas do seu meio vão levando. Mas morreu o pae, ou entreveceu; a mãe, atarefada, sem recursos, já não tem mais que vender para comprar arroz para as creanças. É a catastrophe. Então, ella, a pobre rapariga, por uma inabalavel intuição do dever filial, como elle se comprehende no Japão, na China e em toda a Extrema-Asia, parte, lá vae, á aventura, sem mesmo ter a consolal-a o sentimento do proprio sacrificio, quasi indifferente, alheia de si propria, da sua individualidade, pensando apenas nos auxilios que poderá enviar á familia, para minorar-lhe a fome. Demora-se na cidade dois annos, tres annos, quatro annos, conforme. Depois, regressa ao lar. Sim, regressa ao lar; pelo menos, assim julga que succeda; mas, n'um grande numero de casos, é n'algum dos hospitaes das grandes cidades que terminam seu fadario essas pobres raparigas, apodrecidas em doenças. Se logram volver ao lar, ai, pobres raparigas!... murchou-se-lhes de todo e para sempre o frescor da mocidade; nunca poderão ser esposas e mães sadias, embora, no seu meio, encontrem maridos complacentes...

Mais umas rapidas considerações sobre as *geisha* e as outras. Não é permittido ignorar a grande influencia esthetica que o maravilhoso Yoshiwara de Yedo, hoje Tôkyô, exerceu sobre a arte, em periodos que ainda não

vão muito distantes. Os deliciosos desenhos, as encantadoras gravuras, as gentilissimas decorações dos bronzes, das porcellanas, dos charões, dos marfins, multiplicando sem conto as figurinhas esbeltas das mulheres, devem em grande parte ás cortezans de Yoshiwara a sua inspiração. Utamaru e muitos outros grandes artistas faziam de Yoshiwara o seu cenaculo de arte, cortejando aquelles idolos de amor facil, as bellas cortezans, ao mesmo tempo poetizas, eximias em preparar o chá, em compor os ramos de flôres, em todas as prendas do seu sexo.

Confesse-se finalmente que estas pobres raparigas exerceram durante alguns annos, inconscientemente — qual de vós o julgaria? — misteres de alta diplomacia na politica mundial, quando o Japão, entrado apenas na nossa civilisação, não tivera ainda tempo de criar sympathias na Europa e na America pela bravura dos seus soldados e pelo estrondo dos seus canhões. Quanto aos encantos da paizagem natural e das artes, eram então só de poucos conhecidos. Os *touristes* de raça branca, que vinham ao Japão, eram poucos então; mas esses poucos, em geral moços descuidados, com bastante dinheiro nas algibeiras e amigos de prazeres, excluidos prudentemente dos lares honestos, iam procurar as *geisha* e as outras, ás quaes pediam um sorriso, uma caricia, que se lhes davam, e com mil vezes mais graça e mais decencia do que as que elles estavam acostumados a encontrar, por esse mundo fóra. Fôram esses sorrisos e essas caricias,

divulgados discretamente em palestras, quando não em livros de viagens, — sem já falar em meia duzia de dramazinhos de amor, tornados celebres, terminando um ou outro em casamento, — que deram origem ás primeiras correntes de sympathia dos paizes da raça branca pelo Japão, o que era evidentemente bem melhor do que correntes de antipathia; e aquellas em breve seriam reforçadas por contingencias de bem mais alto peso.

*

* *

Canta a cigarra durante todo o verão, aqui no Japão, como em toda a parte onde ardam abrazadores calores estivaes, com os quaes aquelle insecto se regala. Ora, succede que, em obediencia ás leis da natureza, regulando os phenomenos da metamorphose, communs á grande maioria dos insectos, a cigarra despe de quando em quando a sua casca, como qualquer de nós despe a camisa; e deixando-a ao lado, volta a cantar. Esta casca é uma extraordinaria coisa, digna de ser observada attentamente; é uma tenuissima pellicula alambreada, resistente, conservando a forma propria da cigarra, salvo as azas, que faltam; de modo que, por um ligeiro esforço de imaginação, pode dizer-se que a cigarra se duplicou, em si propria e no seu cadaver. São numerosas as poesias — pequeninos poemas nipponicos, — que os poetas de todos os tempos téem vindo dedicando á cigarra; um d'elles,

Yayô, a proposito do phenomeno de metamorphose, que acabo de indicar, escreve o seguinte:

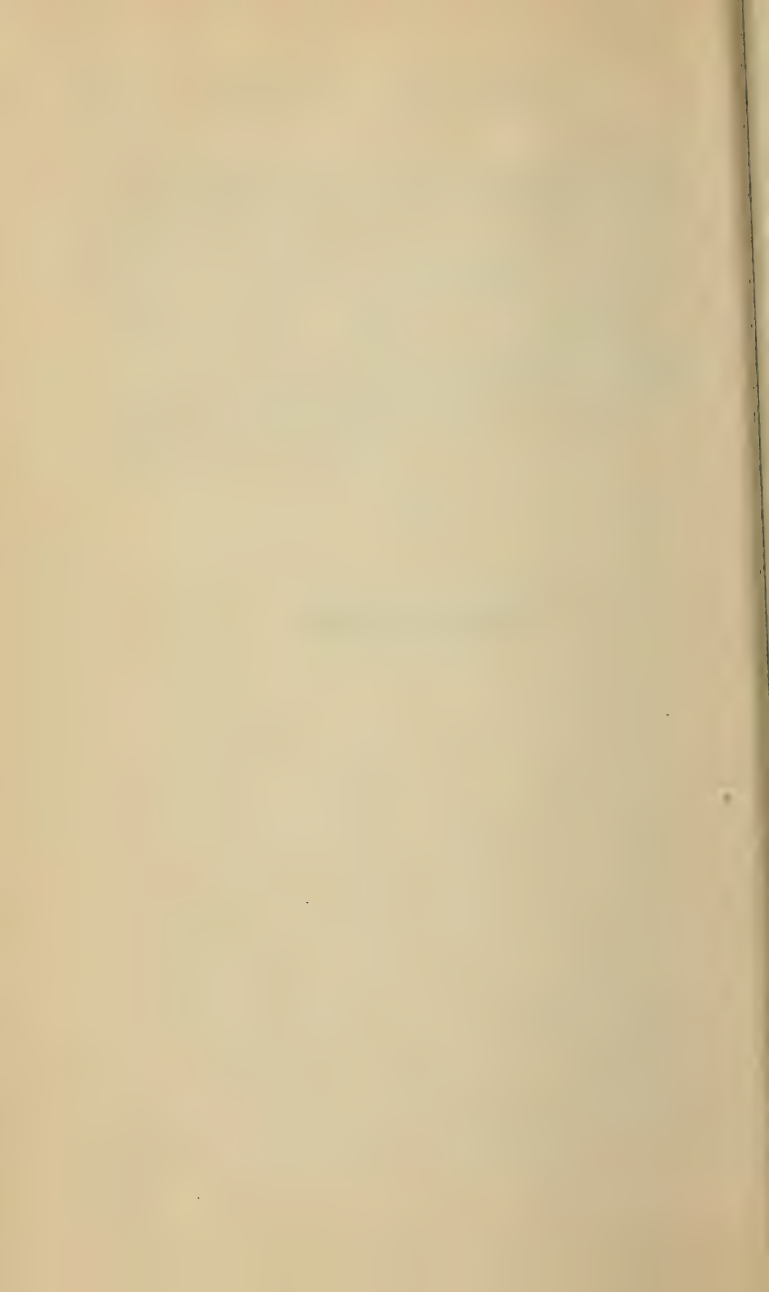
*Waré to waga,*
*Kara ya tomurô,*
*— Semi no koé!*

Este minusculo poema pode traduzir-se em chata prosa, quasi litteralmente, por este modo: — Cantando os officios funebres diante do seu proprio cadaver... ai, a voz da cigarra!... — Basta isto, que é bem pouco, para vir suggerir ao pensamento do leitor uma impressão de delirio, profundamente perturbadora, só comparavel áquellas que por vezes nos acodem, dormindo, durante um mau sonho, febril e angustioso; não logrando definir-se por completo no nosso espirito, porque faltam a este aptidões para sentil-a; embora o perturbe como que a sensação do sopro frio de um ambiente extra-terrestre, aonde houvessemos mergulhado...

Nós podemos, todavia, com vantagem para a nossa concepção, comparar a ideia exposta n'este minusculo poema com factos apreciaveis pelo nosso entendimento. Não achaes que este evento, de estar a cigarra cantando officios funebres em frente do seu proprio cadaver, recorde intensamente a vida das *geisha* e das outras, galhofando, dançando, tocando, cantando — digamos tambem — officios funebres em frente de si mesmas, em frente dos seus corpos, que já accusariam nos rostos terriveis estragos de morbidez, se os cosmeticos não viessem dis-

farçal-os, corpos emaciados pelas vigilias, pelos abusos, pelos desmandos, pela doença, corpos que, realmente, são mais cadaveres de que outra coisa, embora ainda se movam em requebros?... Pobres *geisha,* e, ainda mais pobres, as outras... Não haverá remedio para pôr cobro a esta calamidade?... Não ha, nem no Japão, nem em parte alguma. É um flagello proprio das civilisações avançadas. Entre os povos selvagens, não ha *geisha,* e, que me conste, faltam tambem as outras...

# VI

# A VIDA NA TRIBU

A vida na tribu é préhistorica. Vive-se na tribu, quando o Japão, certamente por muitissimos seculos, ainda não está constituido em Estado, encontrando-se os japonezes reunidos em grupos, em tribus, cada tribu com o seu chefe. Quando Jimmor Tennô, chefe de uma das tribus, vem estabelecer-se no Yamato e alcança preponderancia sobre todas as tribus, estabelece-se o Estado, e cessa então, em rigor, a vida tribal.

D'essa remotissima vida tribal, bem pouco se sabe, sendo o *Kojiki* e o *Nihongi*, os primeiros dois livros que a litteratura japoneza nos offerece, os unicos documentos que alguma luz nos veem trazer sobre o assumpto. Mas o que elles nos dizem, aquelles dois livros, é bastante para chegarmos a comprehender, a breves traços, o que seria então a vida no Japão. Depois, por sabias investigações e interpretações, poude concluir-se que muitos dos factos, que a historia nos aponta, desde passadas épochas até aos nossos dias, devem ser tidos como authenticas supervivencias da vida tribal, e, como taes, de uma alta importancia, mesmo para o estudo da alma

japoneza. É em virtude d'esta ultima circumstancia, que eu incluo n'este meu livro o presente e rapido capitulo; rapido, porque o meu intuito é relancear apenas, seguindo ávante.

Pode pois dizer-se que o japonez actual exerce as suas diversas actividades, na sociedade onde vive, por tres modos, isto é, partindo do simples para o complexo; — no seio da familia, ao que já prestei a devida attenção; na vida da tribu, por supervivencia de costumes; e na vida do Estado. Sobre estes dois ultimos aspectos, cumpre-me dizer alguma coisa.

Na primitiva vida tribal, o que mais destaca como feição da alma japoneza é o culto dos espiritos dos avós, ou o culto dos espiritos dos chefes, ou, direi talvez melhor, o culto dos espiritos dos chefes e avós; porque, em muitos casos pelo menos, as duas ideias confundem-se, ou fundem-se, tendo sido chefes os avós. Uma outra feição caracteristica de então era a obediencia ao chefe. Esta obediencia ao chefe era já uma consequencia directa da instituição do culto, visto que o chefe se tornaria, quando morto, o deus, cujo espirito se adoraria no templo; e a obediencia aos deuses, mesmo no estado de futuros deuses, é preceito imposto nas religiões de todos os povos. Mas pode adivinhar-se uma segunda razão, esta essencialmente utilitaria, que impunha aos japonezes o sentimento da obediencia ao chefe. O phenomeno dá-se, pouco, mais ou menos, com todos os povos primitivos, e até não primitivos. Com effeito, que triste evolução de

um povo seria aquella, em que cada qual se instituisse chefe de si mesmo e obedecesse apenas ao arbitrio de si proprio! ... Pelo que respeita os japonezes tribaes, elles viam no chefe o ancião experimentado, conhecedor da vida, habil nos processos, firme na vontade, o homem de *sciencia* emfim, se *sciencia* é o conjuncto das altas qualidades que acabo de apontar; em quanto que elles — sabiam-n'o muito bem — ignorantes como creanças, com a força do numero mas sem a força das decisões — pobres almas alheiadas da personalidade! — só na submissão ao vulto dirigente encontrariam meios de salvar-se dos inimigos — os ainu — e de vencer todos os estorvos que os cercavam. Os japonezes assim fizeram e assim continuaram; e o sentimento de obediencia ao mando, criando successivamente raizes mais profundas, tornou-se para elles, até hoje, uma intensissima caracteristica racial.

Quanto ao culto tribal, exercia-se elle em torno de um foco principal, o templo, o templo shintoista. A tribu, quando densa, occupando uma vasta area, seria dividida em freguezias; quando pequena, ou quando se tratasse de uma sub-tribu, bastaria uma freguezia. Estas freguezias exerciam uma influencia preponderante nos seus parochianos; digamos mais, — este systema de freguezias seria já um inicio das instituições associativas; — e é facto que a associação medrou cedo e com grande desenvolvimento no seio da nação.

Ora pois, a supervivencia exerceu-se por tal modo, que presentemente vamos encontrar, millenios decorri-

dos, o mesmo systema de freguezias, espalhadas pelo inteiro Japão; cada cidade contem muitas freguezias, cada aldeia tem uma só. Os primitivos nomes dos templos perderam-se certamente de memoria; encontramos hoje algumas freguezias, dedicadas a remotissimos e authenticos personagens da quadra préhistorica. Outras adoptaram para seus patronos nomes de deuses protectores da agricultura, ou alguma alta personalidade posterior ao periodo préhistorico, como por exemplo Hachiman, o deus da guerra. De mistura com os templos-freguezias, outros vemos, que não são freguezias e não dispõem da mesma importancia cultual, como que correspondendo a simples votos de devoção e iniciativa particulares; n'este ultimo caso, está o modesto templo com o significativo nome de Kuni-tama San, o templo da alma da provincia, na cidade de Tokushima.

É evidente que, com o correr dos tempos, a importancia dos templos-freguezias desceu muito, muitissimo. Está muito longe de ser nulla, todavia. O templo-freguezia exerce os devidos serviços cultuaes, cobrindo as despesas por meio de donativos pecuniarios dos seus parochianos. Pratica uma especie de baptismo nas creanças. Protege os seus filhos, *ko,* como os mesmos parochianos são chamados, distribuindo-lhes objectos mysticos, que livram de enfermidades e outros males. Dá-lhes festas sumptuosas, para aprazimento dos deuses e alegria de todos. E, mais do que tudo, estabelece uma intima solidariedade entre todos os residentes de uma mesma

freguezia, os quaes se consideram de certo modo filhos do deus patrono e irmãos conseguintemente entre si. Uma das mais curiosas festividades do Japão é a festa outomnal, que dura tres dias, em cada templo-freguezia. Ha officios cultuaes, ha procissões, ha decorações deslumbrantes, ha divertimentos publicos, ha vendas extraordinarias, para o que se armam barracas ao longo de certas ruas. É de costume, então, prepararem-se banquetes em cada casa, convidando-se os amigos distantes, residentes n'outras freguezias, a virem partilhar d'esses banquetes, gentileza que os convidados retribuem, por igual processo, quando chega a vez de haver festas nos seus templos. Durante taes festas, é prodigiosa a azafama nos mercados, por parte de quem vende, por parte de quem compra; e os vendedores ambulantes cruzam continuamente as ruas, carregados com ceiras, arrastando carroças, acoguladas de peixe, de hortaliças, de fructos, de tudo que se come; e diz-me um pharmaceutico das minhas relações que é então, ou logo após, a quadra feliz para todos os pharmaceuticos e droguistas da cidade—sem já falar nos doutores,—pela muita procura de drogas medicinaes, que curam de dores de estomago, de colicas, de enterites, etc. . . . os grandes sobrios, que são os japonezes, permittindo-se uma excepção no seu regimen durante as festas outomnaes dos templos-freguezias.

Mas a solidariedade, e fraternidade, que reinam entre os filhos do mesmo templo, manifestam-se por mil

modos. O templo não é de ninguem, ou antes, é de todos. Ao amplo terreiro, que geralmente circunda o templo-freguezia, levam as mães as creancinhas e por alli se demoram, pelo inverno para se aquecerem durante o dia á soalheira cariciosa, no verão para respirarem as brisas consoladoras, pelas tardes. No terreiro, divertem-se os rapazes; e agora, em que os jogos athleticos, á moda ingleza, estão em moda no Japão, é alli, propriamente, o seu club, onde se exercitam em taes jogos.

Mesmo, de certo modo, pode dizer-se, que o que é da freguezia é de todos. Aos necessitados da freguezia, deve assistencia a freguezia. Quando, a um meu vizinho, muito pobre, falleceu a mulher, sem que em casa ficassem alguns cobres para as despesas do enterro, os vizinhos mais proximos percorreram as habitações da freguezia, pedindo donativos para que o enterro se fizesse; exemplo interessante da caridade tribal, dispensando, por supervivencia, a assistencia do Estado.

Eu proprio fui a victima, ha poucos mezes, d'esta especie de communismo parochial, ao qual venho agora fazendo referencia. Tenho em frente da porta da minha habitação uma arvore de carvalho, que eu comprei pequenina, espetei n'aquelle sitio ha coisa de onze annos, e alli medrou e se tornou quasi frondosa; no verão, cobre-se de fructos, umas insignificantes bolotas, não comestiveis. Eu gosto de vêl-a verdejante, junto ao lar, espalhando em torno uns contornos de paizagem rus-

tica, que me agradam. Pois o anno passado, não sei por que tonteira, foi varejada a bambú e lapidada a pedregulhos a minha pobre arvore, isto por vezes successivas, por bandos de rapazes e de raparigas, no unico proposito de colherem os infimos fructusinhos, por brincadeira. A arvore ficou em estado lastimoso. Claro está, logo ás primeiras investidas tentei fazer sentir aos assaltantes o disparate do intuito, sem nada conseguir. Depois zanguei-me, com o mesmo resultado. Ora, é evidente que a minha tropega velhice encontraria ainda forças para correr a pontapés aquella sucia de garotos, se eu quizesse usar de tal processo. Mas depois a sucia das mães, e a sucia dos paes, que viriam certamente ter commigo? . . . Para tanto, confesso, não me julgava bastantemente couraçado. Recorrer á policia? . . . Ora, a policia! . . . E, mesmo que a policia resolvesse proteger-me, olhem a bonita situação em que eu ficava, com a animosidade de todos os parochianos de Kompira sobre as costas! . . . Nada. Decidi nada fazer. Para consolo do meu espirito, monologuei o seguinte commentario:—a arvore, aqui fóra de casa, embora quasi encostada á parede, em terreno de que pago o aluguer, não é minha, é de todos, é da communidade, é da freguezia; se pois estes garotos se aprazem em varejal-a, em lapidal-a, que se divirtam . . .

O deus do templo-freguezia, o deus que protege os seus filhos, enviando-lhes, por intermedio dos sacerdotes ao serviço do templo, objectos mysticos, que preser-

vam de doenças, tambem castiga os filhos, quando, raramente sem duvida, appareçam delinquentes, que mereçam punição. Vale a pena registrar n'este logar um dos processos empregados para tal effeito. Durante uma festividade religiosa, quando vae para a rua a procissão, está em uso acompanhal-a uma especie de andor, por vezes de magnifico trabalho artistico e de grandes dimensões, contendo reliquias do deus, ou antes, o espirito do proprio deus. O andor assenta em fortes varas, que dez homens, vinte homens, cem homens, os que fôrem precisos, carregam sobre os hombros; homens novos, robustos, vestindo estranhos uniformes de côres vivas, predominando o branco alvissimo das suas camisolas de algodão; homens esgazeados, exaltados até ao paroxismo por mysticos propositos, gesticulando, gritando, parecendo travarem-se em lucta uns contra outros, lembrando tudo, por vezes, o aspecto de uma festa barbara de tempos idos, como narrada em chronicas remotas. E' que, dizem os carregadores do andor e diz o povo, o deus tem seus caprichos, ora querendo desviar-se do caminho, ora parar onde não deve, ora avançar onde não pode, tornando-se durissima tarefa o levar a procissão ao seu destino. Em uma ou outra occasião, o deus consegue os seus intuitos, indo o andor esbarrar de encontro a alguma casa, avariando-lhe as paredes, causando grossas avarias; e accrescenta então o povo que foi o castigo justo, infringido pelo deus a algum culpado. Não faltam exemplos, mesmo recentes, de acontecimentos d'esta ordem; ainda,

ha cerca de trinta annos, um photographo de Kobe teve a casa arrombada e em parte destruida, por um andor, dizendo-se á bocca pequena que era o deus que assim o punia, por haver-se recusado, allegando ser christão, a pagar a contribuição pedida para certa festividade religiosa de um templo-freguezia. Desde alguns annos, agentes policiaes acompanham geralmente as procissões, cuidando de evitar impetos — mais ou menos justificaveis em principio — das chusmas exaltadas.

*

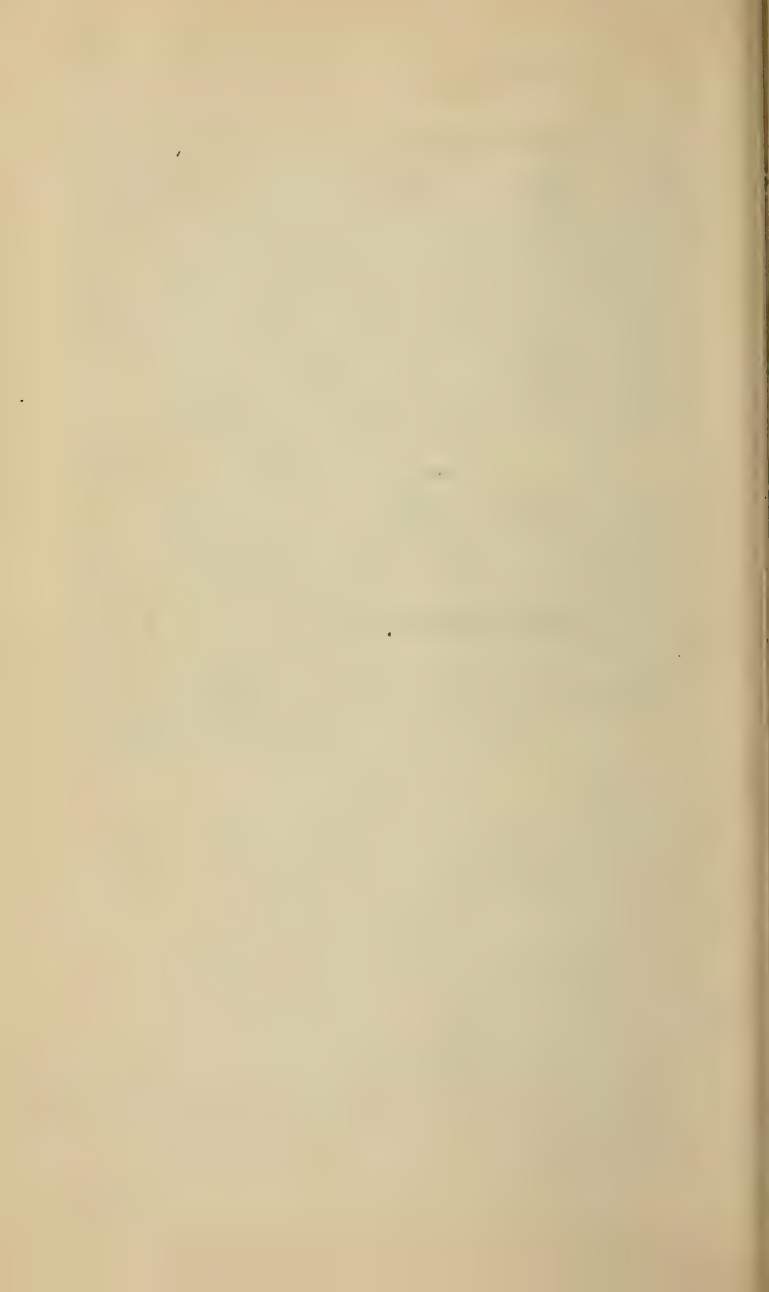
* *

Já mencionei de fugida, que o systema de templos-freguezias deveria ter dado o primeiro impulso ao principio associativo, a que os japonezes imprimiriam bem cedo especial desenvolvimento. Uma outra causa vinha juntar-se a esta, reforçando-a, encaminhando as massas á associação: — era a estranha caracteristica moral da impersonalidade. — Com effeito, esta gente de Yamato, eliminando quanto possivel do drama nacional a sua propria individualidade, ter-se-hia necessariamente considerado bem insignificante, bem incompleta. Um individuo em taes condições de espirito deixa de ser uma unidade pensante e deliberativa, para apenas julgar-se como que um ser mutilado, uma fracção de unidade, sem prestimo para si e para os outros. A ideia da associação acode então. Se um homem só não presta para nada, vinte homens,

trinta homens, unidos pelos mesmos interesses, disciplinados por um chefe eleito, a quem obedeçam cegamente, já servem para alguma coisa, já constituem uma unidade prestadia. Surgiu por este modo uma outra familia, a vir juntar-se á familia de sangue, consagrada pelo culto dos avós; mas esta nova familia tambem com o seu culto, o culto da profissão commum, o culto dos interesses mutuos, o culto da obediencia ao vulto dirigente, dotado de qualidades excepcionaes de energia, capaz de guiar o bando a bom caminho.

Os japonezes cedo se uniram em grupos profissionaes, que vieram pesar, intensamente por vezes, na marcha dos negocios publicos. O nipponico, que hoje vive filiado a um grupo, a uma associação qualquer — util ou nefasta, pois o caso nada importa para aqui, — vive, inconscientemente, a vida tribal, como ella se vivia ha não sei quantos mil annos.

# VII

# A VIDA NO ESTADO

CONSTITUIDO o Japão em Estado, cessa a vida na tribu; cada qual serve o Estado. Mas nós sabemos como as coisas se passaram. Succedeu á vida tribal o periodo muito pouco documentado e muito pouco conhecido dos soberanos-patriarchas, quando o Japão vivia a sua existencia obscura, occupado na obra de construcção de si proprio. Veiu depois a influencia palaciana dos Fujiwara. Vieram depois as sangrentas contendas militares entre os Taira e os Minamoto. Após, com Yoritomo, elevado a shôgun, começa a vida feudal, cujo regimen se foi successivamente aperfeiçoando, até aos nossos dias. Cahindo por seu turno o feudalismo e dando-se a restauração imperial, é então, e só então, que, em rigor, o japonez serve o Estado, a Patria, pois, antes d'isso, servia o seu daimyô. Conhecemos os traços dominantes da vida feudal. Tambem conhecemos, pela historia e pelo pouco que ficou já registrado nas paginas d'este livro, o prodigioso desenvolvimento que se produziu no imperio, respeitante á nova civilisação, que invadiu o Dai-Nippon, transformando tudo e todos, em apparencia pelo

menos. Pouco mais terei que dizer sobre o assumpto, n'este capitulo a que dou começo agora e que brevemente terá fim.

A mais notavel caracteristica moral dos japonezes perante o Estado é certamente o seu grande amor ao soberano.—Amor,—disse eu; mas é forçoso comprehender, se possivel é, quanto se contem de complexo na palavra. Amor, como culto religioso. Alguma coisa tambem de piedade filial.—E ainda—mas temo que as palavras não lograrão interpretar o meu sentir,—amor, com o alvoroço passional que funde a ideia do soberano com a ideia da patria, com a ideia de um turbilhão de esperanças fulgorantes nos destinos do paiz!... Lafcadio Hearn perguntava aos seus discipulos japonezes qual era a coisa que elles mais desejavam n'este mundo; e muito d'elles respondiam-lhe:—«Morrer pelo nosso imperador!»—Talvez que esta simples phrase diga mais do que mui longas paginas, que eu quizesse aqui reunir sobre o assumpto.

E' digno de especial interesse o facto de que todos os japonezes pensam do mesmo modo. Physicamente, o typo do nipponico pouco differe, de individuo para individuo. Mentalmente, observa-se que todos os japonezes pensam de uma maneira identica, levando em conta, é, claro, differenças de cultura, de nivel social, etc. Quer isto dizer que a raça japoneza attingiu um estado perfeito, ou quasi, de integração. Continuará evolucionando, sem duvida—nada ha estavel n'este mundo;—mas,

no momento presente, com os elementos de que dispõe, chegou ao que podia chegar. Acode ao espirito uma circumstancia importantissima, que vem de muito longe e levou a raça a este resultado: o regimen da associação ou da collectividade, ou, por outras palavras, o regimen da impersonalidade individual. O individuo não pensa por si proprio, não pensa pelo seu livre arbitrio; pensa pelo cerebro da corporação ou collectividade, que tem estabelecido o seu programma mental e segue-o sem desvio. Perante o Estado, a primeira associação que vem dirigir o japonez no caminho da vida é a escola primaria; a esta segue-se a escola secundaria; a esta a escola superior; ou é a collectividade militar, que é o exercito; ou é a collectividade maritima, que é a armada; ou é qualquer das collectividades civis, formadas pelos funccionarios dos diversos ramos do serviço publico; ou são as corporações profissionaes, divididas por misteres, por officios, desde o mais alto grau na escala social até ao mais infimo; todas estas associações, collectividades, corporações, agrupamentos de qualquer ordem, trabalham tanto em unisono umas com as outras, tam bem engrenam umas com as outras, que um moço qualquer, encetando um modo de vida, não tem mais do que deixar-se levar pela onda da opinião publica, que lhe é transmittida pelos diversos grupos com que entra em contacto, para sem esforço seu attingir uma ideia das coisas, não a sua ideia — que elle não tem ideias ou pelo menos não as cultiva, — mas a ideia de toda a gente.

Está-se adivinhando como esta ideia da collectividade, palpitando na alma de cada qual como se fôsse sua, exclue, em regra, veleidades de luctas de competencia, rivalidades profissionaes, ambições de destaque de um contra todos. Dentro de uma mesma profissão, de um mesmo officio, todos cooperam para um fim commum, nada mais. Não faltam exemplos, que venham offerecer-se a confirmar esta asserção. Um d'estes exemplos, tornado por assim dizer classico, por figurar geralmente em livros de auctores occidentaes que se occupam do assumpto, é devéras curioso. Uma casa estrangeira, estabelecida em Yokohama, dada a importantes negocios mercantis, recorreu ha alguns annos á justiça japoneza, pedindo indemnisação de perdas soffridas contra certo fornecedor japonez, que faltára, allegava-se, á boa fé dos seus contractos. Instaurado o processo, seguiu o seu curso ordinario; em julgamento final, a justiça japoneza dava razão á casa estrangeira, condemnando o japonez n'uma forte indemnisação. Quando parecia assim tudo acabado, apresenta-se ao manejante da firma estrangeira um grupo de negociantes japonezes, declarando-lhe que o seu collega estava prompto, pela força das circunstancias, a indemnisal-o das perdas que dizia ter soffrido; mas o grupo aconselhava-o a não acceitar quantia alguma, dando o assumpto por concluido; e isto porque, no caso em que o estrangeiro insistisse em cobrar a indemnisação, todos os negociantes japonezes se recusariam, a partir d'aquelle momento, a negociar com a firma mencionada.

O negociante estrangeiro, não lhe convindo fechar o estabelecimento e retirar-se do Japão, acceitou o alvitre. Commentando, resta dizer que talvez, n'outro qualquer paiz do mundo, um caso semelhante incitaria todos os commerciantes nativos a aproveitarem-se do ensejo de vêrem condemnado o collega, para virem offerecer os seus serviços ao estranho, no intuito profissional de alargarem a sua esphera de actividades; no Japão, primando o orgulho de classe, procedeu-se exactamente de modo bem differente.

Ao dar fim a este capitulo, pergunto:—são cordiaes as relações dos japonezes com os estrangeiros?—Não são; pelo menos, conviria que fôssem bem melhores. De quem é a culpa, dos japonezes, dos estrangeiros?... De todos. Eu já me occupei d'esta questão no *Relance historico* que precede o presente *Relance.* Não vale a pena insistir no assumpto. Apenas por simples curiosidade, observarei aqui que as creanças japonezas, quando de um anno de idade, de dois annos de idade, ao collo das mães, desatam a chorar se acaso fitam um rosto de europeu... Ah, o tremendo mysterio das repugnancias de alma, das repugnancias raciaes!... Mas muito se pode fazer, no sentido de dissipar quanto possivel estas aversões instinctivas; e os japonezes hão de fazel-o, no proprio interesse, sempre que o seu nobre orgulho lh'o consinta.

# VIII

# O AMOR

POUCO a pouco, na tela do nosso pensamento, tem vindo definindo-se, em traços por vezes indecisos, o perfil moral do individuo, dos individuos, da interessante familia japoneza. Precisamos de ser mais minuciosos, de indagar quanto possivel todos os aspectos, de retocar apparencias, para que o quadro nos deixe de certo modo satisfeitos.

Nós, homens da raça branca, estamos habituados a admittir uma tam alta importancia na ideia do amor e na ideia da morte — ideias bem differentes todavia, — como manifestação da alma europeia, que, entrando no campo exotico, occorre logo perguntar: — Qual é a ideia que os japonezes fazem do amor? como amam elles? e qual é a ideia que elles fazem da morte? como morrem elles?... Satisfarei, dentro dos limites da minha mesquinha competencia, esta natural curiosidade. Do amor, trato no presente capitulo. Da morte, tratarei no capitulo seguinte. Mas convem observar, antes de tudo, que se tem exaggerado um tanto a importancia do amor nas sociedades europeias, como manancial de encantos,

ungido de requintes de poesia, influenciando profundamente nos destinos dos individuos e dos povos. Este meu commentario, acompanhado das breves considerações que vão seguir-se sobre o amor europeu, é de notavel conveniencia para o meu caso, visto ser meu proposito fazer sentir que, na mentalidade nipponica, ao contrario do que geralmente se attribue á raça branca, o amor não attinge, commummente, proporções de um sentimento de importancia decisiva; admittido que seja, se fôr, que nós, europeus, temos exaggerado um tanto a importancia do amor nos seus enlevos, ficarão sensivelmente atenuadas as dissemelhanças emotivas entre japonezes e europeus, referentes ao mesmo sentimento.

Tem tantas significações o amor e tantos téem sido os seus interpretes!... Philosophos, sabios, poetas, romancistas, ascetas, mundanos, apaixonados, doentes, loucos, criminosos — e a lista está longe ainda de poder ser julgada completa, — todos hão dito tantas coisas do amor, que a gente — a pobre gente ingenua — afoga-se n'uma innundação de palavras e de conceitos, sem que possa escolher, para seu governo, um simples punhado de verdades sobre o assumpto. Acceitêmos que, para aqui, o amor seja a sympathia que se manifesta entre dois individuos de sexos differentes. — Fica assim implicitamente comprehendido, que o amor é a manifestação humana de um portentoso principio universal — a conservação das especies. — O amor é pois primeiro do que tudo, um sentimento organico. Todas as classificações, que se lhe

attribuam, de physico, platonico, ideal e não sei quantas mais, são phantasmagoricas. Já se vê, ha amor são, amor morbido, amor passional e muitos outros amores, dependentes da idade, do temperamento, do meio, da civilisação, dos obstaculos que se levantam, de mil outras circunstancias concorrentes. No individuo civilisado — homem ou mulher, — o amor é, ou pelo menos deve ser, uma forma agradavel e serena de cumprir obediencia ao grande principio universal.

Nas sociedades do Occidente, cultas e disciplinadas, o amor tem sido, em regra, uma doce emotividade, provocada pelo encontro casual de um homem e de uma mulher, que então se estimam, e, por mutua e livre escolha e assentimento, são levados, como consequencia natural, ao ultimo capitulo do dramasinho intimo, — o casamento. — Já se vê, do encontro ao casamento, e durante alguns mezes ou alguns annos, conforme, deram-se os costumados episodios do namoro, troca de cartas e de retratos, contemplações patheticas nos passeios publicos, nas casas de espectaculo, nas egrejas... Depois do casamento, é deixar correr as coisas por si mesmas: — o amor esfriará, cessará em breve, substituindo-se-lhe a gratidão, a amizade, o prazer calmo de se caminhar na vida de mãos dadas, dois a dois. — N'este processo, o esposo e a esposa operaram inconscientemente, sem se importarem, nem de leve, com o tal principio universal; o filho, que nasce, é quasi uma surpresa, embora grata.

Este é o quadro trivial da grande maioria dos amores, os mais ditosos. Amores tristes, amores tragicos, amores nefastos, amores terriveis, amores ferozes, amores criminosos, são raros, felizmente; a gente conhece-os de ordinario pelos romances, pelas poesias, pelas obras de arte, pelos theatros; mas não vae mais longe a nossa educação em tal materia. Ainda convem esclarecer um ponto. Falei na mutua e livre escolha e assentimento a que os noivos se dão, antecedendo o matrimonio. Sobre isto, ha variantes. A escolha é tantas vezes tam rapida, tam pouco escrupulosa, que mal pode ser julgada como uma seria selecção. Outras vezes, não houve mesmo escolha, jogaram-se os interesses brutalmente, acaso bem mesquinhos; ou deu-se oppressão, por parte da familia, ou por parte de outrem, sendo a mulher mais commummente a victima, por ser mais fraca. No entretanto, estas ultimas circunstancias, que acabo de apontar, não acarretam, na grande maioria dos casos, accidentes de alta gravidade para a rotina da vida conjugal; um homem e uma mulher, em presença um do outro, mesmo forçada, estimam-se geralmente, ou pelo menos toleram-se, pela continuação do convivio.

Assim se passam as coisas, de ordinario, nas classes cultas, nas classes semi-cultas. Mas medra ainda o sentimento do amor — se assim posso chamar-lhe — nas classes não-cultas, nos meios torvos da rusticidade e desalinho, onde o ser humano se distingue naturalmente da fera pela feição physica, mas moralmente muito a ella se

assemelha, quando não a excede em requintes de bruteza. Em paz.

Pondo de parte o amor dos rusticos, fica-nos pois apenas, digno de menção, o amor dos cultos e dos semicultos, o amor gentil, que leva de ordinario o individuo direitinho ao casamento. Commentará acaso alguem, um joven, com experiencia tacanha das coisas d'este mundo: — «Mas então é bem banal, o tal amor, de que falam os poetas, exaltando-lhe em rimas os primores! . . .» — Será, não o contesto. A banalidade é santa. Para mais, o bello, o sublime, não se encontram muitas vezes nos aspectos, mas sim nas forças mysteriosas, presentidas todavia, que os inspiram. Quanto aos poetas . . . ora, quem acredita em poetas? . . . Quanto aos poetas, que cantam os amores, elles estão-vos enganando, ficae certo. Elles falam-vos dos amores puros, de effluvios de delicias divinaes; mas referem-se, em verdade, a outros amores, que eu julgava até agora melhor deixar em silencio n'estas paginas. Elles referem-se aos amores impuros, deshonestos, illicitos, criminosos, prohibidos, á enorme florescencia de amores, que medra no fermento nevrotico das multidões, no seio dos grandes centros das sociedades humanas. Esses amores apparentam talvez mais encantos, mais feitiços do que o amor banal — *banal*, como dizeis; — mas pagos á custa de muitas lagrimas, de muitos soluços, de muitos remorsos, ou, pelo menos, á custa do mal indefinivel, cruel em extremo todavia, do desgosto de si proprio a morder na consciencia. São esses amores que

espalham a desordem nos lares, que envenenam os corações, que corroem as sociedades. Não prestam . . .

*

* *

Procurei traçar aqui um breve esboço do amor, como elle é comprehendido e cultivado nas nossas sociedades europeias. Cuido agora de estudar o amor nipponico, comparando-o, quanto possivel, ao amor occidental.

Sem mais preambulos, atiro para aqui esta verdade, que vae encher de espanto os leitores da minha terra, exceptuando os raros, familiarisados com coisas do Japão: — o japonez não casa por amor. — O japonez casa para ter um filho, um descendente, um herdeiro, que perpetue o nome da familia pouco a pouco desapparecida, á qual então se presta culto no altar dos mortos. Por seu turno, o infante herdeiro casará em tempo proprio, para ter um filho, com iguaes garantias e encargos; e assim se irá procedendo sempre, de geração em geração. Curiosos factos, este do homem branco se lançar inconscientemente, de olhos vendados, apenas impellido por um vago impulso amoroso, na senda do matrimonio; e este do japonez, ignorando o amor, caminhando direito ao seu fim, pedindo á esposa, antes exigindo, uma só coisa: — um filho! . . . — O casamento, no Japão, é pois um sentimento profundamente, exclusivamente religioso, derivado do culto da familia, do culto dos antepassados;

avincando ao mesmo tempo o que quer que seja da feição moral da impersonalidade, sempre em evidencia em qualquer acto importante da emotividade nipponica. Em regra, não ha japonez celibatario; todos casam, e cedo. Ainda ha poucos dias, me dizia um japonez de não vulgar cultura, que, para qualquer dos seus compatriotas, o facto de não ter um filho é considerado uma desgraça. Assim é, e assim foi sempre. Antigamente, remediava-se tal desgraça pelo divorcio; a esposa, julgada esteril (muitas vezes injustamente), sahia do lar, vindo outra substituil-a. Em todo o caso, antigamente como agora, offerece-se o remedio, embora deixe a desejar alguma coisa, da adopção de filho estranho na familia. O systema de filhos adoptivos foi sempre e é ainda muito seguido no imperio; gosando elles, pelas leis e pelos costumes, de todos os direitos, e obedecendo a todos os deveres, como legitimos.

Chegado á idade de casar-se, o moço japonez pouco ou nada se occupa do assumpto. Não o interessa. O casamento é, com effeito, e por mais estranho que pareça, mais um evento de familia do que um evento d'elle proprio. É a familia que lhe procura noiva, que marca o dia para a festa nupcial; procedendo no caso, em regra, não directamente, mas por meio de intermediarios, que previamente se informam das qualidades moraes e outras circunstancias referentes á futura esposa e dão igualmente informações sobre o noivo á familia da noiva. Muitas vezes, combina-se um encontro entre a noiva e o

noivo, em casa dos intermediarios por exemplo, de modo a que se fiquem conhecendo antes das nupcias, e possivelmente se regeitem um ao outro, no caso muito improvavel de surgirem da entrevista repugnancias invenciveis. E finalmente casam-se, lá vão os dois formar familia...

São felizes, estes casamentos japonezes? Parece que sim, a julgar pelas apparencias. Nem eu vejo motivos para o não serem. É facto que a noiva, cujo principal dever é agradar, e, n'uma familia numerosa, como acontece geralmente, tem de agradar ao marido, ao pae do marido, á mãe do marido, aos avós do marido, etc., pode, para seu mal, cahir no desagrado de um dos membros da familia; e a sogra, segundo a voz corrente, é, de ordinario, a pessoa mais difficil de contentar em seus desejos e de satisfazer em seus caprichos. Se a esposa não agrada á familia, recorre-se a um processo: — o divorcio. — Não ha talvez paiz no mundo, onde o divorcio seja tam frequente como é no Dai-Nippon. Eu conheço um sujeito em Tokushima, que já divorciou por treze vezes; vive agora com a sua 14.ª esposa; e resmunga a vizinhança, que ao mau genio da sogra se deve esta longa serie de desastres, que perturbam necessariamente a paz d'aquelle lar. Todavia, o caso deve ser tomado como excepção. A paciente diplomacia das japonezas não tem limites; rezam estatisticas que a percentagem annual dos divorcios no Japão tende a diminuir; os costumes adoçam-se, as sogras contemporisam.

A mulher no Japão, como nos outros paizes da Extrema-Asia, occupa uma posição secundaria na familia. É uma questão de tradição, de sentimento religioso, de costumes, que ella propria admitte, sem reserva nem pesar. Como esposa, pode talvez caber-lhe o epitheto, não humilhante, de mãe dos filhos do seu marido; e, como tal, merece o respeito e as attenções de toda a gente. Elle, é o rei na sua casa, como já observei em paginas anteriores. Rei, e pae! Pae é o titulo a que mais quer, que lhe confirma o haver cumprido o seu dever, perante a familia, perante a patria, perante os deuses. Seus filhos, fallando com elle, chamam-lhe naturalmente *otott san,* senhor pae. A esposa, fallando com elle, chama-lhe tambem *otott san,* senhor pae, quando lhe não chama *danna,* meu amo; os laços do matrimonio quebram-se, desfazem-se, perante a magestade do titulo de pae! . . . .

Na sua posição subalterna, a mulher nipponica sente-se feliz, certamente. Alma por excellencia dedicadissima e delicadissima, instruida largamente, por tradição e educação, nos principios de obediencia, do sacrificio de si mesma, de multiplicar-se em graças e carinhos para satisfazer a todos, impessoal até ao extremo, a japoneza é tudo no lar sem nada ser, é a alegria da casa, e n'isto faz consistir a sua inteira felicidade. Comprehende o marido o alto valor do thesoiro que possue? Sim, comprehende, mas atravez do seu orgulho; os homens, sem distincção de raça, são ingratos. E é o esposo fiel á sua

esposa? Sim, é fiel, tanto, pouco mais ou menos, como no Occidente é o esposo fiel á sua esposa.

Como acontece com os japonezes, todas as japonezas casam. Mas até no céo ha distincções, de esposo para esposa. Pelos preceitos religiosos, o homem casa para ter um filho seu; a mulher casa, para dar um filho ao seu marido. O homem presta culto aos seus mortos, no altar familial; a mulher presta culto aos mortos do marido, no altar familial. Até os espiritos protectores são, para elle, os espiritos dos seus parentes; para ella, os espiritos dos parentes do seu marido!... Tambem no céo haverá sogras?...

*

* *

Interessante será agora comparar a vida do homem europeu, desde o ponto em que se sente impulsionado unicamente pela sua escolha livre, pelo amor que lhe inspira a mulher que elle encontrou e o seduziu, até ser esposo, até ser pae, com a vida do japonez em circunstancias similares, mas sem ter despendido uma só pulsação amorosa do sentir, sem ter feito escolha sua, sem mesmo ter escripto uma carta de namoro, ou procurado um encontro furtivo, ou dado um beijo... sendo o beijo, no Japão, desconhecido inteiramente. Lembra-nos sem duvida a phrase do nosso grande lyrico—"Um beijo na face, pede-se e dá-se;„—pois aqui, no Japão,

ninguem, até hoje, pediu um beijo, ou deu um beijo; as mães cheiram os filhos, não os beijam... E, para cumulo de estranheza, nem mesmo o moço japonez deu um só passo, a fim de se occupar do proprio casamento; foi a familia que cuidou do assumpto, ou antes os seus intermediarios. E, um bello dia, a familia disse ao moço: — "Bem, aqui tens a mulher que te convem; arranja-te com ella".

Realmente, parece confirmar-se n'esta altura o dito de Percival Lowell, citado n'uma das primeiras paginas d'este livro; quando o malicioso americano observa que os japonezes pensam e sentem ás avessas de nós mesmos, homens brancos, como se elles andassem com a cabeça para baixo e os pés para riba!... E' certo que, nas considerações que ficam expostas a proposito do casamento no Japão, alguma coisa destilla de bem estranho, em que a impersonalidade japoneza mais uma vez se denuncia, o que não é para admirar. Não deve restar duvida de que a alma do nipponico, nos casos comezinhos da existencia, é menos prompta á emotividade amorosa do que a alma do homem branco; circunstancia que, para commentadores estranhos, não concorre a nobilitar o sentir nipponico. Todavia, pensando bem, as differenças não destacam tam cathegoricas, como á primeira vista nos parecia. Effectivamente, que é isto de livre escolha, na seducção affectiva, que os individuos do Occidente se arrogam, nos processos que decidem do acto do matrimonio?... O amor, na melhor das hy-

potheses, é uma sympathia de momento, doce e suave, natural entre quaesquer dois individuos de sexos differentes, que se encontram em idades proprias; é pois de uma importância muito mediocre. A escolha livre, exercidá durante curtos mezes e sem proposito de apuramento de verdades, é uma chiméra, e deixa de ser uma chiméra quando passa a ser uma mentira. Pois não sabemos nós todos que, ao contrario de escolha livre, dão-se muitas vezes oppressões, imposições, entrando em conta interesses mesquinhos, cifras de dote, que sei eu?... Não vão ainda muito longe os tempos, quando, nos paizes catholicos, reinando em plena força no seio das familias a influencia fradesca ou jesuitica, a escolha livre era frequentemente uma tragedia, que tinha o seu epilogo, tratando-se de supprimir um obstinado, para dentro das grades de um convento; isso acabou, felizmente; mas a escolha livre continua e continuará a ser, em grande numero de casos, uma pura farça, ou um repugnante crime. No Japão não ha, salvo excepções, a escolha livre; por uso, por costume, é a familia do mancebo e a familia da donzella que se occupam da escolha, com perfeito assentimento, salvo tambem excepções, dos interessados. Dado o caracter profundamente religioso, que preside ao casamento, deve convir-se que as duas familias entram com a mais franca sinceridade e bons desejos no desempenho da missão, para a qual não são de mais a longa experiencia da vida e, conseguintemente, a fina diplomacia dos avós. O que acabo de dizer anulla

ou diminue as differenças que se pretende existirem entre o casamento europeu e o casamento japonez; e o que fica de pé é em favor do casamento japonez, se não me illudo.

Antes de largar de mão o assumpto, deixo aqui registrada esta pergunta: — Acertei, não acertei, nas minhas conclusões ácerca do casamento japonez?... — Francamente, não sei. E' tam ardua a tarefa!... Eu pretendo, n'este momento, fazer sentir especialmente o meu grande pasmo perante esta civilisação nipponica, persistindo, embora a civilisação occidental haja passado por todo o archipelago, modificando as apparencias. Quer-me parecer por vezes que os japonezes, quando escancararam as suas portas aos americanos após curta resistencia, teriam sentido um enorme influxo de orgulho aquecer-lhes o sangue nas arterias, ao patentearem ao mundo inteiro a excellencia dos principios que iam dando impulso ao complicadissimo machinismo étnico, que era o Dai-Nippon!...

*

* *

Chegámos ao ponto de conhecer o japonez e a japoneza, casados um com o outro, com filhos e... virgens — á falta de melhor termo, — virgens de amor. Mas talvez não succeda assim. Como as coisas se passam no Japão, em regra, ao revez das coisas no Occidente, possivel é, provavel é que, arrefecendo nas nossas terras, com o

correr dos annos, o amor no lar domestico, no Japão o amor aqueça, subindo de zero a temperaturas tropicaes; se assim é, dar-se-ha então, finalmente, uma justa compensação, tardia embora, na vida passional d'esta gente japoneza. Sendo assim, felizes velhos!...

Mas a escola do amor possue outras academias alem do matrimonio, aqui, no Japão, como succede em toda a parte. Aqui, no Japão, de effeitos mais intensivos, ou menos intensivos, do que no mundo occidental?... Seria difficil precisar; no entretanto, talvez aqui menos desintegrantes e dissolventes, mercê dos usos, dos costumes; devendo ainda entrar em conta a impersonalidade racial, que desdobra como que um véo de indifferença, quasi equivalente a um véo de decencia, sobre a exuberancia dos aspectos. Deve n'este logar ficar notado, que o sentimento do amor é o mais intimo, o mais recondito, o menos reconhecivel de todos que palpitam na alma japoneza; não transparece para fóra das casinhas de bonecas, feitas de madeira e de papel.

Todavia, o quadro dos amores illicitos vem pôr em relevo uma verdade, que acaso ficaria desconhecida de estranhos sem este meio indiscreto de estudal-a. O japonez é tam susceptivel de sentir o amor passional, com todos os seus transportes affectivos, como o homem branco; ou antes, muito mais susceptivel do que este. O exemplo do *shinjû*, confirma amplamente o que avancei. O que é o *shinjû?* Vou explicar. As coisas passam-se, de ordinario, pelo modo que vou expôr. Um moço qualquer

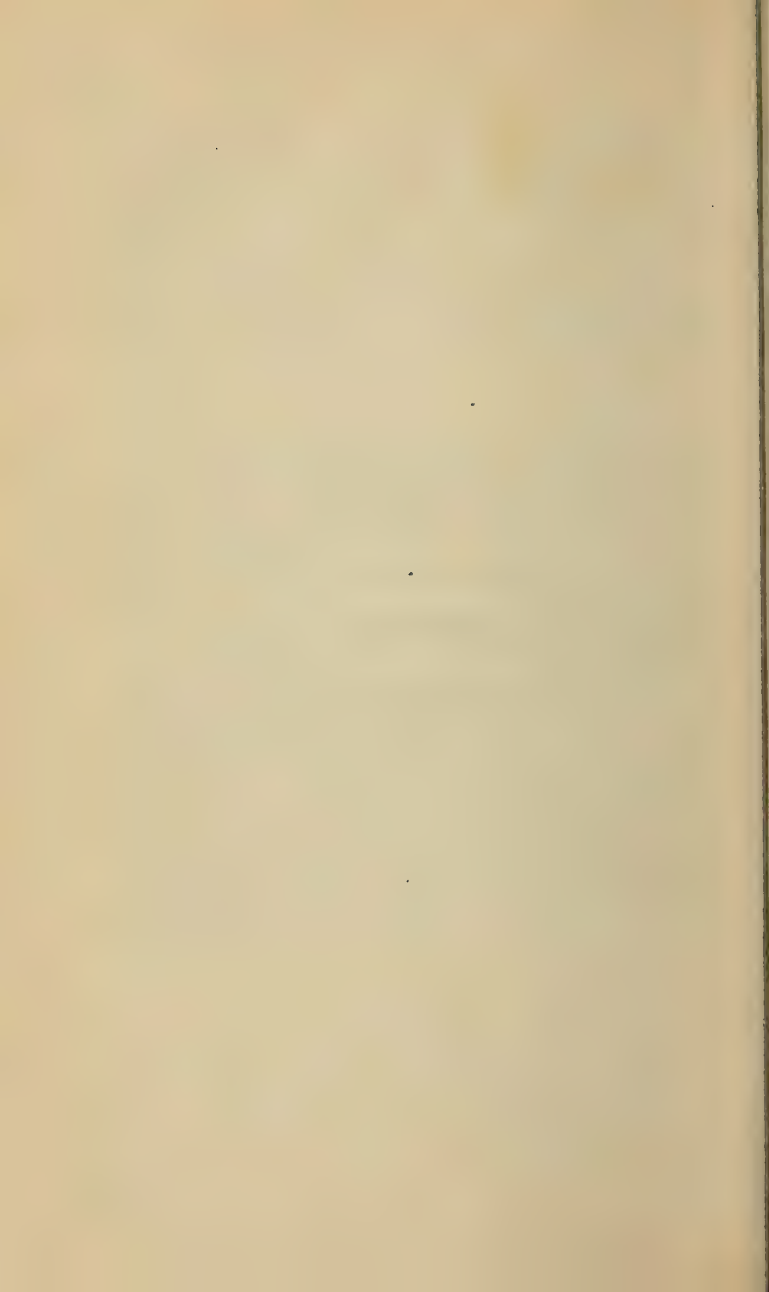
entra em relações de intimidade com uma mulher de má nota, uma d'essas raparigas cahidas em desgraça, arrastadas ao vicio, excluidas do convivio dos lares calmos e honestos. Surge um motivo, — falta de recursos pecuniarios, rumores de que a familia do mancebo cuida em procurar-lhe noiva, etc. — Vê-se então este compellido a ir confessar aos seus parentes a grave historia que o perturba, pedindo-lhes consentimento para casar com a unica mulher que elle estima n'este mundo. O consentimento é-lhe peremptoriamente negado, claro está. Então, elle e ella, — ella, talvez, pobrinha sem vontade, submettendo-se passivamente á vontade do homem que a domina, — combinam o ultimo encontro, e suicidam-se, juntamente, por qualquer forma. Chama-se *shinjû* a este suicidio duplo, não raro no Japão. Parece presidir a este tragico desfecho uma ideia religiosa, falsa; o buddhismo condemna o suicidio, como condemna todos os amores desordenados; mas elles, os louquinhos, fabricam um buddhismo para seu uso, crentes de que renascerão para uma nova vida, limpa de impurezas humilhantes e então unidos para sempre...

Mas encontram-se casos ainda bem mais extraordinarios; e ides julgal-o. Ha apenas uns seis annos, certo professor numa escola primaria, na provincia de Fukuoka, enamorou-se ao mesmo tempo de duas raparigas, professoras tambem na mesma escola. Resultado final: — suicidaram-se os tres, juntamente, n'um hotel. — Direis, talvez, que se trata de um caso de loucura, ou antes, de

tres casos de loucura; e direis muito bem, porque a todas as paixões, quando elevadas aos seus mais tremendos paroxismos, cabe este nome, que nos induz a pôr de parte qualquer investigação que nos perturbe. Em todo o caso, o episodio, tremendamente allucinante, calha bem n'este logar; e vem provar a que estado de effervescencia passional, derivada do amor, pode chegar a alma japoneza! ...

Deve ainda mencionar-se um processo indirecto de ir estudar, agora com deleite, o amor japonez, pelo que a lenda, a poesia e a litteratura em geral nos dizem d'elle. A voz da lenda ou a palavra do auctor não contam em geral o que viram; devanearam, contam o que sentem, nada mais; mas sentir uma coisa implica já uma affirmação de possibilidade. A lenda japoneza e a litteratura japoneza offerecem-nos interessantes revelações á cerca do delicadissimo sentimento affectivo, que é o amor; levando-nos á plena convicção de que o filho e a filha do paiz do Sol Nascente sabem amar, como nós, homens brancos, sabemos amar, como toda a gente sabe amar, universalisando-se o amor. Deixarei para outro capitulo, mais apropriado do que este, o que tenho a dizer a tal respeito.

IX

## A MORTE

Ao dar começo ao capitulo antecedente, formulei uma pergunta complexa, concebida n'estes termos: — Qual é a ideia que os japonezes fazem do amor? como amam elles? e qual é a ideia que elles fazem da morte? como morrem elles?...—A's duas primeiras clausulas, respondi eu já, como podia. Vou responder ás duas ultimas. Para a quarta, possivel é que a julguem bastantemente desconnexa, brotando de uma mentalidade caduca, confusa na brenha de ideias que o assumpto d'este livro acarreta. Como morrem os japonezes?... Mas como morre toda a gente, a morte não havendo manifestado ainda tendencias raciaes; mata a esmo, por igual, o asiatico, como o branco, como o negro; prostrando o enfermo no leito de agonia, cravando-lhe friamente, com mão firme, o punhal no coração. Recordêmos todavia, n'este momento, que um notavel poeta e prosador indiano, o doutor Rabindranath Tagore, passando ha poucos mezes pelo Japão, disse, n'um discurso que proferiu, que dois unicos paizes no mundo, a India e o Japão, souberam encontrar um sorriso para receber a morte. Poder-se-hia pois dizer, talvez, respondendo á pergunta

formulada, que os japonezes morrem a sorrir. Muita verdade encerram, sem duvida, as impressionadoras palavras de Tagore. A remotissima civilisação indiana, civilisação de contempladores, de meditadores, de soffredores, acaso terá sabido arrancar do mysterio alguns altos segredos, que nos escapam, aos brancos, embebendo a alma racial em tam suaves transcendencias, que aos labios do moribundo venha desenhar-se um sorriso quando a vida lhe foge para sempre. Para com os japonezes, pode tentar-se aqui uma explicação mais cathegorica. Meditadores não são elles, não é este o seu feitio. Nem tam pouco soffredores,—povo filho dos deuses, palpitando em orgulhos, sonhando triumphos nas leis dos seus destinos.—Mas são contempladores, contempladores té ao delirio, perante as bellezas naturaes—paizagens, florescencias, vida animal, tudo.—Juntae a isto a sua feição particularissima de impersonalidade, que os elimina da scena, transformando-os em seres anonymos em face dos eventos. Juntae ainda a sua fé inabalavel no culto dos avós e nas glorificações shintôisticas e buddhisticas. E de todas estas caracteristicas éthnicas, conjunctamente com outras que desconhecemos, terá nascido o sorriso que assoma aos labios do nipponico, quando se vê em presença da morte. Muitos japonezes, não resta duvida, terão morrido a sorrir. Outros, os poetas, terão morrido a compôr versos. Todavia, a phrase de Tagore não pode ser tomada ao pé da lettra. O que elle quer dizer, evidentemente, é que os japonezes, como os indianos, pos-

suem o segredo da calma compostura, da serenidade decorosa, no momento, solemne entre os mais solemnes, de despedirem-se d'este mundo. Isso, sim. Eu proprio, que já vi morrer duas mulheres japonezas — e essas não sorriam, coitadas... — sou testemunha da imperturbavel resignação d'esta gente em transe tam supinamente angustioso, para o qual a alma occidental não pode muitas vezes reprimir o seu pavor.

Mas todas estas considerações se resumem a uma curta phrase: — os japonezes temem pouco a morte. — Pouco, ou nada, conforme. Em certas occasiões de effervescencia das multidões, no campo de batalha por exemplo, a vida tira-se como nada, a morte recebe-se como nada, vida e morte são insignificancias sem valor. Abstrahindo do effeito suggestivo das multidões, o *shinjû,* o duplo suicidio amoroso, em que ha pouco falei, marca em relevo o despreso pela vida entre dois entes que se estimam. Commentando: — a phraseologia de que me sirvo, unica disponivel, não logra satisfazer-me; faltam-me termos para exprimir ideias, e, peor ainda, faltam-me ideias; o homem branco não pode comprehender, não pode sentir essa delicadissima feição da alma nipponica, pela qual o individuo ignora os seus interesses, esquece-se de si mesmo, perante a omnipotencia dos factos naturaes, a successão impassivel dos eventos...

A seguir, aponto a breves traços alguns episodios historicos, que vão mostrar como alguns japonezes encararam a morte, quando imposta ou quando voluntaria.

*

* *

O daimyô Shibata Katsu recolhera-se para o seu castello de Fukui e achava-se cercado pelas forças de Hideyoshi. A situação era absolutamente desesperada. Em antecipação, Shibata havia convidado a esposa a retirar-se para logar seguro, com as suas tres filhas, fructos de um primeiro matrimonio; ella porem, então com trinta e sete annos de idade, acceitou o convite que poupava as vidas das filhas, mas quiz permanecer no castello e seguir a sorte do marido. Após, reunindo os seus principaes samurai, Shibata expôz-lhes as circunstancias em que estavam, ajuntando que ia dar-se a morte e fazer desapparecer no incendio do castello os seus restos e os de todos, poupando assim os cadaveres aos ultrages do inimigo; e aconselhava os companheiros a salvarem-se com suas esposas, se podessem, mas nem elles nem ellas acceitaram o alvitre. Shibata ordenou então para a noite uma commemoração festiva, com vinho, manjares, musica e canto; no final da funcção, mandou lançar fogo á palha, que fizera accumular em varios sitios; e quando as chammas lavravam, desembainhando a espada, feriu mortalmente a propria esposa, suicidando-se em seguida; os companheiros procederam de igual sorte. Quando rompeu o dia, Hideyoshi entrava em Fukui e assistia ao espectaculo medonho de um cas-

tello em ruinas fumegantes, lá dentro um monte de ossos tisnados, e uma velha com vida, que recebera ordens de Shibata para contar o succedido.

*

* *

A bem conhecida historia dos quarenta e sete *rônin,* é interessante para aqui. *Rônin,* diga-se de passagem, é o samurai sem senhor, havendo sido expulso do feudo por falta que commetteu, ou sendo extincto o feudo, como é o caso n'este logar. O daimyô de Akô, Asano Naganori, achava-se em Yedo, a capital do shôgun, no começo do nosso seculo XVIII. Sendo offendido por um nobre da côrte, Kira Yoshinaga, Asano commetteu a imprudencia de desembainhar o seu sabre contra elle, isto no palacio shôgunal, o que era tido como um grande crime contra o proprio shôgun; Asano foi condemnado a dar-se a morte, sendo os seus dominios confiscados. Oishi Yoshio, samurai de Asano, mas agora *rônin,* soube do caso em Akô; retirou-se então para Kyôto, onde começou a levar vida de vagabundo e debochado, não movido por instinctos dissolutos, mas para melhor disfarçar um plano que formára. Em Kyôto, poude manter secretas relações com alguns dos seus companheiros de Akô, tornados *rônin* tambem, espalhados por todo o Japão, espreitando, espionando, unidos para um fim commum. Perto de dois annos se passaram; até que certa noite, quando

Yoshinaga dava uma festa, a sua residencia foi de repente cercada, e invadida por quarenta e sete *rônin*, com Yoshio á frente, que cortou a cabeça ao dono da casa por este se recusar a commetter o suicidio, levando-a para junto do tumulo de Asano; entregando-se todos em seguida á justiça da cidade. Foram todos condemnados a dar-se a morte pelo processo do *harakiri*, pelo qual o criminoso rasga o proprio ventre com um sabre. Curioso exemplo este, de culto de lealdade ao chefe, aqui ao espirito do chefe, e de obediencia ao preceito japonez, vindo já de Confucio, que manda assim: — «Tu não deves viver debaixo do mesmo céo, nem pisar a mesma terra, com o inimigo de teu pae ou do teu senhor». — Os tumulos dos quarenta e sete *rônin* são ainda hoje muito visitados pela multidão, que vae prestar culto aos seus espiritos. Um drama ha, inspirado no assumpto; quando sobe á scena, enche-se o theatro de espectadores.

*

* *

Sabe-se que um samurai de Kagoshima, passando uma vez por Kyôto, encontrou Oishi Yoshio estendido n'uma viella, bebedo, enlameado, sem dar accordo de si. O samurai de Kagoshima reconheceu-o; e, rude e altivo, ennojado de tanta depravação por parte de quem devia sentir na consciencia o peso de briosos deveres a cumprir, urinou-lhe na cara. Mais tarde, quando o epilogo

da tragedia se desenrolou em Yedo, soube então de que tempera era o *rônin* que elle insultára; arrependido do acto que praticára, suicidou-se pelo *harakiri*, dando-se sepultura ao seu corpo junto dos restos dos quarenta e sete bravos.

*

* *

No dia 8 de março de 1868, uma lancha a vapor da corveta franceza *Dupleix* aguardava na praia de Sakai a volta de alguns officiaes, que haviam descido a terra e seguido para Osaka. Passa casualmente um troço de guerreiros da provincia de Tosa; sem provocação, sem o mais leve pretexto, os samurai fazem fogo sobre os marinheiros, matando onze. Isto passava-se no momento historico, em que o shôgunato acabava de baquear, passando ao soberano a administração directa do Estado; povo, homens de guerra, toda a gente, em palpitante confusão de ideias, pasmava em presença dos factos, sem nada comprehender. Deviam ser escorraçados os estrangeiros para fóra do imperio, por qualquer forma? Parecia que sim, embora se enganassem; e os samurai de Tosa julgavam cumprir o seu dever, fusilando os francezes. Enganavam-se, com effeito; as ideias tinham dado um tremendo salto, o imperador queria agora a paz e entrar em relações cordiaes com os homens do Occidente. As auctoridades francezas protestaram energicamente, sem demora, contra o attentado de Sakai; foi-lhes

dada plena satisfação, sendo os samurai, vinte ao todo, condemnados á morte pelo *harakiri*. A execução teve logar n'um templo de Sakai, com a maior solemnidade, em presença das auctoridades japonezas, francezas e muito povo. Successivamente, a um por um, os criminosos fôram-se dando a morte a si proprios, rasgando os ventres. Quando haviam cahido já onze, o commandante da corveta pediu que os restantes fôssem poupados, o que a justiça japoneza acceitou.

Como de praxe, cada um dos condemnados, no seu ultimo momento de vida, escreveu sobre um papel algumas phrases. Minamura Inokichi Minamoto no Motoaki, de vinte e cinco annos de idade, escreveu uma poesia, n'estes termos: — «Condemnam-me, não discuto a minha morte; servirá ella de pretexto á justiça do futuro, que decidirá, para honra da patria, se devem ser expulsos os barbaros». — Nishimura Saheji Minamoto no Ujiatsu, de vinte e quatro annos escreveu o seguinte: — «Não me pesa o morrer, a vida passa como o orvalho desapparece com o vento; uma coisa me afflige, o futuro da patria». — Ikegami Iasakichi Fujiwara no Mitsunori, de trinta e oito annos, escreveu o seguinte: — «E' preciso alumiar o espirito da nação; para isto abandono o corpo ao meu paiz»; — este, quando as entranhas lhe cahiram, fez menção de atiral-as á cara dos francezes. Oishi Jinkichi Fujiwara no Yoshinobu, de trinta e oito annos, escreveu o seguinte: — «Façamos hoje o sacrificio da vida, com o maior respeito, pois somos todos filhos d'este paiz dos deuses».

— Sugimoto Shirogora Minamoto no Yoshinaga, de trinta e quatro annos, escreveu o seguinte: — «Sinto o coração feliz pela agonia que soffro, ao dar a vida pela patria»; este, por um gesto respeitoso, offereceu as entranhas aos francezes. Katsugasé Saburoku Taira no Ioshihaya, de vinte e oito annos, escreveu o seguinte: — «Ninguem pode abalar no animo de um Samurai o sentimento que tributa ao seu senhor». — Yamamoto Tetsusuka Minamoto no Toshiwo, de vinte e cinco annos, escreveu o seguinte: — «Muitos condemnam a alma do Samurai; pensarão de outro modo aquelles que bem o conhecem». — Morishita Mokichi Fujiwara no Shigemasa, de trinta e nove annos, escreveu o seguinte: «Abrâmos o caminho aos ignorantes, a fim de alumiar o mundo». — Kitashiro Kensuké Minamoto no Katayochi, de trinta e seis annos, escreveu o seguinte: — «Para legar o seu nome á posteridade, há um meio, o sacrificio da vida». Inada Kwannayo Fujiwara no Norashigi, de vinte e oito annos, escreveu o seguinte: — «Os japonezes não temem de perder a vida; tambem a cerejeira, rainha das arvores pela sua florescencia, perde um dia as suas flôres». — Yanagasé Tsunéshichi Fujiwara Yoshiyoshi, de vinte e seis annos, escreveu o seguinte: — «Sacrifiquêmos aqui as nossas vidas, mostremos aos estrangeiros o que vale a nobre coragem japoneza».

Detalhe interessante: — dos nove samurai perdoados, um suicidou-se a breve trecho, preferindo á vida o acompanhar o espirito dos companheiros.

*

* *

No anno de 1891, o principe imperial da Russia visitou o Japão. Seguindo por terra em demorada excursão de recreio, de Kobe até Tôkyô, pela altura da cidade de Otsu, o czarewitche foi assaltado e gravemente ferido por um simples funccionario da escolta de policia que o acompanhava; a custo, foi salvo das mãos do aggressor pelos dois japonezes que puchavam o modesto carrinho, *kuruma,* em que o principe se accommodára.

O incidente produziu uma enorme sensação em todo o imperio. Dizia-se que o imperador se achava extremamente perturbado.

Foi então que uma mulher, Hatakeyama Yuko, de vinte e nove annos de idade, criada de servir em Tôkiô, no intuito de remir pela morte o crime da nação, restituindo assim á patria a honra e ao soberano a paz do sentimento, se dirigiu de Tôkyô até Kyôto em caminho de ferro, e alli se suicidou.

*

* *

O imperador Meiji Tennô falleceu no dia 30 de julho de 1912. Justamente um anno depois, o general Nogi, o famoso heroe de Porto-Arthur, suicidava-se, no momento em que, vestindo o seu uniforme, se preparava em appa-

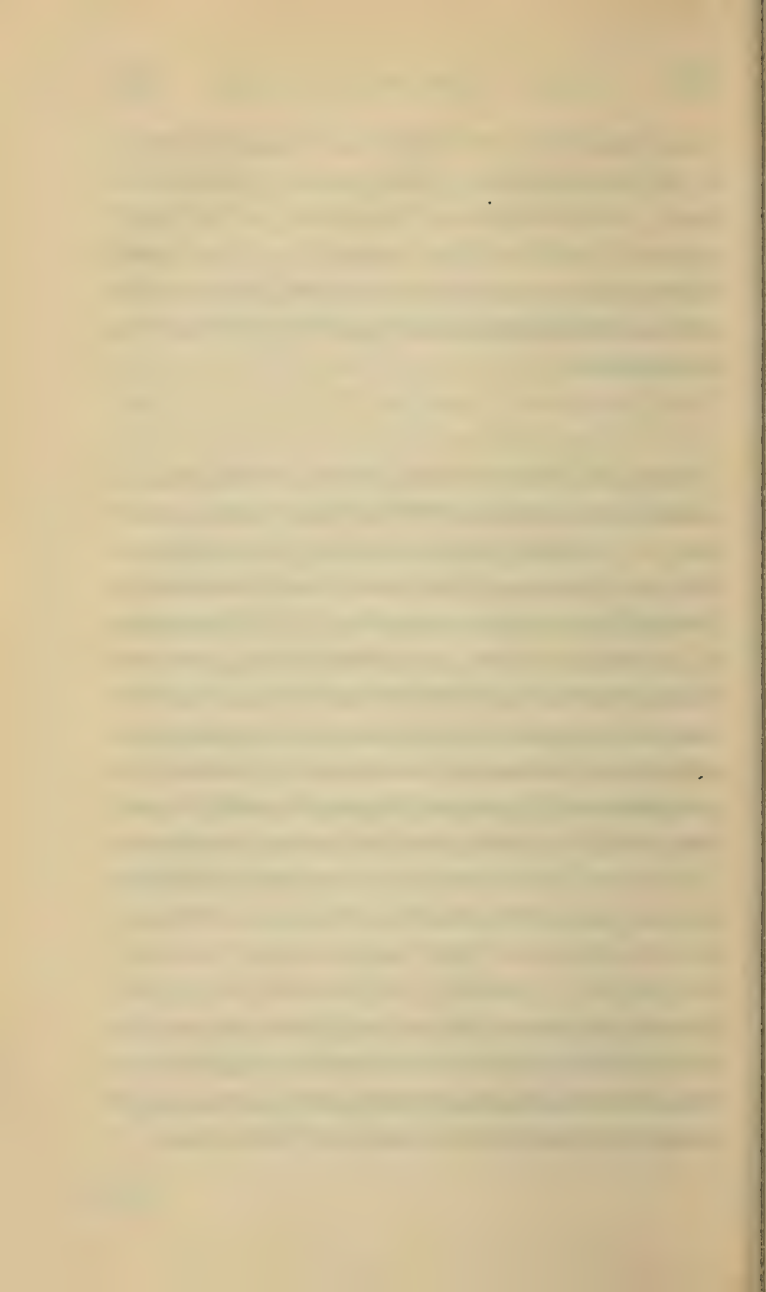
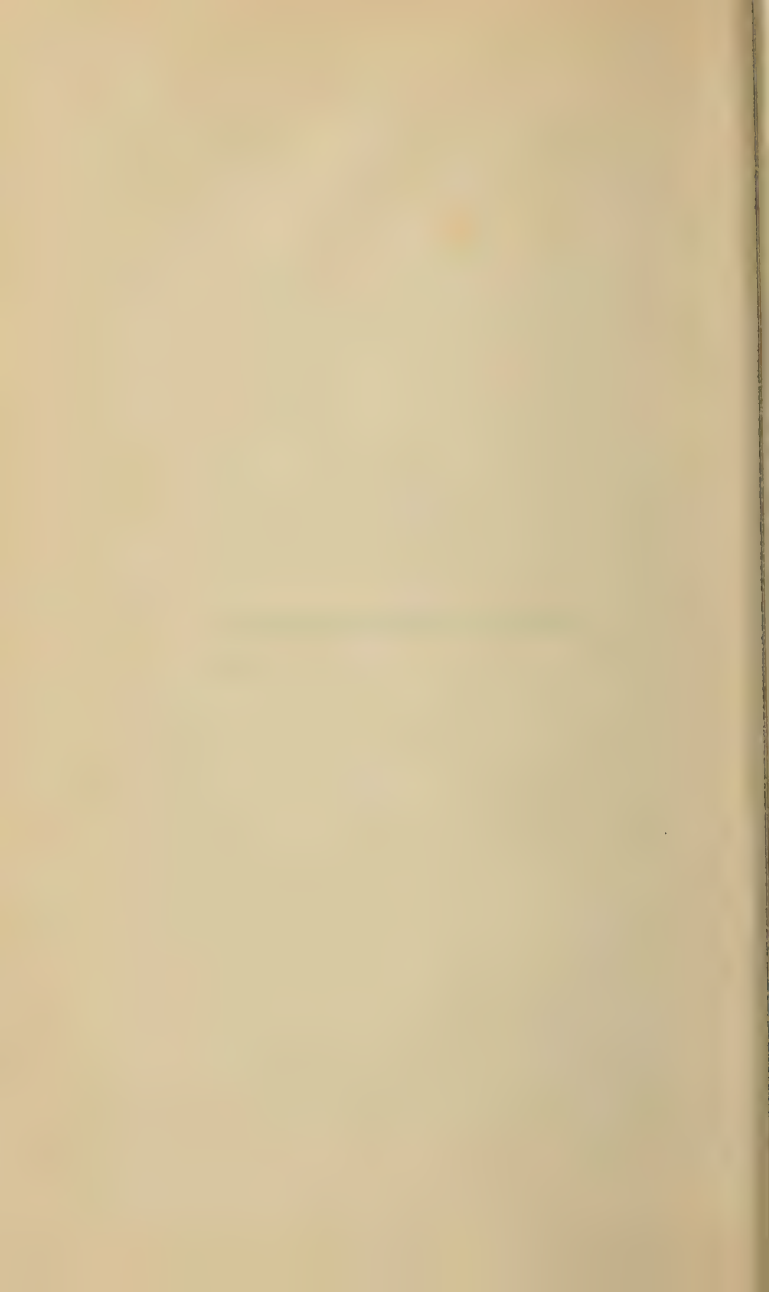
rencia para assistir a uma cerimonia religiosa em memoria do defunto soberano. Conjuntamente, suicidava-se a esposa do grande general; elle morria, por não poder supportar a perda do inclito soberano, ao serviço do qual votára todas as suas energias; ella morria, simplesmente como esposa devotada, para acompanhar seu marido na ultima viagem.

*

* *

Segue um ultimo exemplo, este tam recente, que ha apenas alguns dias um jornal de Kobe o citava, sob o titulo de "Suicidio de uma Familia". Uma familia inteira, de oito pessoas, suicidou-se n'um dos primeiros dias de junho do anno corrente de 1925, lançando-se ao rio Seta; as victimas fôram identificadas como Saito Kenzo, lavadeiro com residencia em Kobe, sua esposa e seus seis filhos; não estava ainda sufficientemente apurada a causa da tragedia, mas dizia-se que o lavadeiro era pessoa muito nervosa e ultimamente perturbada com uma especie de loteria, em cujos interesses participava.

Seja como fôr, é claro que não se trata aqui de oito suicidas. Seria provavelmente o lavadeiro o unico suicida. A esposa e os filhos crescidos teriam obedecido sem discussão á vontade do dono da casa; as criancitas haveriam sido empurradas para o abysmo por um gesto rude do pae. Em todo o caso, tratando-se da alma japoneza, não vem fóra de proposito n'estas paginas o triste quadro de doença mental do lavadeiro Saito Kenzo.

# X

# A ARTE E A LITTERATURA

A arte e a litteratura de um povo constituem duas fulgurantissimas manifestações da alma d'esse povo. Não se pode conceber um povo civilisado, sem uma arte sua e sem uma litteratura sua; se existisse tal povo, não teria elle alma que valesse a pena mencionar-se; seria um aborto moral. É pois evidente que, estudando a alma japoneza, teremos forçosamente de procurar saber alguma coisa á cerca da sua indole artistica e da sua indole litteraria. E muito teremos que aprender em tal assumpto, embora seja impossivel ao homem europeu compenetrar-se sufficientemente do sentimento artistico que palpita, n'uma exuberancia espantosa, na emotividade nipponica. O Japão é todo arte. Não se pode dizer que n'elle abundem os artistas, — seria mesmo um crime pensal-o. — No Japão, toda a gente é artista. — N'este paiz, a arte é comparavel a uma emanação, commum a todas as flôres da mesma especie. Mas, afinal, o que é a arte?... Eu sei lá o que é a arte!... Nem me importa sabel-o. Qualquer cabedal preparatorio, de que eu antecipadamente me munisse, antes de chegar ao Japão e de relan-

ceal-o, seria trabalho inutil, nocivo porventura. Ha uma arte mundial e ha uma arte japoneza, inteiramente dissemelhantes entre si. Para comprehender, quanto possivel, esta ultima, o que é preciso e o que basta é ter-se uma alma para sentir e abrir os olhos para vêr. O sobresalto indefinivel e inexplicavel, que se apodera do viajante e o domina, é o simples effeito da arte japoneza, impressionando-o. Eu bem sei que os contornos das innumeras ilhas, que se patenteam de principio, os vultos exoticos dos pinheiros a espigarem aqui e alli, as proprias nebulosidades côr de perola, ou côr de rosa, que espalham surprehendentes intermitencias nos horisontes, ou então o pico do sagrado Fujiyama rompendo de entre nuvens, coisas que logo nos encantam, todas ellas entram na ordem dos aspectos naturaes, apparentemente alheios ás intenções artisticas das gentes. Assim é, com effeito, mas não em absoluto; porque o homem, lentamente, muito lentamente, vae imprimindo aos aspectos naturaes a sua vontade e transformando-os. Mas a paizagem japoneza é já de si tam estranha e tam differente de todas as paizagens que temos visto por este mundo fóra, que, no que ella não accusa o trabalho humano, accusa — dir-se-hia! — o trabalho dos deuses, já artistas na sua divina condição...

Mas deixêmos o navio, que nos trouxe até ao Dai-Nippon, e embrenhêmo-nos pelas terras. Arte sempre, arte em tudo. Nós poderiamos, convenientemente encaminhados, visitar de preferencia os templos e os museus,

e assim colher relances da authentica arte famosa, da qual falam os livros e os viajantes que nos precederam no Japão. Todavia, para um ligeiro golpe de vista, que nos inicie no meio, melhor será pôr de reserva os templos e os museus, que se apreciarão com mais justeza quando, pela experiencia das coisas japonezas, estivermos mais habilitados a julgal-as. Se é a arte japoneza que nos captiva, se são os seus effeitos que queremos sentir, escusamos de ir procural-os, pois — podemos estar certos — elles virão ao nosso encontro. Percorrâmos ao acaso a cidade, os campos. Arte por toda a parte. Até a disposição gentilissima dos artigos, nas lojas, arte é. Arte é qualquer d'estes artigos, ainda o mais insignificante, um brinquedo para creanças por exemplo, se o brinquedo guarda a feição typica, nacional. Observando os objectos de loiça para uso commum, á venda nos estabelecimentos da especialidade, arte é o delicadissimo bule para chá, com a sua aza de bambú, que exclue a inconveniencia das queimaduras, servindo o liquido; é a pequenina taça de *saké,* o vinho indigena, deliciosamente ornamentada; é o bojudo brazeiro, que se enche de cinzas, onde poisam as brazas, de serviço constante no inverno, no conforto dos domicilios; é o jogo de recipientes em forma rectangular, assentando uns sobre os outros, com uma tampa sobreposta, destinado a iguarias diversas, para uma mesma refeição; é o pratinho, ou é o pires, de contornos variados, por vezes representando uma folha de arvore, acaso perfurada, como se algum

insecto hervibero se houvesse entretido em mordical-a; surpresas em tudo para nós, um decidido desamor á symetria, da qual a natureza sempre se afasta quando pode, e a natureza é a grande mestra da inspiração ar-artistica d'esta gente. N'outros estabelecimentos, os objectos mais vulgares, como uma ventarola de papel, como uma vassoira, como uma pá de lixo, como um balde de madeira, são artisticos. Nas lojas de fazendas para mulheres, ha sedas que deslumbram, ha crépes que enfeitiçam, pela harmonia dos matizes. Que arte nos pequeninos cachimbos, especialmente aquelles de que usam as mulheres!... Que arte nos livrinhos illustrados, com garridas capas multicôres!... Se deixarmos a cidade e entrarmos pelos campos, arte é a disposição graciosa das estradas, é a maneira de cultura, é o processo de irrigação, é a habitação rural. Se procuramos descanço em uma hospedaria, arte é a recepção que merecemos, é o aposento que nos offerecem, é o jardinsinho interior que relanceamos, é o jantar que vão servir-nos. Mas eu não devo alargar-me, para não enfadar muito... Arte, direi ainda—repetindo o que já por cem vezes escrevi em outros livros,—arte, para incluir na resenha a obra mais graciosa e artistica que foi capaz de criar o japonez, arte é a boneca de gesso que elle fabricou, um pouco mais pequena em tamanho do que o tamanho natural de uma mulher, com o rostinho caiado á força de cosmeticos, quasi sem nariz, quasi sem bocca, quasi sem olhos, se olhos são as fendazitas em viez por

onde espreitam as coisas, boneca que elle embrulhou n'um kimono de chita de ramagem, e que, insufflando-lhe a vida, tornou a mais encantadora creatura de todas as humanas creaturas, que poisam sobre a terra!...

*

* *

Ha uma coisa n'este mundo, inteiramente incompativel com a arte: — é a sciencia. — Arte e sciencia são inconciliaveis entre si; e mal se concebe que um individuo qualquer, mesmo o melhor dotado, seja ao mesmo tempo um bom artista e um notavel homem de sciencia. Na arte, os processos são completamente differentes dos processos scientificos. A sciencia requer, com uma robusta intelligencia, educação, erudição, um fino criterio para descriminar as verdades e avançar em conclusões. A arte é mais modesta, contenta-se com pouco; bastando-lhe, em rigor, a inspiração, a chamma do genio a esbrazear dentro do cerebro. Já podemos concluir que os japonezes, sendo um povo de artistas, nunca fôram um povo de sabios, claramente. Tudo que quizerem d'elles, quando se trate da arte, — da sua arte; nada, quando se trate de sciencia. Com os homens do Occidente, succede, julgo eu, que os artistas são raros, raros tambem os homens de sciencia, mas talvez estes ultimos em maior numero do que os primeiros; ha mais chimicos do que pintores, mais engenheiros do que estatuarios.

Quanto ao Japão, quando o imperio, em 1868, abriu as suas portas á civilisação occidental, adoptando-a, viu-se impellido a dedicar-se ao estudo das sciencias, das quaes andara sempre arredio, por temperamento. Conseguiu-o, brilhantemente. O Japão apressou-se em mandar vir de fóra habeis professores de todas as sciencias, ao mesmo tempo que enviava muitos dos seus filhos a cursar universidades na Europa e na America. Dentro de poucos annos, o Japão achava-se habilitado a servir-se unicamente da prata da casa, como se diz vulgarmente, isto é, a servir-se unicamente de japonezes para todos os casos, innumeros, em que entrassem em jogo as sciencias do Occidente; e assim continuaram, até hoje, com reconhecida competencia. Mas desconfiae d'estas sciencias do Occidente, tornadas sciencias japonezas por adopção. Quanto a mim, estes maganões, que querem passar por sabios, são, antes de tudo artistas, e pela arte resolvem, n'um grande numero de circunstancias, os mais complicados problemas de que a nossa algebra, a nossa chimica, a nossa architectura, acaso mesmo a nossa cirurgia e a nossa medicina, nos falam em longas paginas. Nós, homens do Occidente, reverenciamos com tanto orgulho as nossas sciencias occidentaes, que as julgamos unicas, infalliveis, insubstituiveis, indispensaveis. Ora, isto não é exacto. Eu vou contar-vos, com vossa permissão, uma pequenina anecdota intima, que alguma luz pode vir lançar no assumpto que me occupa. Quando eu estudava a algebra dos lyceus, entretinha-me por ve-

zes em apresentar alguns problemas algebricos, pedindo resolução, a uma rapariguita de doze ou treze annos, minha irman, naturalmente ignorante do que fôssem uma equação, uma incognita, um *x* a martelar-nos a cabeça; e ella, após alguns minutos de concentração de espirito, sem escrever sobre papel uma só lettra ou algarismo, dava-me a resolução exacta do problema. Quando eu lhe perguntava por que labyrintho de ideias o seu pensamento transitára para attingir o fim proposto, era um encanto para mim ouvil-a então desenrolar uma simples exposição de deducções mentaes, nada cheirando a mathematica, as quaes eu, no meu já formalismo scientifico, seria incapaz de conceber. Quer isto dizer, que se podem resolver problemas algebricos, sem saber algebra; e agora não será muito difficil de admittir, que se podem resolver problemas mechanicos sem saber mechanica, ou problemas medicos sem saber medicina. Voltando agora ao meu assumpto principal, do qual me ia desviando, quer-me parecer, direi, que os japonezes, forçados pelas exigencias da nova civilisação, em que se iam enfronhando, a adquirir conhecimentos amplos da sciencia occidental, recorreram aos processos mais simples para elles, os de utilisarem quanto possivel as suas tendencias artisticas para chegarem aos mesmos resultados a que nós chegámos, por outros caminhos. Assim se poderia explicar, em parte, a relativa facilidade com que os nipponicos absorveram tam rapidamente, e agora digerem, a nossa civilisação, tam differente da sua. Haverá

pois uma algebra japoneza, como ha uma algebra europeia; haverá pois uma chimica japoneza, como ha uma chimica europeia; haverá pois uma medicina japoneza, como ha uma medicina europeia; haverá pois uma botanica japoneza, como ha uma botanica europeia. Para esta ultima sciencia, quasi que não me restam duvidas; ainda ha pouco, um japonez illustrado, reparando n'uma certa qualidade de planta de hortencia, que florescia no meu jardim, deu á planta dois nomes, accrescentando que um era o nome vulgar, o outro o nome scientifico; mas este *nome scientifico* nada tinha das denominações arrevezadas *(hortencia opuloides, hydrangea hortensis,* etc.) com que os botanicos do mundo inteiro classificam o gracioso arbusto, era um termo puramente japonez.

É digno de nota a habitual escassez de livros nas casas dos japonezes, mesmo d'aquelles que se dedicam a profissões ditas scientificas; falo por experiencia propria. Qualquer coisa, que lembre uma livraria particular, nunca vi; ha bibliothecas publicas, mantidas pelo governo ou pelas municipalidades. A minha modestissima bibliotheca de expatrido, na qual escassamente se poderiam contar umas tres centenas de velhos livros, causa espanto a todos os japonezes que a descobrem. Com respeito aos medicos japonezes, que em geral são excellentes, fornecem de suas casas medicamentos aos doentes que os consultam; a pharmacia nipponica, ou antes drogaria, pouco mais exerce a sua especialidade alem da venda de sabonetes, de pós insecticidas e de outras frio-

leiras; os medicos japonezes téem ao seu serviço pharmaceuticos, ou simples assistentes sem classificação particular, ou é a esposa do medico quem se encarrega do serviço. Mas o mais curioso exemplo, para nós, da substituição da sciencia pela arte, está no *soroban,* ou machina de contar, já hoje conhecida na Europa por importação da Extrema-Asia. O *soroban* é um pequeno quadro de madeira, sobre o qual podem girar, em varias direcções, umas diminutas peças, tambem de madeira, enfiadas umas com as outras, como se fôssem contas. O japonez, pondo em movimento, com uma simples mimica de dedos, estas peças, como se estivesse tocando piano, executa, sem outro auxilio, uma feliz substituição de todos os calculos arithmeticos em uso no Occidente, na pratica da vida; as quatro operações fundamentaes, a raiz quadrada, as contas de juros, etc., obteem-se por este processo com a maior facilidade. Em todas as casas de commercio, estabelecimentos bancarios, etc., o *soroban* é ainda presentemente de uso continuo.

Assentêmos, de uma vez para sempre, que os japonezes ficarão sendo o que sempre fôram: — os grandes artistas por excellencia!...

*

* *

Não consta que os nipponicos hajam mostrado a mais leve tendencia artistica antes da entrada do buddhismo

no imperio, no anno 552 da nossa éra, facto a que em breve se seguiu a grande reforma e a adopção da civilisação chineza. Foi o buddhismo, importado da China por via da Coréa e interessando rapidamente e poderosamente a sentimentalidade japoneza, que trouxe ao archipelago as primeiras imagens e as primeiras estatuas das divindades buddhisticas, imagens e estatuas que os japonezes desde logo quizeram imitar, reproduzir; e assim teve inicio a arte japoneza, que tam fulgurantemente bella havia de tornar-se, com o correr dos tempos. Não se poderá porem dizer que, com o buddhismo, nasceu a feição artistica do Nippon. Saltos tam bruscos, como este, não se admittem na evolução esthetica dos povos. Devemos antes acceitar que o povo japonez era artistico por indole; mas que tal caracteristica, modorrando por falta de estimulos, só acordou, se definiu, quando a religião de Shaka veiu impressionar a alma nipponica e reclamar o seu concurso nos processos cultuaes de escultura e de pintura.

O buddhismo, certamente, veiu estabelecer tendencias na arte japoneza; mas tal arte, mesmo antes de manifestar-se, quando adormecida, devia já conter, em si propria, o germen da sua indole affectiva, racial. Quando, no capitulo *A Linguagem* d'este volume, eu tentei explicar a caracteristica curiosissima, conhecida pelo nome de impersonalidade da alma japoneza, admitti que, desde remotissima antiguidade, o homem branco e o homem japonez encararam mui differentemente a ideia da divin-

dade e a ideia da natureza creadora; isto devido, provavelmente, á hostilidade do meio, de que soffria o branco, o que não se dava com o japonez, no seu meio. Insistindo sobre o assumpto, como convem n'este momento, em que falo de arte, admitto que o homem branco separou rapidamente a ideia da divindade da ideia da natureza creadora, do que resultaram dois caminhos: um, que o levava á prece, ao ideal, a Deus; outro, que o levava ás coisas terreaes, para elle amaldiçoar o solo agreste, a terra madrasta (como ainda hoje se diz), na lucta pela vida (como ainda hoje se diz). O japonez, como outros povos asiaticos, não concebeu semelhante distincção; divindade e natureza creadora constituem para elle uma e a mesma coisa, ou melhor, uma multidão de coisas, mas unidas entre si pelo mesmo principio beneficente. Isto deu logar a dois modos inteiramente oppostos de processos:—o branco, por um lado, idealisa, por outro lado, observa e pragueja, collocando-se na defensiva; o japonez, pelo contrario, contempla e adora, não observa nem pragueja.—Dos dois processos, resultou a intensa caracteristica da impersonalidade da alma japoneza, apenas levemente reconhecivel na alma do homem branco. Mas tambem outro resultado se operou:—a profundissima distincção, que viria separar por completo a indole da arte do homem branco da indole da arte do nipponico.

*

* *

O homem branco, com uma personalidade vivamente accentuada, tem dois caminhos em frente dos seus olhos. Quando segue pelo caminho que o leva ás coisas terreaes, manifesta-se o rude luctador que conhecemos, homem da enxada, homem do malho, mais tarde homem da machina, o que o leva tambem a ser o homem da sciencia. Quando segue pelo caminho que o leva ao ideal, adora e reverencia; e, occasionalmente, torna-se artista, artista idealista.

O japonez, sem personalidade em evidencia, sem solo hostil que o contrarie, contempla e adora. A sua arte, quando a tiver, será naturalista-pantheista. E será uma arte, não de poucos, mas de todos. A arte japoneza será, antes de tudo, uma verdadeira religião — o culto do bello; — e ser-se religioso é um dever, commum a toda a gente... No Japão, não se ser artista corresponderia a uma confissão de atheismo; e ser-se atheista n'esta terra seria um crime, medonhamente condemnavel!...

Fica marcada a notabilissima differença, que separa as duas artes, arte occidental e arte japoneza. A primeira é idealista, a segunda é naturalista-pantheista. É claro que, com o correr dos tempos e a evolução do pensamento, a arte occidental accusa oscillações, occupando-se muitas vezes de assumptos puramente terreaes, sem se importar com o ideal; mas, fundamentalmente, é idealista. O tem-

plo, no Occidente, é o exemplo typico da sua arte; o templo é a casa de Deus, e o homem branco, sem em nada se inspirar na architectura da propria habitação, idealisou uma architectura especial para o templo, toda ella immensidades dentro dos limites do exequivel, toda ella alturas gigantescas, rompendo para o céo, e assim mais em harmonia com a casa do Senhor, como elle a imaginou. Columnas, ogivas, torres, tudo avança do solo para cima, tudo sobe, tudo foge da terra. A indole da architectura occidental, expressa em summula, pode representar-se graficamente por uma linha recta, vertical, partindo da terra e ascendendo para o firmamento. Pois, em contraste, a indole da architectura japoneza e em geral da inteira arte japoneza, expressa em summula, pode representar-se graphicamente por uma linha recta, horisontal, roçando pelas ramarias floridas das arvores, sem jamais tentar fugir da terra e perder-se no ideal.

E agora, percebido que seja que as trajectorias das duas artes, occidental e japoneza, seguem os seus dois cursos tam differentes sem nunca se encontrarem, não mais voltarei a falar d'aquella, alheia a este estudo; reservando ainda um curto espaço para a ultima, da qual me resta ainda dizer alguma coisa.

*

* *

A arte japoneza pode bem ser comparada a uma borboleta incansavel, amorosa da natureza e propensa á va-

riedade, passando os dias, passando os mezes, passando os annos, passando os seculos, a voejar de ramo para ramo, de flôr para flôr, contornando a paizagem em vagabundagens successivas. O que essa borboleta vê, e commenta no seu cerebrosinho minusculo mas prodigiosamente sensitivo, vae ser o inteiro assumpto da arte japoneza, especialmente da arte decorativa; pois, como é sabido, ha no Japão a grande arte religiosa, a grande arte dos templos, occupando-se de assumptos mais subtis; mas, mesmo nos templos, os esplendores da natureza não são nunca esquecidos. Não ha templo magnificente, digno do seu nome, que não assente junto de um jardim, ou de um parque, ou de um bosque, ou não se abrace aos contornos enredados de uma collina vicejante. Os deuses aprazem-se com as florescencias, com as sombras do arvoredo, com o murmurio dos regatos, com o zumbido dos insectos, com o cantar do rouxinol. O architecto tem de possuir, primeiro do que tudo, o fino senso esthetico de escolher o local e embellezal-o; depois, constroe o templo, pouco elevado do solo, alongando-se na linha horisontal, mais barraca do que palacio, embora muitas vezes de admiravel estructura; e o peregrino, que vem prestar culto aos deuses, presta tambem culto á creação, relanceando amorosamente o scenario.

Nos pequeninos objectos, — loiças, charões, bronzes, marfins, — é que a flôr, ou a folha, ou o insecto, tem o seu emprego, quasi exclusivo, como motivo de arte decorativa. A figura humana pouco apparece; o artista

japonez pouco se occupa do homem, cuja personalidade ignora geralmente, a não ser, algumas vezes, para caricaturisal-o. É por isto que os japonezes nunca fôram retratistas. É facto que os vultos femininos são frequentes, na pintura e na gravura por exemplo; mas não como retratos — os rostos das japonezas são todos parecidos uns com os outros; — porem como gentis apparições, impessoaes, quasi insexuaes, a não ser nas formas das mãos e dos pés, de delicadezas primorosas, — unica nudez em que o artista evidentemente se deleita. — O que n'estes vultos femininos mais agrada é o conjuncto harmonioso dos coloridos dos kimonos e das faixas da cintura, e é o imprevisto dos gestos, que dão illusões impressionantes de que as figurinhas se agitam realmente, em requebros, em mesuras . . .

Na pintura japoneza, vamos encontrar geralmente manifestações interessantissimas da alma japoneza, impessoal, contemplativa, vagabunda. Permitta-se-me n'este logar uma breve anecdota intima. Durante a minha juventude, passada a bordo dos navios, contava-se por vezes, entre rapazes, para rir, a historia que um certo engenheiro-machinista, da velha escola, da velha guarda, narrou um dia aos seus amigos. O homem contou a sua historia; a certa altura observou: — «Nós eramos cinco companheiros . . . » — e enumerava, pelos seus nomes, quatro d'elles. Continuou: — «O quinto . . . Quem era o quinto? . . . Não me lembro . . . » — Após alguns minutos de meditação, batendo com a mão na testa ao acu-

dir-lhe ao cerebro a ideia esquiva, concluiu: — «Ah, lembro-me agora! . . . O quinto . . . era eu! . . .» — Pois o pintor japonez é, como o engenheiro-machinista portuguez, que venho de citar. Elle vê pelos seus olhos a paizagem, pinta-a; mas ignora que elle proprio a tenha visto; pinta reminiscencias vagas, pinta o que o senso de todos admitta d'ella, sem preoccupações de exactidão. A pintura do natural, com o objecto á vista, pincel em punho, nunca foi praticada por esta gente. O poeta europeu canta, por exemplo, os enlevos de uma mulher formosa. Mas com o modelo á vista? Certamente que não. Pois o pintor japonez pinta uma collina que o impressionou, ou uma cascata que o seduziu, ou uma abelha que o enfeitiçou, exactamente pelo mesmo processo do poeta occidental, — sem o modelo á vista. — Muitas vezes, salpica de uma chuva de oiro a tela da pintura, isto é, a seda do kimono; ora, elle bem sabe que não ha chuva côr de oiro; mas, não cuidando da expressão rigorosa da verdade, cuida apenas dos effeitos psychicos, que acordam na emotividade alvoroços de sentimentos fulgurantes. E, tal como é, a pintura é, como a inteira arte japoneza, admiravel! . . .

*

* *

Chegado a esta altura, impõe-se-me o profundissimo desgosto de ter de declarar que, ha apenas uns cincoenta

e tantos annos, um terrivel cataclismo cahiu sobre a arte japoneza, esmagando-a. Dos terramotos, que tam frequentemente sacodem o solo do Japão, desfazendo em ruinas a casaria, logra o Japão vingar-se, fazendo surgir das ruinas uma nova casaria. Do cataclismo, que destruiu a sua arte, não sabe o Japão vingar-se; antes de dia para dia se accumulam os destroços, parecendo dever perder-se a esperança de salval-a. O furacão da civilisação occidental, que invadiu o imperio, foi o infausto causador d'esta desgraça, inevitavel. Todavia, era tam intensa a feição da arte japoneza, tam estreitamente identificada com a alma nacional, tam multiplas as suas maravilhosas manifestações, que a derrocada está longe ainda, muito longe, para ser absoluta; e difficilmente se imagina o momento, proximo ou remoto, antes remoto, em que se possa exclamar: — morreu a arte japoneza! . . . — Por agora, não só ainda não está morta, mas nem mesmo se encontra agonizante; soffre, soffre tremendamente, o que basta para encher de magoa todos aquelles, japonezes e estranhos — estes raros, — que se votaram ao seu culto.

Causas diversas, mas encadeadas umas com as outras, téem vindo juntar-se, para que a arte japoneza haja chegado ao triste estado de penuria a que chegou. A implantação no imperio da civilisação occidental trouxe como consequencia fatal a queda do feudalismo; e eram justamente os daimyô, senhores feudaes, os grandes protectores dos artistas, animando-os com todos os carinhos possiveis, a fim de augmentarem as suas collecções de

preciosidades e embellezarem as suas mansões. Falhando o estimulo, appareceu um outro estimulo, agora o dos negociantes do Occidente, pedindo, não objectos preciosos, como aquelles que até então se fabricavam no Japão, mas pacotilha barata e vil, que era a unica que tinha venda nos mercados estrangeiros; e os artistas dos charões, das porcelanas, dos bronzes, dos marfins, tiveram de acceitar o convite, para não morrerem de fome. O mercantilismo enraizou no solo sagrado do Nippon; a grande industria surgiu e floresceu; os proprios japonezes perceberam que, a final de contas, era muito melhor fabricar camisas de malha de algodão, botões de madreperola, phosphoros e outras coisas varias, em vez de objectos de pura arte, ignorada fóra, insufficientemente paga. Estamos no periodo mundial do utilitarismo; o Japão tinha forçosamente de acompanhar a evolução. O que virá depois? Não se sabe. Por agora, é fechar os olhos e andar para a frente.

As causas que apontei ainda outras bastam para explicar a desintegração da arte japoneza, no que n'ella havia de emocionante e de esplendido. Mas outra causa surge, esta deixando-me assombrado. Comprehendo que a evolução haja arrastado o Dai-Nippon a transformações muito notaveis. Seria hoje ridiculo desejar, por exemplo, que os soldados japonezes continuassem vestindo como os antigos samurai; e, como este, milhares de exemplos occorrem. Mas que ancia é essa, da parte de todos, do povo inteiro, de tudo transformar?...

Que vantagens se auferem, em substituir a habitação japoneza pela casa europeia, o gentil kimono indigena pelo casaco e calça de flanella, a *geta* pelo sapato americano, o formosissimo vestuario das mulheres pela saia, mal talhada, que dizem ser á moda do Occidente?... Para que se aprende a tocar piano, e a dançar, e a comer bifes?... Eu julgava, e ainda julgo, que deveria haver todo o interesse, para os japonezes, na conservação dos seus usos, do cunho esthetico dos seus habitos. Talvez me engane. Quanto á arte japoneza, que é o que mais me occupa n'este instante, desapparece, desapparece rapidamente, á força das vassoiradas com que a vão varrendo do solo do Nippon, como se fôra lixo, ella, que é divina!...

Sobre o assumpto em que venho de tocar, convem todavia reprimir quanto possivel exclamações de amargo pessimismo. Devo já dizer que, considerações de ordem differente das que apresentei, de indole muito mais transcendental, acodem ao espirito, explicando, justificando e até applaudindo a estupenda transformação que se está observando na vida japoneza, mostrando-se, entre outros aspectos, a sua arte especialmente affectada. Reservo para o capitulo seguinte alguma coisa a tal respeito.

---

Cuido agora de relancear, muito ao de leve, a litteratura japoneza,—prosa e verso;—o que não me obriga a sahir do campo onde me encontro,—arte;—porque,

como é sabido, litteratura é tambem arte. A litteratura, tomada especialmente no sentido de bellas-lettras, é tambem, sem duvida alguma, uma arte; mas muito differente nos processos de fabrico e na maneira de julgal-a, em comparação com as outras artes. Para o caso do Japão, comprehende-se que um magnifico bronze, por exemplo, captive logo, pelo exame, quem o viu, mesmo um estranho; mas, com a litteratura, o caso é bem diverso. Na enorme maioria dos casos, o estranho, o estrangeiro, a quem se apresente uma composição litteraria, escripta em lingua japoneza, nada entende, dada a feição particularissima dos caractéres. O estrangeiro só pode apreciar a litteratura japoneza pelas traducções, más ou boas, mas mesmo as boas defficientes, porque não ha traducção, em regra, de uma lingua qualquer para outra qualquer, que valha o original. Accresce-se que rarissimos são os occidentaes, com tam amplos conhecimentos da linguagem japoneza, que possam traduzir, com rigor, para uma lingua europeia, qualquer trecho litterario dos nipponicos. Isto basta para fazer sentir que a litteratura japoneza constitue um verdadeiro mysterio, impenetravel para os brancos, que téem de contentar-se no assumpto em julgar por traducções, e estas poucas, em comparação com o muito que os japonezes téem escripto. Pouco importa ao meu proposito. Eu desejo dar aqui apenas uma brevissima impressão sobre a litteratura d'este povo, a bastante para fazer sentir que esta manifestação da sua emotividade

vem, como deveria esperar-se, confirmar as noções varias, obtidas por outros meios, da alma japoneza.

*

* *

Começo pela prosa. Depois, passarei á poesia.

Os commentadores da litteratura nipponica costumam dividir os seus estudos em sete partes, correspondendo a sete periodos. O primeiro periodo, ou periodo archaico, começa com as proprias origens do imperio e alonga-se até ao começo do nosso seculo VIII. É, evidentemente, pobrissimo em documentos litterarios, revelando-nos apenas alguns cantos primitivos e em prosa os ritos sagrados. O segundo periodo, chamado de Nara, abrange o tempo em que a capital do imperio se achava estabelecida na cidade de Nara, de 710 a 784. A prosa d'este periodo é representada por editos solemnes, pelas descripções de provincias e pela importantissima obra que foi o *Kojiki;* seguiu-se-lhe de perto o *Nihongi,* mas escripto em lingua chineza e por isto alheio á litteratura nacional. O terceiro periodo, chamado de Heian, vae de 784 até 1186. Estava então a capital estabelecida em Kyôto, a que o soberano deu o nome de Heian-kyô, a cidade da paz e da tranquillidade, donde derivou a bella denominação do periodo. Deslumbrante épocha foi esta, a de Heian, para as artes e para as lettras, dentro dos limites da côrte imperial; fóra da côrte, é claro, o povo jazia

immerso em profunda ignorancia. Desde longos annos, a poderosa familia Fujiwara conseguira, pela sua habilissima intriga, arrancar das mãos do soberano, em proveito d'ella propria, a administração directa do Estado. Com o andar dos tempos, todavia, os mesmos Fujiwara deixaram-se dominar pelos partidos militares dos Taira e Minamoto, entregando-se, como a côrte imperial e com ella, a todos os requintes do luxo, a todos os enlevos do espirito. As damas, formosas e instruidas, ainda não curvadas ao jugo de obediencia e de humildade, que o desenvolvimento do buddhismo ia em breve impôr ao sexo, dominavam. E, quando os homens illustrados começaram a preferir aos estudos e á linguagem nácionaes os estudos chinezes e a propria linguagem chineza, fôram então as damas da côrte, afortunadamente ignorantes da lingua chineza, que empunharam entre os seus dedos mimosos o pincel de escriptor, produzindo uma longa serie de obras magnificas pelo assumpto, admiraveis todas, cheias de encantos de formas, escriptas em puro japonez e occupando-se exclusivamente de coisas do Japão. Nunca mais a litteratura japoneza havia de attingir as delicadezas de tal quadra. Os generos litterarios d'esta fascinantissima litteratura de renascença são varios, incluindo diarios, livros de impressões, romances; mas todos em harmonia com a indole racial da nação – fluidez de ideias, impersonalidade, culto pela natureza, – e em harmonia com as gentilezas do sexo, que em grande maioria as produziu. Em minha opinião e pelo pouquis-

simo que conheço de tam complicado assumpto, o livro de impressões *Makura no Sôshi* (Notas de travesseiro), publicado cerca do anno 1000 e do qual é auctora a dama da côrte Sei Shônagon, é um dos mais attrahentes, se não o mais attrahente de todos os primores litterarios do periodo de Heian, o que quer dizer — de toda a litteratura japoneza; — direi mais, — nunca li nenhum livro de impressões, em qualquer litteratura occidental, que tanto me deleitasse como este de Sei Shônagon. Em á parte, informo o leitor curioso de que poderá consultar o meu livro *O Bon-odori* em *Tokushima,* onde encontrará ligeiros fragmentos de *Makura no Sôshi* e de outros escriptos nipponicos; mas melhor fará, se preferir dirigir-se á fonte limpa, consultando a *Anthologie de la litterature japonaise,* do Sr. Michel Revon, pequenino volume em formato, mas dictado com o melhor criterio e admiravelmente condensado, contendo tudo que mais convem saber a proposito de lettras japonezas.

Ao periodo de Heian, succede o periodo de Kamakura, decorrido entre os annos de 1186 e 1332. Anteriormente, os partidos militares haviam-se erguido contra os Fujiwara, reduzindo-os a completo desprestigio. Seguiram-se então as tremendas luctas de rivalidades entre os Taira e os Minamoto, como a historia nos ensina; até que finalmente, derrotados os Taira, sobe Minamoto Yoritomo ao poder, recebe do soberano o titulo de Shôgun, recolhe a Kamakura, onde cria uma côrte sua e dirige a administração do Estado em nome do imperador.

Inicia-se o regimen feudal. A côrte imperial, em Kyôto, mantem-se, mas cahida na mais obscura e resignada decadencia. A' administração de Yoritomo, succede a dos Hôjô, tambem em Kamakura; durante este tempo teem logar as duas tentativas, frustadas, das invasões mongolicas. N'este periodo tam agitado, tam victimado pela desordem e pelas guerras, nada se deveria esperar, no tocante á litteratura japoneza. Assim aconteceu, com effeito; e tal periodo seria inteiramente inutil para as lettras, se, a par de extensas descripções, sem meritos, das pelejas que se feriram, não tivesse apparecido, pelo anno de 1212, um simples caderno de impressões, com cerca de trinta paginas, escripto pelo eremita Kamo Chômei e intitulado *Hôjôki*. Este livrinho descreve, por modo insinuante e delicado, as varias calamidades de que o auctor foi testemunha, na cidade de Kyôto.

Segue-se o quinto periodo, que se dividiu em duas partes, o periodo de Nambokuchô, de 1332 a 1392, e o periodo de Muromachi, de 1392 a 1603. Corresponde ao periodo historico dos Shôguns Ashikaga; as duas denominações derivam dos nomes de dois palacios que os Ashikaga habitaram. O periodo de Nambokuchô agitou-se, como o de Kamakura, em desordens, em intrigas, em anarchia, em guerras; publicaram-se muitas descripções de combates, mas um só livro interessante, intitulado *Tsuré-suré-gusá* (Variedades em horas enfadonhas), sendo seu auctor Kenkô. No periodo seguinte, de Muromachi, reinava a paz; as artes muito floresce-

ram; mas em litteratura nada appareceu, digno de menção, a não ser a criação do drama lyrico, chamado *nô*.

Vem o periodo VI, dos Tokugawa, de 1603 a 1868. A administração dos Tokugawa inicia-se por sangrentos combates; mas não tarda a vir a paz, que dura longamente. Periodo de grande desenvolvimento litterario. Por um lado, a litteratura popularisa-se, porque o povo, que já é instruido, quer lêr tambem, o que até então fôra o privilegio dos grandes, dos nobres. Por outro lado, desenvolvendo-se, entre os eruditos, o gosto pela philosophia, compara-se o buddhismo, importado, com o shintôismo, religião nativa; e assim nasce e prospera uma escola de pensadores, os quaes constituiriam dentro em pouco a causa primordial da queda do shôgunato.

E entramos no periodo do Japão moderno, contemporaneo, actual, escrevendo-se muito, divulgando-se muita instrucção. Mas a originalidade da litteratura nacional, typica... essa desappareceu. Labutam febrilmente os prelos, enchendo-se as livrarias, principalmente, de traducções, de adaptações, de imitações, extrahidas das diversas litteraturas occidentaes. Por este modo, e tambem com a leitura dos originaes estrangeiros (a lingua ingleza, mais do que as outras, está-se divulgando notavelmente no Japão), os jovens japonezes vão adquirindo uma rapida ideia, embora desordenada, de tudo que se escreve e se tem escrito na Europa e na America; até se traduz Camões!... Os nomes dos grandes... e pequenos escriptores da raça branca, bem como as suas obras,

são hoje conhecidos por toda a gente illustrada. E' evidente que as lettras estão exercendo uma magica attracção nos cerebrositos enthusiastas da mocidade das escolas; por toda a parte, mocinhos, que hoje frequentam aulas de instrucção secundaria, preparam-se para seguir em breve para Tôkyô ou para Kyôto, a fim de frequentarem universidades, e adquirirem cursos de «*literature*». E' a mania!... O que virá depois em lettras japonezas?...

Convem não esquecer de observar que, entre todos os paizes cultos, o Japão moderno figura certamente como aquelle onde os analphabetos mais escasseam. Não ha mesmo analphabetos no Japão, nas novas gerações, para os dois sexos, salvo algum pobre idiota, ou aleijado, cujas condições, moraes ou physicas, sejam tam estranhamente miseraveis, que lhe prohibam a frequencia, obrigatoria, nas escolas; ou então, no meio de alguma tribu pária habitando no amago inaccessivel das montanhas, ignorada da policia, não mencionada no censo official, possivel é que o raro phonomeno appareça. Todos os japonezes sabem lêr e todos se aprazem na leitura. Em cidades e aldeias, o jornal tem entrada em toda a parte; o livro tambem; nas livrarias, encontram-se á venda até revistas litterarias para creanças de tenra idade, apetecidas e compradas como os bolos dos confeiteiros. Eis um exemplo curioso do amor pela leitura: — no Japão, os cavallos e os bois (não ha burros) são pouco empregados no serviço de puxar uma carroça; é o ho-

mem que substitue o quadrupede, de ordinario; pois é vulgar vêr a gente um pobre carroceiro atrelado a uma carroça, transportando um duro fardo, e, ao mesmo tempo, encostando os braços aos varaes, ir folheando um livro qualquer que lê attentamente, romance, historia de amores, ou coisa parecida... — Outro exemplo: — O meu vizinho do lado, carpinteiro, de quem menção foi feita em paginas anteriores d'este volume, recolhe a casa, diariamente, pela tardinha, estafado de um dia inteiro de trabalho, como bem pode imaginar-se por estes calores torridos dos mezes de agosto e setembro. Toma o seu banho, ceia. Pouco após, dormem as creanças pelos cantos. Elle então, longe de ir dormir tambem, acerca-se da lampada electrica e dá á esposa uma ou duas horas de leitura, de novellas e velhos contos guerreiros, colhidos em livros provavelmente a tanto por volume, por alguns dias, o que constitue mister vulgar para varia gente. A voz do carpinteiro é sonora, admiravelmente rhythmica, incançavel; de tal modo attrahente, que accordou as attenções da vizinhança, homens e mulheres, que acodem como que a um magico chamamento, para alegria dos ouvidos. — Ainda outro exemplo: — conta Lafcadio Hearn, se não me engano, que logo após o grande terromoto de Gifu, em 1891, os rapazitos das escolas, destruidas, vinham ás horas das aulas acocorar-se sobre as ruinas, servindo-se de telhas das derrocadas como ardosias e de pedaços de caliça como giz, para continuarem seus estudos de escripta e de leitura... — Para commen-

tar este ultimo incidente, não ha rhétorica que chegue, falha a eloquencia; substitue-as uma qualquer d'essas trivialidades de linguagem, vulgares entre o povo, dizendo mais, todavia, do que todas as rhétoricas; digâmos pois: — que gente esta! . . .

*

*    *

Antes de terminar estas curtas referencias sobre a litteratura japoneza, no que respeita a sua prosa, faço a mim mesmo estas perguntas: — E as lendas? E os proverbios? Constituirão as lendas e os proverbios uma parte da litteratura de um povo? . . . — Parece-me que sim; litteratura não escripta, conservada apenas pela tradição oral, na memoria dos homens. Para o caso do Japão, julgo até que as lendas e os proverbios realizam, em litteratura, dois exemplos caracteristicos d'aquella feição racial tam em evidencia em todas as emotividades da alma japoneza, — a impersonalidade. — Quem é o auctor da lenda ou do proverbio? Não se sabe; não é ninguem; ou antes, é toda a gente; o individuo dissolve-se na collectividade. Seja como fôr, vou referir-me agora, mui ligeiramente, a este assumpto, aproveitando o unico ensejo que se me offerece para fazel-o.

No Japão, abundam enormemente as lendas, algumas de origem chineza, algumas de origem indiana, muitas d'ellas incluidas n'aquelle genero a que nós, portugue-

zes, chamamos graciosamente -*contos da carochinha.*- Figuram bichos que falam, que discutem, acaso com mais bom senso do que se fôssem gente, que falasse e discutisse. Por vezes, o thema da lenda é o amor; e com tanto sentimento é invocado, com tamanha paixão, que o caso vem provar-nos que o nipponico, longe de ser refractario ao amor, como vibratilidade passional, o experimenta, o sente com requintes de emoção. Nos meus varios livros a respeito de coisas japonezas, especialmente nas *Paizagens da China e do Japão,* o leitor poderá encontrar, em traducção, algumas lendas japonezas; mas melhor fará, consultando a brilhante collecção illustrada *The Japanese Fairy-Tale Series,* publicada por Hasegawa, em Tôkyô.

Quanto aos proverbios, que abundam tambem no Japão, offereço aos curiosos, sem mais commentarios, um punhado d'elles, colhidos ao acaso, como quem colhe papoilas bravas n'um prado da nossa terra portugueza.

*Gippen yomu yori ippen utsusé.*

(Preferivel a lêr uma passagem dez vezes, é transcrevel-a uma vez).

*Jûhachi no goké wa tatsu ga, shijú no goké wa tatanu.*

(A viuva de dezoito annos guarda a sua viuvez, mas a viuva de quarenta annos não a guarda).

*Isogae kani wa ana ni kairi-kaneru.*

(O caranguejo que se apressa não atina com o seu buraco).

*Isogashi toki wa ona mo ro wo toru.*

(N'um momento de pressa, até as mulheres remam).

*Issai okoreba ni sai mo okoru.*

(Quando uma desgraça occorre, segunda desgraça occorrerá).

*Nuka ní kugi.*

(Pregar pregos em semeas).

*Suzamé no sen koé yori tsuru no hito koé.*

(Maior do que o grito de mil pardaes é o grito de uma só cegonha).

*Ichi-já no ketai wa isshô no ketai.*

(Negligencia de uma hora, negligencia para sempre).

*Shinamono no hometaru hito ni kau tameshi nashi.*

(O individuo que gaba um objecto nunca o compra).

*Honé ga nakerebá isshoni naritai.*

(Se eu não tivesse ossos, queria viver no teu corpo).

*Horeta yamai ni kusuri nashi.*

(Para a doença do amor não ha remedios).

*Horete kayoeba sen ri mo ichi ri.*

(O amoroso, que vae a uma entrevista, faz mil leguas como se fôssem uma legua).

*Kwaji no mae ni wa ie ni nezumi ga inaku naru.*

(Antes do incendio, os ratos desapparecem de casa).

*

* *

Chegou agora a occasião para algumas ligeiras considerações sobre a poesia japoneza.

Os japonezes fizeram versos desde mui remotas eras. Os livros *Kojiki* e *Nihongi* citam antigas poesias, conservadas pela tradição oral, as quaes devem datar de tempos bem distantes.

Os antigos soberanos japonezes votaram particulares cuidados á poesia. Cerca do anno de 756 da nossa era, appareceu a primeira anthologia poetica do imperio, intitulada *Man-yôshû* (collecção de dez mil folhas), publicada por ordem do imperador. Durante o periodo medieval, isto é, desde o seculo X até ao seculo XV, tiveram publicidade, tambem por ordens dos soberanos, nada menos do que vinte e uma anthologias poeticas. Não faltam pois documentos, que habilitem os curiosos, quando amplamente conhecedores da linguagem, a seguir a evolução da poesia japoneza.

A poesia nipponica apresenta uma só forma metrica, consistindo em versos alternadamente de cinco e sete syllabas, terminando o poema por um verso final, a mais, de sete syllabas. A rima é desconhecida. Nunca os japonezes se deram a longas composições poeticas; não está isto no seu gosto. O poema é, para elles, como que um gorgeio de passaro, harmonioso e rapido. No *Man-yôshû,* onde se encontram reunidas mais de quatro mil poesias, deparam-se algumas do genero a que chamam *naga-uta,* poemas longos, mas que apenas contéem, os maiores, algumas dezenas de versos; e a grande maioria é representada pelo genero denominado *tanka,* em que cada poema completo é formado por cinco versos; isto é, por

trinta e uma syllabas,—pouco mais ou menos a grandesa da nossa quadra portugueza, popular.—Nas anthologias que se seguiram ao *Man-yôshû,* só se encontram *tanka;* a *naga-uta* passára de moda, para sempre, excepção feita porventura de algumas tentativas modernas, sem importancia. Devo dizer n'este logar que os poemas longos nunca merecerâm grande estima por parte dos nipponicos; achavam-lhes não sei o quê de enfadonho, de causticante; o *tanka* teve sempre a preferencia. E quando, no fim do seculo XIV, se iniciou o drama lyrico, que havia de cessar antes do fim do seculo XVI, os japonezes, achando ainda o *tanka* longo de mais, começaram a cultivar um novo genero, o *hokku,* pelo qual o poema completo continha apenas dezesete syllabas... o cumulo da concisão na arte poetica!...

Foi-se desenvolvendo e aperfeiçoando o *hokku.* O *tanka,* todavia, não foi posto de parte, ainda hoje se pratica; nos concursos annuaes de poesia, gentilissimamente organisados na casa imperial e em reminiscencia dos velhos tempos aureos, os concorrentes, que são toda a gente, nobresa e povo, que queira apresentar os seus trabalhos, fazem uso do *tanka.* No entretanto, o *hokku* ia medrando, sem que parecesse destinado a occupar grande ascendencia nas bellas-lettras japonezas; mas eis que surge um genio em poesia e ao mesmo tempo um caracter encantador, na pessoa do bonzo Bashô, que havia de elevar o *hokku* á altura do typo por excellencia da poesia nacional, popularisando-o pelo Japão inteiro.

Biographar Bashô é fazer a historia do *hokku* e de um periodo interessantissimo, o ultimo, da arte poetica do Japão; biographarei pois Bashô, ao correr da penna, claro está.

*

* *

Matsu-ura Bashô nasceu no anno de 1644, em Ueno, na provincia de Iga. Pertencia elle à uma familia de samurai, e desde tenra idade encontrou emprego na residencia do daimyô, servindo de companheiro a um filho d'este; mais do que companheiro — amigo e discipulo, — sendo o joven principe versado em lettras e cultor de poesia. Este principe falleceu prematuramente; e Bashô, então apenas com dezeseis annos de idade, tam dolorosamente ferido ficou pela perda do seu amo, que, guardando d'elle uma madeixa de cabello, abandonou o palacio, retirando-se para um grande e famoso templo buddhistico, Kôya-san. Pouco após, abandonava tambem o templo, dedicando-se voluntariamente a uma vida de mysticismo, feita de humildade e de miseria, quasi sem lar, vagueando ordinariamente de poiso em poiso, como bonzo peregrino. Succedeu que, por algum tempo, viveu em casa de um amigo, cerca de um pequeno jardim, onde vicejavam bananeiras, que se chamam *bashô* em lingua japoneza; foi desde então que elle adoptou para si o nome de *Bashô,* com que ficou sendo conhecido em todo o imperio. Em parte por temperamento e por edu-

cação, ao mesmo tempo possuidor de uma doce alma bondosissima, Bashô dedicou-se ardentemente a prégar a boa moral, servindo-se da poesia, isto é, do *hokku*, como meio transmissor do seu sentir caricioso. Obteve, por este processo, uma popularidade enorme, como poeta e como moralista; realisando ao mesmo tempo dois beneficios,—a divulgação do bem e a divulgação do bello.—Os seus discipulos fôram numerosos e por seu turno, agruparam discipulos junto a si, formando-se uma grande escola de Bashô, que enraizou na alma nacional e se propagou espantosamente. É desde então que quasi toda a gente, no Japão, compõe poesias, mercê do encanto suggestivo do pequenino poema com dezesete syllabas apenas. É desde então que a arte poetica figurou, e figura ainda, como elemento decorativo n'uma infinidade de objectos, como nos quadros suspensos das paredes, nas ventarolas, nos leques, nas toalhas, nos cachimbos, nas porcellanas, na seda que fórra os vestidos das mulheres, etc. N'uma excursão a Osaka, onde o poeta-peregrino se installára, em casa da poetisa Sono-jô, sua discipula, uns cogumellos, que comeu, envenenaram-n'o; fallecendo após cerca de duas semanas de soffrimento, no dia 28 de novembro de 1694, depois de tomar um banho purificador, rodeado dos seus discipulos mais queridos.

Resta-me agora offerecer aos leitores d'este capitulo uns curtos commentarios á cerca do *hokku* e transcrever, ao acaso, umas poucas d'estas minusculas composi-

ções, de modo que se fique ao menos com uma leve ideia do que sejam, tam differentes de tudo que as formas poéticas do Occidente patenteam.

O que causará maior espanto, sem duvida, á comprehensão do homem europeu, n'este assumpto de poesia japoneza, é a infima grandeza do *hokku*, que representa, ha cerca de dois seculos e meio, quasi que a unica forma corrente do poema dos nipponicos. — Que poétas são pois estes, os nipponicos? Como pretendem elles condensar, em dezesete syllabas apenas, os multiplos sentimentos que a poesia nos suggere, a nós, brancos, que tam longas paginas de versos, não raras vezes, dedicamos a um assumpto apenas?... — O leitor, fazendo a si proprio estas perguntas, esquece uma consideração primordial, esquece que nós somos europeus e que os japonezes são japonezes, isto é, que differenças enormes de mentalidades nos separam, irreductiveis, provenientes de caracteristicas raciaes inteiramente independentes, evolucionando na existencia mundial por dois caminhos, que nada teem de commum um com o outro. Que admirar pois, que os filhos do Nippon hajam comprehendido a poesia de um modo bem diverso da maneira como nós, occidentaes, a comprehendemos?... O contrario, se succedesse, é que seria digno de estranheza. Alma, que se apraz na impersonalidade, que se esquiva da scena para deixar livre o campo a serena successão das modalidades naturaes, que por isto mesmo experimenta repugnancias tenazes em se occupar em considerações de si propria —

alegrias e soffrimentos proprios, — a alma japoneza sentiu, criou uma poesia sua, em perfeita concordancia com as suas preferencias affectivas. A poesia japoneza pouco mais é e pouco mais pretende ser do que uma exclamação, — um! — ordinariamente inspirada na belleza do scenario, nas surpresas da paizagem, mas podendo alcançar outros assumptos, — os assumptos de ordem moral. — Em todo o caso, não é nem pode ser uma descripção, é uma suggestão; não aspira ao completo acabamento de uma ideia, antes prefere limitar-se a enunciar-lhe o inicio, deixando o resto para ser adivinhado; bastando-lhe assim as dezesete syllabas do *hokku;* devendo accrescentar-se que soube realizar o seu proposito de uma maneira magistral. Está-se vendo como a arte poética se inspirou no mesmo espirito esthético das outras artes, da pintura por exemplo, — fluidez no traço, simples esboço, ignorancia dos detalhes, embora possam ler imaginados. — Ha pintores japonezes, sendo Hokusai um d'elles, que se deleitam em desenhar um objecto — uma cegonha, um pato, uma tartaruga, ou outra coisa, — de um só rapido movimento de pincel, como a nossa penna de europeus traça, correndo, um *a* cursivo no papel; pois o *tanka* e o *hokku* correspondem, na poesia japoneza, á cegonha de Hokusai, em pintura.

Para estudiosos portuguezes, todavia, o *tanka* e o *hokku* não devem merecer tanta estranheza. Nós temos a quadra portugueza, a nossa deliciosa quadra popular, tam cheia de seducções que, uma só, pode constituir um

poéma emocionante. Dá-se tambem a circunstancia de serem certos processos de construcção, de uso vulgar na poesia japoneza, como o jogo de palavras, o calembur, ou então a reunião de dois periodos, independentes um do outro no sentido, tambem vulgares na quadra portugueza. Em minha opinião, a nossa quadra, quando habilmente manejada, seria susceptivel de dar excellentes traducções dos poémas japonezes.

*

* *

Para encurtarmos razões, vão seguir-se alguns *hokku*, com a sua traducção, litteral quanto possivel, em chata prosa. A alguns accrescentei, por desfastio, a traducção em versos—de pé quebrado, é evidente, ficando o leitor incumbido, com mais pachorra do que eu, de fazer as correcções.

Eis um *hokku* de Bashô:

*Furu-iké ya*
*Kawazu tobi-komu*
*Mizu no oto*

A traducção é a seguinte:—Ah, o velho tanque! e o ruido das rans, atirando-se para a agua!...—O leitor não se encontra prevenido para poder encontrar bellezas, assim de surpresa, n'uma pequenina poesia japoneza. Mas pense um pouco. Não acha encantador este

instantaneo, recordando a paz de um logar, provavelmente junto de algum vetusto templo buddhistico, em cujo terreiro se encontra um velho tanque, sendo o silencio apenas cortado pelo som melancholico que acompanha a queda das rans sobre a agua adormecida?...

Eis a traducção em verso:

> Um templo, um tanque musgoso;
> Mudez, apenas cortada
> Pelo ruido das rans,
> Saltando á agua, mais nada...

Eis um outro *hokku*, de outro auctor:

> *Moshi nakabá*
> *Chôchô kago no*
> *Ku wo uken*

A traducção é como segue: — Se a borboleta cantasse, teria de soffrer o martyrio de uma gaiola. — Quer isto dizer que a borboleta é tam formosa, pelas côres de que se adorna, que, se cantasse, toda a gente quizera tel-a como prisioneira, dentro de uma gaiola; salva-a a sua desengraçada mudez.

Bashô era extremamente bondoso para com todos os animaes, não admittindo que os maltratassem, mesmo por pensamento. Em certa occasião, jornadeava elle campos fóra, em companhia de Kikaku, seu discipulo.

Este, dando fé de um tira-olhos escarlate, exclamou em verso:

*Aka tombô*
*Hane wo tottara*
*Tô-garashi*

que quer dizer: — Arranquem as azas a um tira-olhos escarlate; ficará um pimento. — Esperava o discipulo, talvez, do mestre um cumprimento. Mas Bashô reprehendeu-o vivamente, por tam cruel brincadeira; e, corrigindo os versos, proferiu:

*Tô-garashi*
*Hane wo tsuketara*
*Aka tombô*

que quer dizer: — Juntem azas a um pimento; ficará um tira-olhos escarlate.

Não esqueça este famoso *hokku*, considerado como uma das mais delicadas producções do genero e devido a Chiyo, celebre poetisa:

*Asagao ni*
*Tsurubé torarete*
*Morai mizu*

Traduz-se por esta forma: — A trepadeira (campainhas, *convolvulus tricolor)* enrolou-se á corda do poço; vae-se pedir agua ao vizinho. — A poetiza, mulher de fino gosto, indo uma manhan buscar agua ao seu poço, deu com o

pequenino evento que contei; não ousando molestar a planta, cujas flôres são muito apreciadas no Japão, decidiu-se a ir pedir agua ao vizinho . . .

Segue a traducção em verso:

> A trepadeira trepou
> Pela corda do pocinho;
> Para não a molestar,
> Vae pedir-se agua ao vizinho.

Eis um interessante poémazinho pittoresco:

> *Furu tera ya*
> *Kané mono iwasu*
> *Sakura chiru*

Traduz-se por este modo: — Oh, o velho templo! o sino não toca; flôres de cerejeira cáem sobre o sólo . . .

Outro no mesmo genero:

> *Yuki no mura*
> *Niwa-tori naité*
> *Aké shiroshi*

Quer isto dizer: — Aldeia coberta de neve; gallos cantando; rompe a madrugada.

Outro, de genero bem differente:

> *Chôchô ni*
> *Kyonen shishitaru*
> *Tsuma koishi*

Traduz-se d'esta maneira: – Duas borboletas! ... No anno passado, a minha querida esposa morreu ... – Expliquemos. No Japão, um par de borboletas symboliza gentilmente um consorcio feliz; e é costume antigo mandar aos noivos, como presente do noivado, um par de borboletas de papel. O solitario viuvo, achando-se no seu jardim – imaginemos, – poisou o olhar em duas borboletas; e lembrou-se então dos presentes de noivado, que elle recebera anteriormente ... Aqui fica pois apontado um *hokku* amoroso, embebido em saudade. Convem observar a proposito que, na poesia japoneza, o auctor do poema nunca canta uns lindos olhos, ou uma bella trança de cabello, ou a delicadeza do perfil do ente que elle estima, ou estimou; em verso, o amor nipponico apresenta-se sempre como que pudicamente coberto por um véo, do qual uma das pontas se houvesse desprendido, deixando entrever uma nesga do mysterio.

Eis a traducção em verso:

> **Passa um par de borboletas**
> **Emblema do amor ditoso ...**
> **Ha um anno, se finou**
> **A mulher de quem fui 'sposo ...**

E por ultimo um *hokku* moderno, tresandando a realismo, mas nem por isto menos curioso:

> *Nusundaru*
> *Kagashi no kasa n*
> *Amé kyû nari*

Traduz-se assim: — Cae duramente a chuva no chapeo que eu roubei ao espantalho. — Quando o arroz está proximo da colheita, nuvens de pardaes cáem sobre o arrozal, na ancia de devorar os bagos, maduros quasi. O aldeão japonez fabrica então uns bonecos, uns espantalhos — e com que arte e graça! — veste-os com kimonos esfarrapados e inuteis, cobre-lhes as cabeças com chapeos de palha, da classica forma pyramidal, mas evidentemente podres á força de uso, não prestando para nada; e dispõe de espaço em espaço, no arrozal, alguns d'estes mostrengos, em tragicas posturas, a fim de espantarem os pardaes. Para o nosso caso, devemos imaginar um pobre diabo qualquer, talvez um estudante pobre — e ha tantos estudantes pobres no Japão! . . . — que fôsse caminhando pela estrada, cabeça núa; surprehendido por um aguaceiro, arranca da cabeça de um espantalho o chapéo pobre, enfia-o na propria cabeça e continua o seu caminho, compondo, talvez por passatempo, a poesia que citei . . . Em tam minguadas linhas, não se poderia ser mais expressivo, ao descrever um quadrinho de penuria . . .

Segue a traducção em verso:

> Vae molhado até aos ossos;
> Cae a chuva, mais e mais,
> No chapeo, que foi roubar
> No campo ao 'spanta-pardaes.

*

* *

Se eu quizesse, se eu podesse, teria ainda muito que dizer ácerca da poesia japoneza; passando agora a commentar um outro genero de poesia, independente das formas classicas, que apontei. Refiro-me á poesia popular, a que melhor chamaria — a cantiga popular.

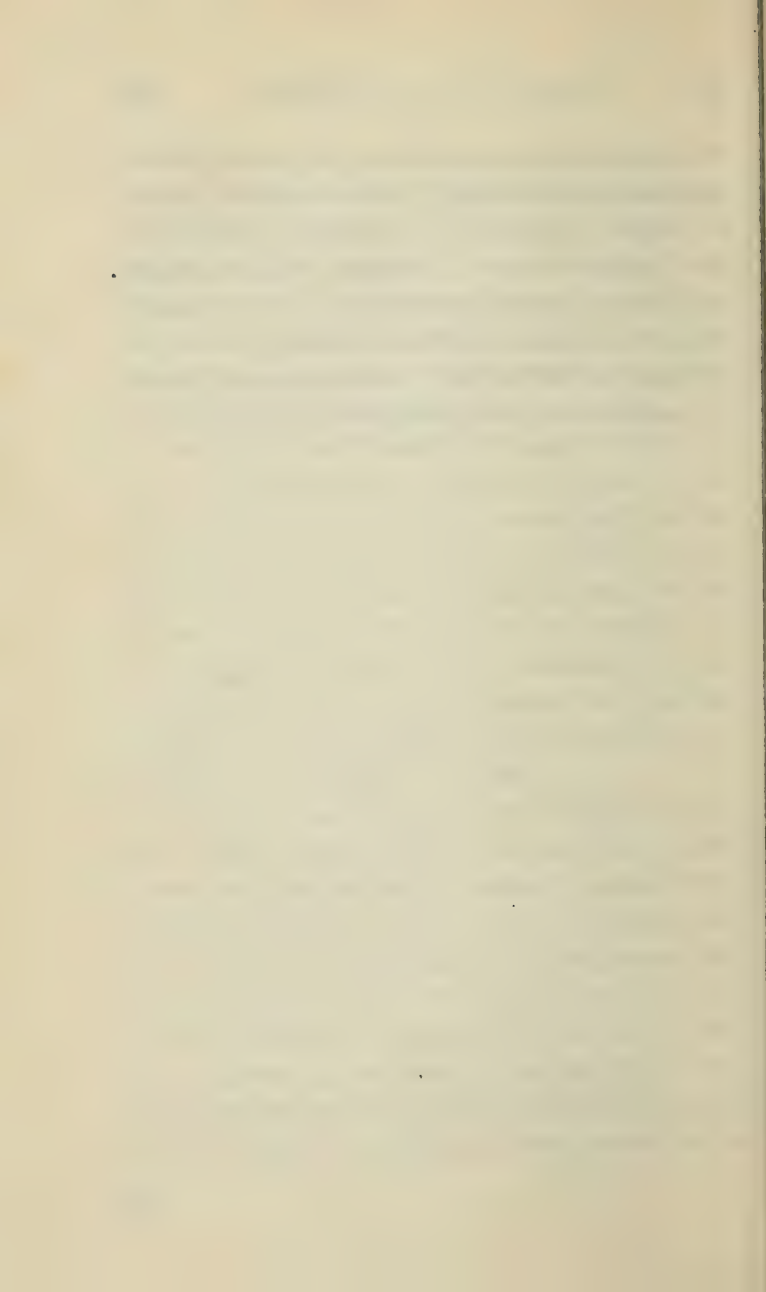
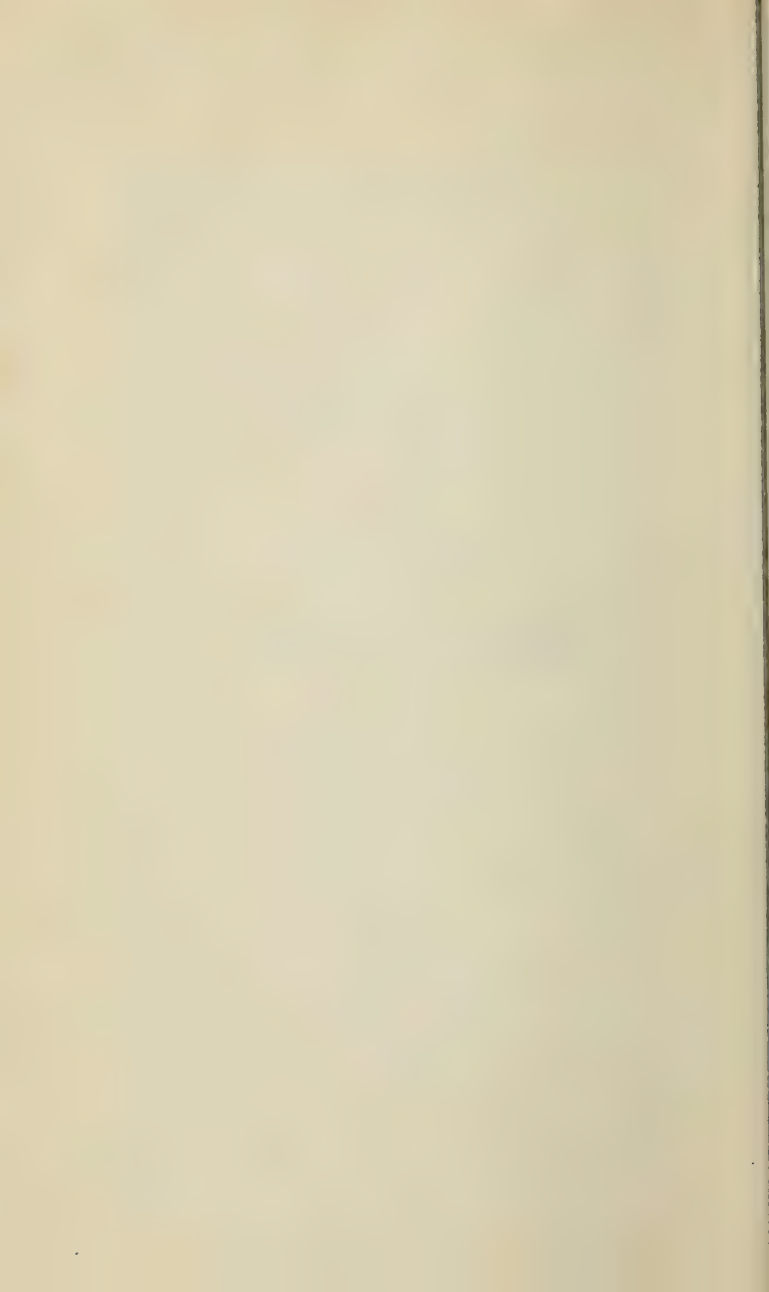
No Japão, canta-se sempre. Geralmente a meia vós, sem berros que atordoem. A vida do povo japonez, nas suas multiplices actividades, passa-se a cantar, como a vida das cigarras. Nas cidades, o carpinteiro, o estucador, o fabricante de *geta* — calçado, — o carreteiro e todos os outros artifices trabalham, cantando. Nos campos, nas serras, o lavrador, o rachador de lenha, mourejam, cantando. Os peregrinos, os mendigos, cantam, ás portas, orações buddhisticas. Mulheres de uma raça reprovada, ás quaes poderiamos chamar ciganas japonezas, param tambem ás portas, cantando balladas, a troco de alguns cobres. As mães, claramente, adormecem os filhos, cantando-lhes. Os estudantes, nas suas excursões escolares, cantam em côro. Os soldados, em marcha, cantam em côro, por vezes. As *geisha* cantam, cantam muito, o que não é para espantar; sendo a cantiga, como é sabido, não o seu ganha-pão, mas o seu ganha-arroz ... Seria, por certo, trabalho interessantissimo, posto que extremamente complicado, ir desencantar e reunir a enorme

multidão de cantigas populares, que se soltam a toda a hora dos labios dos nipponicos; commentando-as depois, discutindo-as, traduzindo-as em linguas estrangeiras. Os criticos japonezes nada téem feito, que eu saiba, n'este campo de pesquizas. O mesmo direi dos commentadores occidentaes, com excepção de Lafcadio Hearn, que alguma coisa produziu, primorosamente, mas muito pouco para o muito que se reclama.

O estudo da poesia popular dos japonezes, quando se faça, virá possivelmente, provavelmente, rasgar horisontes imprevistos para a melhor comprehensão da alma nacional. O sentimento do amor, por exemplo, surgirá talvez mais nitido do que apparece na poesia classica, pudicamente reservada. O povo, em todos os paizes, não tem papas na lingua, como se diz vulgarmente entre nós; e tudo me faz crêr que a alma mystica dos nipponicos palpita, no sobresalto affectivo de sexo para sexo, tanto ou mais do que a alma do Occidente.

Termino este capitulo, dando ideia do sentido de uma certa cantiga popular, d'essas cantigas que as *geisha* cantam, acompanhando-se do *shamisen,* a guitarra indigena, para entreterem os convivas, n'um banquete. Eis a ideia: — As borboletas mostram especial predilecção pelas flôres de colza. Quando o colza floresce em abril, e os campos se atapetam de amplos esbrazeamentos de coloridos amarellos, as borboletas acodem em bandos, doidas, esgazeadas, para virem deliciar-se em sucos e respirar perfumes. Mais tarde, murcham as flôres, transformam-se

em meudinhas sementes escuras, que a gente tritura, transformando-as em azeite, que vae alimentar a candeia do aldeão e alumial-o. Á luz da candeia, chega-se por vezes alguma borboleta vagabunda, voeja em torno, queima-se na chamma, morre. Ora, quer a cantiga que citei que a borboleta vagabunda conserva de memoria os enlevos da flôr de colza; e, sabendo-a agora feita em luz, vem dar-se-lhe, vem offerecer-lhe a propria vida...

# XI

# SYNTHESE DOS ASPECTOS

CHEGÁMOS, leitor, ao termo da nossa peregrinação sentimental, procurando colher relances dos aspectos, em volta da alma japoneza. Muito haveria ainda que dizer, certamente; mas tudo tem um fim; consistindo a habilidade de quem escreve em abandonar a penna, no momento em que, se proseguisse, se tornaria massador. Ora, este momento, para o meu caso, chegou agora, parece-me, se é que não chegou já, muito mais cedo. Mas não está tudo concluido. Convem presentemente inventariar as nossas collecções, fazer a synthese dos aspectos, deligenciando conhecer se, do que vimos e estudámos, algumas conclusões geraes podem colher-se, que venham constituir feições typicas do retrato moral, que tivémos a pretenção de querer esboçar.

Que caracteristicas principaes se nos revelam? Resumâmos. Os japonezes apparecem-nos pela primeira vez como um povo intruso, vindo de longe, parece que da Mongolia, passando da vida tribal á de um Estado constituido, havendo já criado uma mythologia sua, pela qual o imperador é filho dos deuses, e os proprios japonezes

tambem dos deuses filhos são; o resto do mundo é ignorado, não existe. Resulta do facto um grande orgulho nacional, que enraizou profundamente e progrediu, produzindo os seus effeitos e persistindo ainda hoje na alma nacional.

A mythologia japoneza, isto é, a religião japoneza, que mais tarde recebe a denominação de Shintô, — a via dos deuses, — deve ter tido a sua origem n'um rude culto de antepassados, culto commum talvez a todos os povos primitivos, mas particularmente accentuado nas emotividades asiaticas. Munidos da sua religião, — bagagem sentimental imprescindivel, — os japonezes accusam bem depressa distinctas qualidades, proprias. Revelam-nos elles um notavel espirito de expansão, de invasão, invasão ora pacifica, ora hostil. Revelam-nos elles uma grande polidez, uma requintada cortezia, levada muitas vezes ao extremo. Revelam-nos elles um culto apaixonado pela natureza, uma tranquilla confiança nos seus destinos, sorrindo á vida; occasionalmente, faisca-lhes um gesto de irritabilidade nervosa, talvez em parte devida a heranças remotissimas dos avós, talvez em parte devida a influencias climatericas do meio, cujos aspectos, variando do doce ao tragico, se impregnam de innumeras modalidades. Revelam-nos elles muitas outras caracteristicas raciaes.

No entretanto, o estudo da alma japoneza só consegue obter um apoio valioso ás investigações do commentador, quando o conhecimento da linguagem e a sua

comparação com as linguagens occidentaes veem offerecer interessantissimos conceitos, que vale bem a pena agora relembrar. Na grammatica japoneza, não ha artigos; os substantivos e adjectivos são invariaveis, independentes de genero e de numero; quasi que não ha pronomes pessoaes; os tempos dos verbos são invariaveis, independentes de pessoas; não ha sujeito grammatical na oração; de sorte que os phenomenos passam-se como que n'um mundo sem espectadores, sem testemunhas dos factos, visto que os individuos se eliminam propositadamente da scena; estranha coisa, que leva á comprehensão da impersonalidade japoneza. Quando tentei explicar esta feição psychica do nipponico, fui levado a admittir que o japonez, em contraste com o homem branco, não distingue as duas ideias – divindade e natureza creadora, – não adora um ser divino ao mesmo mesmo tempo que amaldiçoa uma catastrophe terrestre, presta culto a tudo, do que resulta uma constante despreoccupação de resistencia, que leva ao desmerecimento da individualidade, á impersonalidade.

Por mais extraordinaria que pareça esta noção que acabamos de adquirir, da impersonalidade nipponica na lucta da existencia, convem todavia observar que o phenomeno é apenas o exemplo infimo de um portentoso principio universal. Com effeito, os astros, os universos, collaboram entre si, mui presumivelmente, na ignorancia dos seus destinos, para um fim – se fim ha, – que não os preoccupa; é a impersonalidade. Descendo a aspectos

mais humildes, embora ainda grandiosos, não sahindo da terra, não reparaes nos apparecimentos estupendos dos *atolls,* ilhas coraliferas, formadas no oceano pela lentissima accumulação de coraes sobre coraes, seres inferiores, agglomerados entre si, associados entre si, cooperando para um fim unico, inteiramente inconscientes dos seus destinos?... Não reparaes tambem no que se passa com a vida das abelhas, com a vida das formigas, associações de trabalho em beneficio da familia, offerecendo-nos exemplos eloquentissimos da iniciativa anonyma dos individuos em favor das collectividades?...

Effectivamente, é assim que se passam as coisas. Se quereis fazer o elogio da impersonalidade, direis que elle não trará a ventura directa ao individuo, mas sim a ventura á collectividade, e é isto justamente o que pretende a natureza. Não imagineis que as sociedades humanas se eximem ao cumprimento d'este grande principio da creação; todos os homens — brancos, amarellos, negros, de todas as côres — trabalham inconscientemente, anonymamente, para o bem das nações a que pertencem; o que acontece, é que esta caracteristica moral actua em graus differentes para cada grupo de homens; quer Percival Lowell que os seus compatriotas, os americanos do norte, sejam, entre os brancos, o povo mais individualista, aquelle onde a personalidade mais impera, ao passo que os francezes, igualmente entre os brancos, sejam os mais impessoaes.

*

* *

Seja como fôr, a alma japoneza mostra-nos, em relação a todos os outros homens do mundo civilisado, a mais intensa manifestação da caracteristica da impersonalidade. A noção religiosa, que faz da divindade e da natureza criadora uma e a mesma coisa, conjunctamente com a feição da impersonalidade, que deriva de tal noção religiosa, são os grandes principios fundamentaes, em torno dos quaes gravitam, como satelites em torno de dois astros dotados de forças dirigentes, todas as outras qualidades, que traçam o perfil psychico da alma dos nipponicos. Estas outras qualidades são, n'um resumo incompleto, — nem é preciso ser mais minucioso ao relembrar o que foi dito, — as que vão seguir-se. — Profundissimas raizes do culto dos avós, do culto dos antepassados, culto que é ao mesmo tempo piedade filial, adoração pelo soberano, amor da patria, amor de familia, orgulho racial. Grande influencia que o buddhismo vem exercer na emotividade japoneza, amenisando os costumes, prégando a abnegação, a simplicidade, a sobriedade e, mais do que tudo, fixando a crença na vida eterna. Coragem sem limite. Obediencia aos chefes. Inclinação para o principio associativo, cooperativo. O amor sexual não exerce, em regra, uma influencia imperativa, na existencia vulgar do povo, ao contrario do que suc-

cede com os povos da raça branca; embora os japonezes sejam susceptiveis de experimentar e de soffrer intensamente os effeitos do amor passional. Com respeito á morte, os japonezes encontram por vezes um sorriso para recebel-a; quando o sorriso falta aos labios contrahidos pela dôr, recebem a morte com dignidade decorosa, com calma compostura; os japonezes são, sem duvida alguma, entre os homens civilisados, os mais corajosos perante a morte. Por ultimo, para não nos demorarmos em chegar ao fim da lista, os japonezes revelam-nos uma arte e uma litteratura encantadoras, originadas no naturalismo-pantheista, impregnadas de mimo estranho, differentes de tudo que, no mesmo genero da vibratilidade sentimental, os homens da raça branca teem feito, pelo pincel, pela penna, pelo instincto da mão obreira que labora.

O interessantissimo phenomeno psychico da muita notavel impersonalidade do japonez em todas as manifestações da vida não tem escapado á observação dos criticos occidentaes. Entre outros, Percival Lowell solta por vezes commentos embebidos de ironia ou de azedume, a tal respeito; e Lafcadio Hearn, o grande amigo do Japão, receia muito dos resultados futuros d'esta tam curiosa caracteristica. Afigura-se á comprehensão do homem branco, que a tendencia individual do nipponico para se impersonalisar, para se retrahir, para se perder na turba, leva-o cada vez mais á associação, a um simples papel cooperativo, mas exclue em qualquer a ideia de pretender distinguir-se, salientar-se, competir com a

turba; e sem este grande estimulo, quando a vida é uma lucta constante de interesses de homem para homem, de povo para povo, de nação para nação, a nação japoneza arrisca-se muito a vêr cahir em desmaio as suas energias productoras, perante as actividades sempre crescentes dos povos occidentaes. Será assim, ou não será. A caracteristica da impersonalidade incute no individuo, com effeito, o sentimento da propria fraqueza, donde emana a ideia da associação, da cooperação, e não da competencia. Mas não será isso mesmo que mais convenha aos japonezes?... Parece-me que sim. Por um lado, está longe de prever-se a epocha remota, se vier, em que a producção seja tamanha no Japão, que exceda o consumo e as exigencias da exportação, quando então as iniciativas individuaes seriam talvez recommendaveis. Por outro lado, a melindrosa situação politica do imperio, agora e sempre, em face do palpitante problema extremo-oriental, em que fervilham ambições de toda a especie, reclama que o Japão se mantenha constantemente em defensiva, contra tudo e contra todos; e, em semelhantes circunstancias, a cooperação das massas é de muito mais valor do que a iniciativa particular.

Convem, no assumpto presente, dar inteiro realce á ideia da associação, á ideia da cooperação, que são dois principios de ordem natural, da mais alta importancia pelos seus effeitos maravilhosos. A natureza creadora serve-se frequentemente d'estes dois principios, nas suas mysteriosas locubrações; e a natureza é bom mestre.

Ora, os japonezes não são formigas, nem abelhas, e muito menos infimos seres da especie coralifera. Mas o que se pode é generalisar os principios, depois immaterialisal-os, transformando-os em principios puramente da ordem moral; e talvez assim se consiga admittir que a perfeita associação e a intima cooperação no trabalho constituem poderosissimos elementos para a felicidade das nações, embora sem beneficio immediato e directo para cada individuo anonymo que labuta; e talvez ainda se deva concluir que a reconhecivel prosperidade, que tem coroado todos os grandes esforços do povo japonez e parece dever continuar a coroal-os, será principalmente o resultado de uma feição nacional—a impersonalidade, —actuando na lucta pela vida. Não esqueça n'este ponto, que a China, tambem muito inspirada pelo principio da impersonalidade, agora esmaecida pelas luctas internas e pela intriga dos estranhos, exerceu em épochas remotas uma influencia primordial nos destinos do grande continente, influencia superior á da Grecia e á de Roma nas sociedades europeias; e ninguem pode affirmar que a China haja cahido em absoluta inercia, insusceptivel de assistir ao renascimento de si propria.

*

* *

O que foi dito no capitulo antecedente, com referencia á tumultuosa degenerescencia actual das artes e das

lettras japonezas, e em geral dos usos e costumes, devida á infiltração no paiz da civilisação occidental, vem agora estimular-me a umas rapidas considerações sobre o assumpto.

Que é isto que se passa?... Tudo, que era tam bello na civilisação nipponica, desapparece a passos de gigante. Se, para estranhos, o Japão ainda offerece sobra de encantos, é porque os encantos eram tantos, que impossivel se torna varrel-os de repente; mas — fiquêmos certos, — dentro de algumas dezenas de annos, excepção feita dos seus enlevos naturaes, o imperio do Sol Nascente terá cahido, quanto á belleza dos aspectos, n'uma banalidade assombrosa, aterradora. Para os esthéticos, nacionaes e estrangeiros — mais talvez para estes ultimos, — o golpe é profundissimo e inesperado.

No entretanto, pensando bem, a transformação era fatal. A arte, a belleza das coisas e dos costumes, aqui, no Japão, e, muito mais do que no Japão, em toda a parte, não encontram hoje campo livre para se exercerem e medrarem. Uma onda fervente de innovação, de destruir o velho para construir o novo, impregnada sobretudo de utilitarismo, de sordidez, alaga tudo e todos, não se prevendo como semelhante flagello acabará. Isto já é uma explicação para o caso do Japão, que não soubéra isolar-se, embora o tentasse, contra o contagio das ideias. Mas ha considerações de outra ordem, para os destinos da alma japoneza, que veem esclarecer o phenomeno.

Lembrêmo-nos de que a inteira civilisação nipponica, manifestada tam deslumbrantemente desde longos seculos, veiu da China, trazida com a grande reforma de 645, ou antes iniciada em épochas mais remotas, pois o que é verdade é que, anteriormente á grande reforma, a vizinhança dos dois paizes vinha impondo uns começos de relações, que produziam inevitavelmente os seus effeitos, embora lentos e indecisos. A adaptação da civilisação chineza nos costumes do archipelago não se fez repentinamente, como uma mudança de scenario; levou mais de mil annos a compôr-se. O que os japonezes fizeram foi adaptal-a, melhorando-a para suas conveniencias e prazer; manifestando então uma aptidão maravilhosissima de processos para acceitar e embellezar a obra alheia, o que não exclue a ideia de se haverem demorado em tentativas e em retoques.

A civilisação japoneza, derivada da civilisação chineza, mas havendo soffrido tantas modificações, que bem pode chamar-se uma civilisação nacional, chegára ao seu auge de perfeição alli pelos ultimos annos da dynastia Tokugawa. Foi então que gravissimos acontecimentos sobreviéram, forçando os nipponicos a um contacto forçado com uma outra civilisação, bem differente da sua,—a civilisação do homem branco;—julgando elles indispensavel adoptal-a. Foi o que aconteceu, surgindo o Japão moderno. Nós devemos, simples espectadores dos factos, interpretar a effervescente desordem, que se está agora passando no Japão, em artes, em lettras, em costumes,

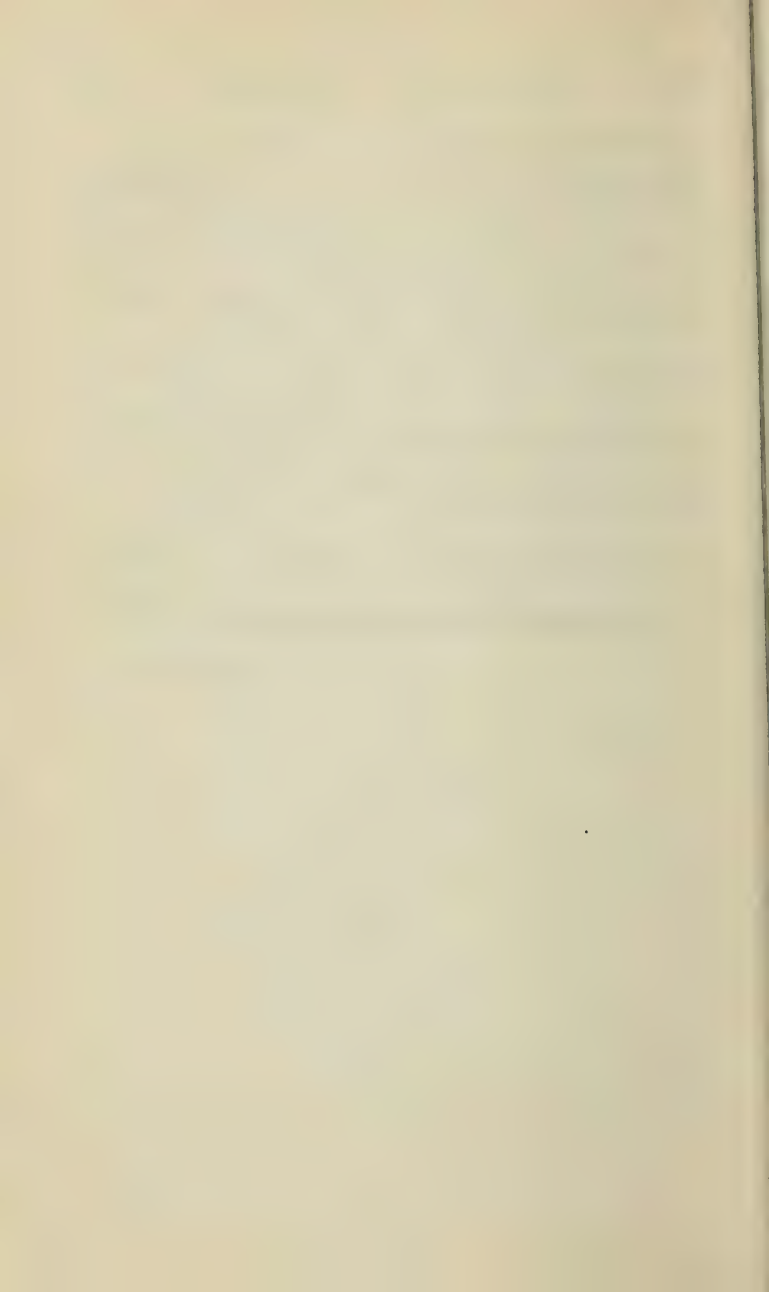
como o inevitavel inicio ao encetar uma estrada nova, pela noite, ás escuras, caminhando ás apalpadelas. O exemplo do passado e os magnificos progressos adquiridos são-nos amplas garantias do bom exito da empresa. Os japonezes cuidaram, em primeiro logar, como urgia, de constituir um exercito e uma marinha de guerra, bem como uma marinha mercante, codigos modernos, instrucção, administração interna, administração diplomatica com os estrangeiros, tratados de commercio, etc., o que levaram a effeito rapidamente e com notavel perfeição. Agora, cuidam das minucias, que são immensas; encontram-se presentemente na rude azafama de colher o metal precioso — digâmos assim, — que as minas da Europa e da America lhes offerecem, a esmo, a granel, sem escolha, sem methodo, ás pazadas, deixando para mais tarde os processos de separar o bom do mau, de joeirar, de peneirar, de lavar. A exemplo do que se deu com a civilisação da China, vae surgir no Japão uma civilisação á moda do Occidente, mas superlativa em aspectos de gentileza, de graça, de arte, de justeza. Quanto tempo será preciso para tanto?... Acaso cerca de mil annos?... Não devêmos imaginal-o. Um seculo, dois seculos, bastarão. Convem lembrar que os tempos mudaram e os homens tambem, que as actividades humanas fervem com impetos estranhos, sem treguas, sem descanço, sem excitações. Ávante pois!...

Para nós, estheticos, contemporaneos do grande drama transformador que se está travando no imperio do Sol

Nascente, isto que aponto e se prevê é certamente uma consolação, no meio do desbarato, a que assistimos, de tudo que é bello n'esta terra. Uma triste consolação, em todo o caso. A transformação do Dai-Nippon, a florescencia estupenda de uma civilisação estranha, melhorada, embellezada no seio do archipelago, é um evento do futuro; e o nosso egoismo natural não encontra compensações sufficientes no alvoroço admirativo com que os bisnetos dos nossos bisnetos virão poisar as vistas nos aspectos do grande imperio da Extrema-Asia. Ha ainda mais que dizer: — a civilisação occidental, transformada e melhorada pelo Japão, attingirá acaso o mesmo brilho faiscante, que alcançou a civilisação da China, transformada e melhorada pelo Japão? . . .

Paciencia . . .

## XII

## TÉ AONDE IRÁ A ALMA JAPONEZA? . . .

IRÁ longe, bem longe, sem duvida, a alma japoneza, provida, como está, de caracteristicas ethnicas excepcionalmente grandiosas e vindo insuflar actividades n'um typo racial perfeitamente bem integrado, como é o da grande familia asiatica que povôa o archipelago.

Nós vemos, no relancear da vida, os individuos moverem-se, os povos seguirem diversas direcções, como enormes formigueiros humanos, em labuta constante. Mas é forçoso admittir que os individuos e os povos seriam coisas inertes, amodorradas, se os não impellisse para a frente a vontade, se as caracteristicas da alma não actuassem no seu sentir, inspirando-lhes desejos, ambições, intuitos decisivos. Umas vezes, a alma fraca, incompleta e incompetente, leva o homem, leva o povo á ruina; outras vezes, a alma bem constituida, bem equilibrada, ardendo em fulgores, leva-os á gloria. Irá pois longe, bem longe, a alma japoneza, o *Yamato-damashii,* se as apparencias não illudem; mas não devemos admittir as illusões; longe, bem longe, embora obstaculos imprevistos possam erguer-se, mas que saberá vencer.

Longe, bem longe! . . . Mas aonde? . . . O observador não pode prever tanto; nota as tendencias, registra as probabilidades, que assomam nos horisontes mui distantes; extremamente vagos, indecisos por entre as neblinas do porvir . . .

*

* *

No meu ultimo livro, *Relance da Historia do Japão,* referindo-me ao Japão do futuro, rematava eu o meu trabalho por este periodo: — Povo que agora se apresenta na arena mundial, com a apparencia de dotes especialissimos de vitalidade e de energias, povo dos deuses, como os japonezes querem ser, leval-o-ha a magnificencia dos seus destinos a recolher ao continente, donde viéra e para onde o attrahem certamente remotas heranças raciaes, e, qual outro povo aryano, a espalhar-se após pelo mundo fóra, invadindo a Europa, invadindo a Africa, invadindo a America, regenerando, pela infusão do sangue e das ideias, as raças estioladas do Occidente? . . .

O meu commento não quizera ter, nem poderia ter, sem duvida, a pretenção de prophecia; e apenas expressava, de uma maneira quasi allegorica, a crença intima, pessoal, do muito que se deve esperar das iniciativas do povo japonez, em face das raças fatigadas do Occidente. Possivel é, todavia, que a alguns dos leitores do relance historico haja parecido sobejamente incongruente o pe-

riodo alludido e agora reproduzido, insinuando, de um modo encapotado, uma ideia, cuja possibilidade não se apoia em considerações de especie alguma, deduzidas da historia ou de outra fonte. De vagar; não é bem assim, como imaginam. Sob o pretexto de uma justificação, mas mais pelo simples prazer de palestrar do que por outro motivo plausivel, vou dedicar ao assumpto as ultimas paginas que devem completar este volume. O velho de Tokushima julga ter chegado a termo da sua missão litteraria; nada mais tem que dizer sobre o Japão; será este, mui provavelmente, o seu ultimo livro; e sente saudades dos seus leitores, distantes amigos desconhecidos, com os quaes se habituára a conversar durante longos annos; devendo pois relevar-se-lhe o capricho de querer prolongar quanto possivel esta ultima palestra.

Mas vamos ao assumpto, velho de Tokushima; e não enfades muito os teus amigos desconhecidos, por favor...

*

* *

Horrendo, supinamente horrendo, deverá ter sido o selvagem do Occidente, o homem das cavernas europeu, o *parisiense*... o patusco mostrava especial predilecção pela vida de Paris e dos seus, hoje formosos, arrebaldes. Selvagens que, com o correr dos tempos, temos ido surprehender na Africa, na America, na Asia, na Oceania, nunca igualaram, por certo, em fealdade, o selvagem eu-

ropeu. Cabe-nos esta honra — e não pequena. — Supinamente horrendos, — physicamente, moralmente. — Physicamente, o homem das cavernas europeu devia ter uma corpolencia desmedida, longos membros, ossudos, mãos e pés enormes, pelle avermelhada, provavelmente sardenta, nariz extremamente em saliencia, olhos de um verde glauco, ou azues, d'esse azul de brilho vitreo, vulgar na ornamentação barata das nossas porcellanas; a farta trunfa dos cabellos, a barba espessa e a bigodeira seriam crespas, loiras, amarellas, por vezes encarnadas; juntae a isto um fetido nauseabundo, emanando do seu suor, como se não encontra em mais ninguem. Não deve haver exagero no retrato, presumo; supervivencias notaveis são ainda frequentemente visiveis; notae como são feios tantos individuos da nossa raça branca, — homens, mulheres; — o homem das cavernas europeu é ainda vulgar, encontramol-o na nossa terra, passeando no Chiado, nas Avenidas, concorrendo nos theatros, e, lá fóra, apparece-nos em Paris, em Londres, em Berlim, por toda a parte...

Moralmente, teria sido ainda mais feio. Irascivel, feroz no trato, sempre disposto para as contendas, orgulhoso dos seus musculos, que a rudeza da existencia tornára rijos como aço. Provavelmente, cannibal a principio, como parecem confirmalo certas praticas ainda em uso, por exemplo alguns ritos religiosos; depois, simplesmente carnivoro, carnivoro por excellencia, como ainda hoje se encontra; aprazendo-se em devorar as carnes

cruas, ou mal cosidas, ainda vermelhas, das feras que matava, guardando as pelles para vestir-se. Progredindo, logo que descobriu processos para a fermentação alcoolica de certos liquidos, tornou-se borracho impenitente, e assim tem continuado. Com mulheres, um rustico animal ardendo em cios, sempre álerta, impetuoso, ciumento, sem escrupulos, roubando aos paes as filhas, aos companheiros as esposas, impulsivo como um toiro.

No entretanto, o homem das cavernas ia-se civilisando pouco a pouco, lentamente. Contida quanto possivel a natureza nos seus impetos crueis, desbastadas as florestas, traçados os caminhos, fugidas as feras para longe, o selvagem do Occidente abandonava a medo a caverna onde nascêra e onde vivêra, construia a cabana, instituia a cidade lacustre, cultivava o solo, pescava, caçava. Cultos barbaros, talvez principalmente diabolicos, brotavam no pensamento em cahos, porque os homens precisam de cultos para viver, como precisam de alimentos e de agua para seu sustento. Era já enorme o avanço, na verdade, posto que a faina da existencia continuasse durissima para todos...

Foi n'um periodo qualquer da vida precaria do homem branco, que um estupendo acontecimento, de ordem social, succedeu, no solo da Europa. Lá do interior da Asia, da India, ondas de gente estranha, os Aryas, vieram descendo em densas chusmas, avançando para oeste, chegando até á Europa, que invadiram. Assim o dizem todos os modernos eruditos, ou antes, o disseram,

até ha pouco; pois, recentemente, uma nova opinião veiu formar-se, negando o facto, ou, pelo menos, a alta importancia que lhe foi attribuida; aqui, n'estas paginas, tem de se admittir a opinião mais correntia.

Bem. Os Aryas demoraram-se pela Europa, alastraram-se, desappareceram após. Como desappareceram elles? . . . Certos grupos teriam volvido á Asia longinqua; outros grupos ter-se-hiam fundido com as massas indigenas; a hostilidade do clima teria dizimado muitos. A importancia d'esta invasão, ou d'estas invasões, foi immensa. As provas physicas saltam hoje aos olhos. Vêde a graciosa mestiçagem que se operou no seio da Europa, proveniente das duas raças em presença. Foi o sangue aryano que veio trazer gentileza ás formas do europeu, afilar-lhe as mãos e os pés, substituir a vermelhidão das faces por doces tons de pallidez, criar a côr morena e os olhos negros ou castanhos, alisar, tingir de negro muitos cabellos e muitas tranças, as quaes ficam tam bem, coroando as cabeças das mulheres. Quanto á importancia moral, muito maior foi do que a importancia physica; amenisou, dulcificou o caracter do homem branco, imprimiu brandura nos costumes, e sobretudo, difundindo o seu culto idealista, o arya catechisou o branco, incutiu-lhe na alma nobres aspirações e o culto aos seus deuses piedosos.

O homem branco sentiu-se desde então mais forte, mais bom e mais feliz. A evolução da grande familia europeia progredia com mais firmeza e mais proficuos

resultados; chega-se finalmente, com o andar dos tempos, á civilisação grega, á civilisação romana. Mas, de novo, o homem branco, esquecido em parte do ensino aryano, volvido aos seus cultos barbaros, começára a soffrer. As sociedades subiam a grandes eminencias, mas baqueavam após, como edificios gigantescos, sacudidos pelo horror dos terremotos. É que o homem branco não soubera tirar todo o partido do convivio com os antigos invasores, mestres tambem; nem estes, francamente, lhe poderiam ter legado um systema religioso verdadeiramente consolador; porque o seu, todo elle palpitante de arrebatamentos ideaes, esquecera-se de architectar uma doutrina, que visasse o destino humano após a morte...

N'estas alturas, quando as gentes do Occidente se debatem em desordem e a coragem lhes fallece, uma outra invasão, partindo tambem da Asia, alcança providencialmente as terras europeias; esta não de homens, mas de ideias: — o Christianismo. — A onda do Christianismo invade a Europa, a muito custo, mas logra a final vencer os obstaculos, alastra-se por toda a parte. Traz comsigo a palavra do doce Nazareno, prega a igualdade entre os homens, prega o amor entre os homens, prega a liberdade de consciencia, a despeito da vontade dos tyrannos; pelo que respeita a morte, é cathegorica: — a vida eterna existe lá nos céos, e d'ella gosarão os bons, no paraiso, em quanto que os maus soffrerão o justo castigo de seus crimes, no inferno. — Volve de novo a coragem ao animo do homem branco. As suas actividades

redobram de energia. Grandes emprehendimentos se realizam. Forma-se um mundo moderno. Como remate, um povo insignificante pelo numero, surgiria da sua insignificancia para espanto do universo, indo por mar em demanda de terras novas, descobrindo, conquistando, para serviço de Deus, pois ia conquistar almas para o céo; era o povo portuguez. Para remate, com effeito; porque o Christianismo, dividido em seitas, em schismas, mal comprehendido pelos homens, adulterada a comprehensão da sua essencia, declinava, descambava em fanatismo e em hypocrisia; e o homem das cavernas — coitado! — mais uma vez cahia em desgosto de si mesmo, soffria na sua caverna, embora os tempos a houvessem transformado n'um palacio ... É assim que hoje vamos encontral-o.

Quererá isto dizer que o europeu seja incapaz de proseguir, sózinho, na sua evolução, até final gloria; e que seja a Asia o immenso manancial do pensamento, que lhe envie de quando em quando, como a um rio tributario, uma onda de ideias vivificantes, que o retemperem para a existencia? ... Não sei. Se assim é, acode a ideia ao nosso espirito de lançar vistas curiosas para o Oriente, para ver se descobrimos, se, no presente momento historico, ha algum povo asiatico, em quem pareça recahir o portentoso encargo de vir salvar mais uma vez a raça branca. Termino este livro, repetindo a pergunta com que terminava o meu livro precedente, *Relance da Historia do Japão*; a resposta fica suspensa, para ser

proclamada um dia, após o chaos estupendo dos millenios:

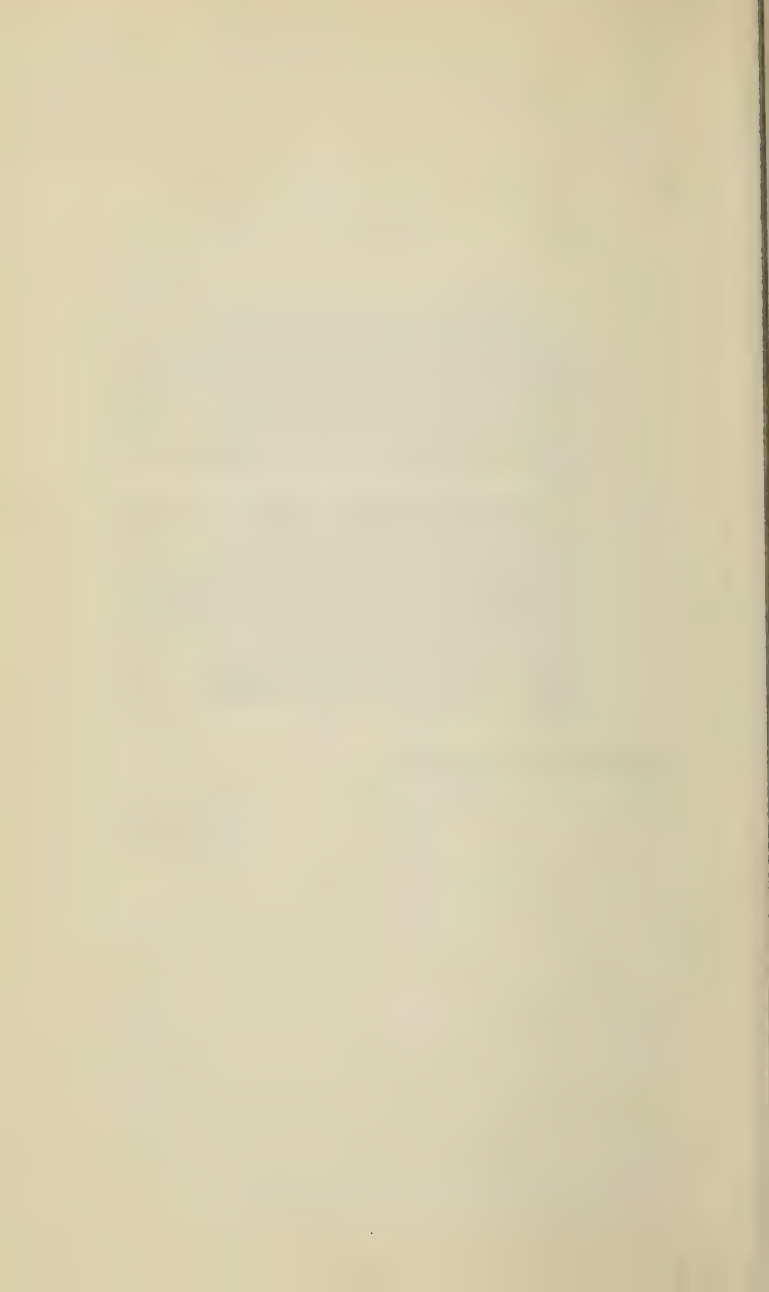
— Povo que agora se apresenta, na arena mundial, com a apparencia de dotes especialissimos de vibratilidade e energias, povo dos deuses, como os japonezes querem ser, leval-o-ha a magnificencia dos seus destinos a recolher ao continente, donde viera e para onde o atrahem certamente remotas heranças raciaes, e qual outro povo aryano, a espalhar-se após pelo mundo fóra, invadindo a Europa, invadindo a Africa, invadindo a America, regenerando, pela infusão do sangue e das ideias, as raças estioladas do Occidente? . . .

# A EDUCAÇÃO NO JAPÃO

*O presente artigo,* A educação no Japão, *foi especialmente escripto para ser publicado na revista portuense* Educação Nova, *satisfazendo eu por este modo, quanto me foi possivel, o muito amavel desejo de um dos mais devotados enthusiastas da* Federação dos Amigos da Escola Primária.

*Acontece porem que, enviada ao seu destino* A educação no Japão, *pareceu-me que ella constituiria um capitulozinho sobre a alma nipponica, capaz de vir reforçar o que antecedentemente fôra dito para constituir materia para o* Relance da alma japoneza. *Por este motivo, aqui se encontra o artigo, que apparece agora como appendice.*

*Tokushima, dezembro de 1925.*

W. DE M.

NÃO me parece fóra de proposito offerecer n'este logar umas breves considerações, muito breves até, sobre os processos educativos que o imperio japonez tem ministrado e ministra actualmente nos seus filhos. É desta tarefa que agora eu vou occupar-me. Supponho o leitor convenientemente instruido com alguns conhecimentos sobre a historia do Japão, para o que não lhe faltam livros escriptos em varias linguas europeias (principalmente a ingleza), aos quaes ouso ajuntar o titulo do mais modesto de todos elles, *Relance da Historia do Japão,* de que é auctor quem escreveu o presente artigo. O leitor, sabendo pela historia quam rapidos e brilhantes téem sido, n'estes ultimos cincoenta e tantos annos, os progressos dos nipponicos na sua adaptação á civilisação occidental, terá sem duvida imaginado que o estudo, embora resumido, do systema japonez no campo da educação moderna lhe vae rasgar vastos horisontes e esclarecer em grande parte o segredo, que—pode dizer-se—attinge as raias do prodigio, de como o imperio do Sol Nascente tem alcançado tam rapidamente, de

uma maneira maravilhosa, os mais surprehendentes triumphos no campo da evolução e do saber. Em parte, assim é, e a grande importancia da escola nipponica manifesta-se aqui, facilmente reconhecivel; mas devemos estar prevenidos de que a alma japoneza enleia-se, como a héra ao tronco vetusto, a principios fundamentaes, que bem merecem o titulo de esotericos, e não nos é dado penetrar.

*

* *

Tratando-se do Japão, convem saber antes de tudo, que a antiga historia dos conhecimentos humanos pode ser referida ás seguintes notabilissimas datas: — livros chinezes alcançam o imperio japonez, por intermedio da Coréa, no anno 284 da nossa éra; o buddhismo é introduzido da Coréa em 552; os japonezes enviam os seus primeiros estudantes a instruirem-se na China, em 607; a primeira escola é fundada no Japão em 664; os primeiros regulamentos sobre educação fôram promulgados em 701; o mais antigo livro japonez, o *Kojiki,* é publicado em 702; a arte da imprensa é introduzida da China em 770; o alphabeto japonez, ou antes, o syllabario japonez é inventado pelo padre buddhista Kobo em 809.

Por aquelles velhos tempos, a cultura litteraria florescia no Japão, mas apenas dentro dos limites da côrte, porque a nação em geral jazia na mais completa igno-

rancia, – consequencia fatal da enorme agitação politica e militar, que grassou em todo o archipelago, durante muitos seculos consecutivos. – Pouco a pouco, todavia, os bonzos buddhistas souberam habilissimamente aproveitar-se das condições do meio, desenvolvendo por si sós a educação e monopolisando-a, de modo que os conventos constituiram os unicos focos de ensino, de enormes resultados para a sentimentalidade japoneza. Os padres buddhistas ensinavam o povo sem distincção de classes, instruindo-o na sua doutrina religiosa, e tambem no conhecimento dos classicos chinezes, da historia, das leis, das mathematicas, da litteratura nacional; mas pode bem dizer-se, de uma maneira generica, que o buddhismo veiu insinuar-se em todas as manifestações do sentir nipponico, melhorando e embellezando os costumes. Em todo o caso, a educação estava longe de poder ser considerada um bem para todos; e as mulheres, em especial, eram systematicamente postas de parte em assumptos de cultura.

No anno de 1542, deu-se o interessantissimo episodio da chegada dos portuguezes ao Japão, seguindo-se-lhes os hespanhoes e depois os hollandezes; portuguezes e hespanhoes fôram depois expulsos, como é sabido, ficando em campo apenas os hollandezes. Dos portuguezes e hespanhoes, não restaram vestigios apreciaveis da sua influencia no ensino das massas, salvo o ensino religioso e o militar, e pouco mais. Dos hollandezes, alguns conhecimentos colheram os nativos (sobre medicina por

exemplo), posto que com grande segredo, por ser-lhes prohibido pelo governo do shôgun entrar em relações de convivio com os estrangeiros; e muitos japonezes, por terem obtido dos hollandezes algum livro, pagaram com a vida o atrevimento.

Estabelecida uma paz duradoira com o regimen shôgunal dos Tokugawa, poude o governo do shôgun alongar as suas vistas organisadoras até á educação, mas limitada á classe privilegiada dos samurai, homens de guerra.

Foi com o advento da restauração imperial, em 1868, que o Japão instituiu realmente um verdadeiro systema educativo, abolindo distincções, nivelando classes, estendendo a todos os filhos do imperio o beneficio da cultura. O glorioso imperador Meiji Tennô (fallecido em 1912), ao rasgar da cegueira da ignorancia os olhos dos seus subditos, mandou publicar um rescripto seu sobre a educação, o qual passou a ser lido em todas as escolas do imperio, desde então até hoje, por occasião dos mais importantes dias solemnes. N'este grandioso documento, que é geralmente considerado como a summula da moral japoneza, o soberano recorda aos japonezes os nomes dos antepassados imperiaes e os seus excelsos intuitos; refere-se á lealdade e á piedade filial da nação, —gloria do imperio, e base do seu amor ao estudo;— exhorta os individuos a serem piedosos para com seus paes, affeiçoados entre irmãos e irmãs, harmoniosos entre maridos e esposas, verdadeiros como amigos, mo-

destos e moderados, benevolentes para toda a gente; insiste em que o povo se eduque no saber e cultive as artes, desenvolvendo por este modo a sua intelligencia e aperfeiçoando as suas energias moraes; diz mais ao povo que respeite a constituição e observe as leis; se uma emergencia occorre, offereça-se cada qual corajosamente ao Estado, guardando e mantendo a prosperidade do throno, coevo de céos e terra.

Esta é, pouco mais ou menos, a lettra do rescripto imperial sobre a educação, o qual todos os japonezes aprendem de cór desde a mais tenra infancia. Lucidissima ideia foi esta sem duvida, a de alliar o nome do soberano á instituição do ensino, fazendo assim da educação um culto e da escola um templo, concorrendo poderosamente para avivar nos jovens a ancia de saber, commum a todos os japonezes por indole de raça, como os antigos portuguezes já observaram nas suas primeiras relações com os habitantes de Tanegashima, ha perto de quatrocentos annos. Posto isto, podemos agora francamente entrar no assumpto a que visamos em especial, — o estudo do ensino moderno no Japão.

*

* *

As creanças japonezas, sem distincção de sexos, entram para a escola elementar ordinaria, que é obrigatoria e quasi gratuita, aos oito annos de idade, ou um

pouco antes; dando assim o primeiro passo – passo solemnissimo no caminho da vida, – para se instruirem, se é que não o anteciparam de dois ou tres annos, frequentando a aula infantil, facultativa. A escola elementar, ordinaria, abrange seis annos de estudo. É geralmente uma escola do governo, sendo relativamente raros os collegios particulares. Tem a apparencia, em regra, de um amplo edificio de muito simples construcção, despido de esmeros de conforto, possuindo um vasto terreiro em volta, proprio para exercicios ao ar livre. Ha professores e professoras. Alumnos, alumnas, todos externos, concorrem umas vezes no mesmo edificio conjunctamente, com aulas separadas ou não separadas, outras vezes a edificios differentes; depende o caso das condições de população das localidades.

Apresso-me em dizer que a materia de religião, tanto na escola elementar como nas aulas superiores que se lhe seguem, é absolutamente excluida do ensino em todos os estabelecimentos do governo; seguindo cada qual a religião que seus paes lhe incutem no seio da familia, sem d'isto dar contas a ninguem. É claro que a veneração pelo soberano, a visita aos templos notaveis durante as excursões escolares, muito frequentes, e ainda outras praxes de respeito, de certo modo participando do espirito do shintôismo, estão em uso, mas não como preceitos de uma religião especial. Vem a proposito lembrar que em todas as escolas do governo existe, em recinto recatado, o retrato do soberano, em frente do qual

desfilam os estudantes, em respeitosa reverencia, em festivos dias de gala; isto porem, que pode chamar-se shintôismo se quizerem, é antes de tudo uma homenagem de acatamento ao imperador, por quem o povo inteiro testemunha, agora como sempre, a mais fervorosa dedicação.

As lições, professadas na escola elementar, ordinaria, durante seis annos como já ficou dito, occupam-se dos seguintes assumptos: — moral (explicações sobre o rescripto imperial, etc.), lingua japoneza, arithmetica, gymnastica (commum, jogos esportivos, exercicios militares), desenho, canto, costura (para as alumnas), trabalho manual, historia e geographia (do Japão), sciencia (plantas, animaes, mineraes, phenomenos naturaes), commercio, agricultura (principios geraes).

Ficou assim muito ligeiramente exposta a materia concernente ao estudo obrigatorio, imposto a todos os jovens japonezes e a todas as jovens japonezas. — Obrigatorio! — É sobretudo esta palavra que é preciso não esquecer. O mais modesto artifice, o carroceiro, o cultivador dos campos, o pescador, a moça de lavoira, a criada de servir, estes e outros, todos sabem lêr e escrever. Não ha illettrados no Japão, a não serem alguns individuos maduros já em annos, que escaparam aos preceitos educativos que a restauração veiu implantar, no anno de 1868. Nas cidades, como nas aldeias, as escolas elementares espalham-se profusamente, enxameam, para que haja logar para toda a gente.

*

* *

Muitos japonezes e muitas japonezas (estas por certo em maior numero), principalmente nas classes mais modestas, contentam-se com a educação obrigatoria, que já constitue um enorme bem, e vão, sabendo lêr, escrever e contar, e alguma coisa mais, exercer as suas profissões, ou votar-se á vida de familia (refiro-me especialmente, n'esta ultima hypothese, ás raparigas). No entretanto, é grande o numero d'aquelles e d'aquellas, em que palpitam ambições de mais longo vôo, de mais amplo saber. Escolas varias, como por exemplo a escola elementar, superior (tres annos), a escola secundaria para rapazes (cinco annos) e a escola superior para raparigas (até cinco annos) satisfazem-lhes os propositos. A escola secundaria para rapazes, modelo mais perfeito das instituições d'esta natureza, occupa-se dos seguintes assumptos: — moral, linguas japoneza e chineza, inglez, historia e geographia, mathematica, sciencias naturaes, physica e chimica, governo civil, economia politica, desenho, canto, exercicios militares e gymnastica (incluindo esgrima e *judô*). As tres escolas ultimamente citadas levam os estudantes a um vasto numero de estabelecimentos de ensino especial. Da escola secundaria para rapazes, apuram-se discipulos que vão frequentar, entre varios institutos de instrucção, as chamadas escolas superiores (tres

annos), preparatorias para admissão nas universidades, onde se ministram cursos de tres annos, excepto para a medicina, cujo curso é de quatro annos. Poderia ainda alongar-me na enumeração de multiplas escolas de ensino especial, já do governo, já particulares, como as escolas normaes, escolas de commercio, escolas de navegação, escolas de agricultura e florestaes, escolas de pescaria, escolas de minas, escolas de sericultura, escola de bellas artes, escola de musica, escolas de cegos e de surdos-mudos, etc. Não esqueça a escola dos pares, mantida pelos pares com subsidio imperial, destinada especialmente á educação dos filhos e filhas dos nobres. Não esqueça igualmente a escola de linguas estrangeiras, de Tôkyô, onde se ensinam as principaes linguas europeias e indianas; desde poucos annos, é incluido um curso de lingua portugueza, dirigido por professor portuguez, caso devido, penso eu, a terem-se estreitado ultimamente as relações commerciaes, e outras, entre o Japão e o Brazil.

*

* *

Os cursos que concluem com as universidades são os mais longos de todos, abrangendo um total de dezesete ou dezoito annos, pelo menos, de estudo continuado nas aulas; é muito comparado com o que se passa nos paizes europeus. De ordinario, seja qual fôr a carreira escolhida pelo estudante japonez, acaba tarde o seu curso.

Seria preciso reduzil-o de àlguns annos. Varias causas concorrem para o inconveniente que apontei. Uma d'ellas consiste na difficuldade que os estudantes encontram no estudo das linguas estrangeiras — inglez, francez, allemão, — tam differentes, nas suas indoles grammaticaes, da lingua japoneza, e obrigando a demorada applicação. Outra causa aponta-se no longo tempo que requer a comprehensão da propria lingua, no que respeita a escripta, pois, como é sabido, a lingua japoneza escreve-se commummente fazendo uso dos caracteres chinezes, ideographicos, formosissimos na forma, de vantagens comprehensiveis que não offerecem duvidas, mas de uma complicação estupenda de processos para serem entendidos, roubando tempo precioso a outros estudos; avulta de dia para dia a opinião para que se acabe de vez com os caracteres chinezes, substituindo-os pelo syllabario japonez *(katakana)*, ou mesmo passando a empregar os caracteres do alphabeto em uso nas linguas europeias. Fica assim referido um grande pesadelo, que importuna o ministerio de instrucção.

*

* *

Havendo falado de como o japonez se educa em sua casa, convem falar tambem de como elle se educa em casa alheia. Poucas linhas apenas.

Estudantes japonezes, de ambos os sexos, mandados

pelo governo, ou indo por sua propria iniciativa, frequentam varios centros da Europa e da America, onde se dedicam por alguns annos a estudos especiaes, nas universidades e outros estabelecimentos de cultura. Os medicos japonezes, por exemplo, visitam muito a Allemanha, cuja sciencia medica gosa de grandes creditos no Japão.

Como contra-corrente, nota-se o curioso facto de virem ao Japão varios estudantes estrangeiros (chinezes em maior numero, indianos, siamezes e philippinos), dedicando-se a diversos cursos nas escolas japonezas.

*

* *

O rescripto imperial sobre a educação, já aqui referido, é a base do inteiro systema de educação moral, ministrada nas escolas. Durante a frequencia nos estudos secundarios, o estudante é considerado nas mais propicias condições para receber com aproveitamento uma tal educação, que deve ser ensinada em harmonia com as instrucções do governo central, visando a promover, pela cultura, o desenvolvimento de ideias e de sentimentos moraes entre os individuos das classes media e superior, levando-os á pratica das virtudes. O ensino deve ser feito pela exposição de pontos essenciaes de moral, em connexão com a vida diaria dos estudantes, e por meio de boas palavras e maximas e exemplos de actos meri-

torios, seguida por uma pouco mais detida referencia aos deveres de cada qual para a sociedade e para o Estado.

O summario dos assumptos de estudo foi elaborado pelo governo para os cinco annos da escola secundaria; pode resumir-se no seguinte para os dois primeiros annos: — Coisas que os estudantes não devem esquecer de lembrança, como alumnos: regulamentos da escola; relações com as auctoridades escolares; deveres do alumno, etc. Coisas que não se devem esquecer de lembrança, com respeito a hygiene: necessidade de exercicio; moderação em comer e beber; limpesa do corpo, do fato e da habitação. Coisas que não se devem perder de lembrança, com respeito ao estudo: tenacidade de bom proposito; aprender a saber estudar; perseverança nas difficuldades, etc. Coisas que não se devem perder de lembrança com respeito a amigos: verdadeiro e correcto; delicadeza e affeição; auxilio mutuo, etc. Coisas que não se devem perder de lembrança, com respeito ao proprio procedimento e á acção: valor do tempo, ordem, cortezia, etc. Coisas que não se devem perder de lembrança, com respeito ao lar: piedade filial; affeição entre irmãos e irmans, etc. Coisas que não se devem perder de lembrança, com respeito ao Estado: respeito pelo *Kokutai,* isto é, pelo caracter fundamental do imperio; observancia das leis; sacrificio pelo bem publico, etc. Coisas que não se devem esquecer de lembrança, com respeito á sociedade: respeito pelos superiores; virtudes publicas; responsabilidades devidas á posição social e á profissão. Coisas que

se não devem perder de lembrança, com respeito á cultivação das virtudes: exposição das principaes virtudes e modo da sua cultivação; perigo das tentações; persistir resolutamente na conducta moral, etc.

No terceiro e quarto annos do curso secundario, o estudo da moral abrange os mesmos assumptos, mas expostos mais em detalhe; podem resumir-se no seguinte: — Obrigações para comsigo mesmo: corpo; saude; vida. Pensamento: intelligencia; emoção; vontade. Independencia: occupação; propriedade. Personalidade. Obrigações com a familia: pae e mãe; irmãos e irmans; filhos e filhas; marido e mulher; parentes; antepassados; serviçaes. Obrigações com a sociedade: individual; personalidade dos outros; pessoa, propriedade e honra dos outros; segredos e promessas (confidencias); gratidão, amizade; relações entre mais velho e mais novo; entre o superior e o inferior (em posição social); entre o patrão e o servo, etc.; o sexo feminino. Publico: cooperação; ordem da sociedade; progresso da sociedade. Corporações. Obrigações para com o Estado: o *Kokutai:* A casa imperial; lealdade; o fundador e outros antepassados da casa imperial; o destino imperial. O Estado: a constituição e as leis; patriotismo; serviço militar; impostos; educação; serviço publico; direitos publicos; relações internacionaes. Obrigações com a humanidade. Obrigações com a natureza; animaes; objectos naturaes; o verdadeiro, o bom e o bello.

No quinto anno do curso secundario, estudam-se ele-

mentos éthicos, sendo os principaes assumptos: — Consciencia; ideaes; obrigações; virtudes; relação entre leis éthicas e leis naturaes.

Concluido o curso secundario, o governo imperial não dá por findo o estudo da moral, antes exhorta os directores e professores das escolas superiores e que persistam em dirigir os espiritos dos estudantes em todas as occasiões que se offereçam, levando assim até final cumprimento as intenções do soberano, expressas no imperial rescripto sobre a educação, bem como n'uma mensagem imperial dirigida ao povo, a respeito de economia.

Ao que atraz ficou escripto, com referencia aos cursos professados em differentes escolas e aos assumptos de moral, convem juntar que me servi, para consulta, de livros japonezes publicados ha já alguns annos; possivel é, provavel mesmo, que varios accrescimos tenham vindo addicionar-se á materia exposta, mas não de indole a implicarem qualquer notavel variante na essencia.

*

* *

Varios commentadores occidentaes, occupando-se do systema de ensino em pratica no imperio japonez, chegaram á curiosissima conclusão de que o estudante japonez, na marcha evolutiva do seu espirito, segue um caminho, que poderemos chamar ao revez d'aquelle que

é seguido pelo estudante de raça branca. Expliquemos o caso, se é possivel. No Occidente, a creança, em casa e sobretudo na escola, é de ordinario sujeita a uma disciplina apertada, rigorosa, dura de soffrer. — "De pequenino é que se torce o pepino„, — dizemos nós, os portuguezes. Com o correr dos tempos e a passagem a escolas superiores, o estudante emancipa-se pouco a pouco do jugo dos primeiros annos e das primeiras escolas; até que as suas tendencias avincam-se, o seu caracter define-se, accentua-se uma individualidade, differente para cada um, prompta a entrar na vida, armada unicamente com a vontade propria, com a independencia propria, com as energias proprias, para a grande lucta da existencia. No Japão, passam-se ás coisas de um modo differente. O pequenino japonez é quasi de todo livre nos seus actos, faz o que quer, brinca e folga. Entrando na escola primaria, parece-lhe ella um simples gremio de recreio, onde o intuito principal da sua missão é rir e pular, de parceria com uma larga chusma de camaradas, tam foliões como elle é. A escola primaria offerece um impressionante aspecto de fraternal democracia; o filho do almirante, ou do general, ou do deputado, ou do juiz, ou do rico capitalista, brinca com o filho do mais humilde artifice, ambos vestindo o modesto kimono de algodão azul e branco, ambos com os pésitos nús, enfiados em sandalias de simples palha entrançada. O professor não intimida o pequenino japonez; d'elle não recebe ralhos e muito menos punições; o professor é

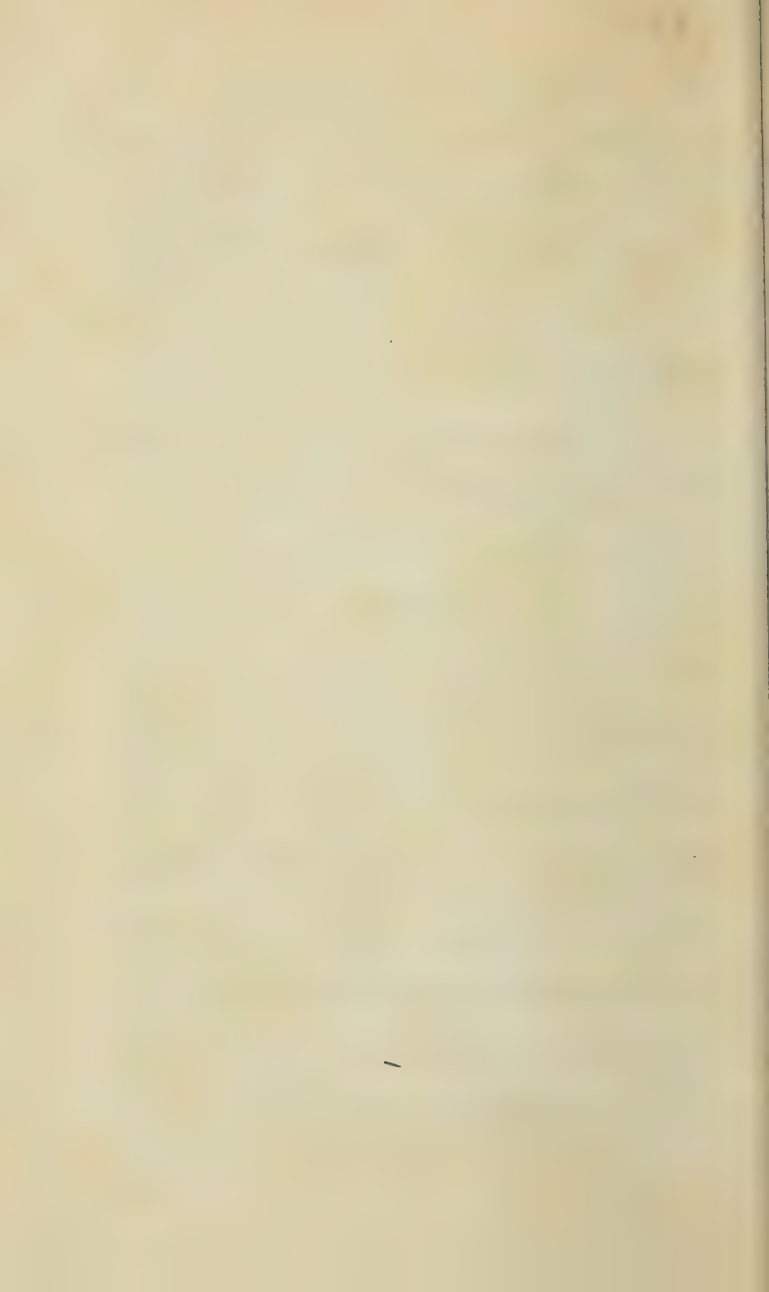
apenas uma especie de irmão mais velho, brincando tambem, rindo tambem, captivando a sensibilidade amorosa da creança. Em materia de disciplina, o professor pouco se occupa; ha o systema dos mentorsinhos, dois talvez, escolhidos de entre os rapazes mais habeis da classe, os quaes guiam os novatos, censurando-os e tanto quanto fôr preciso, não em seu proprio nome, mas em nome da escola, da corporação, iniciando-se assim a ideia de *espirito de classe,* que ha de exercer uma influencia immensa no adolescente, tornado homem, durante todos os actos importantes da sua vida inteira.

Transita o estudante japonez para uma escola superior. A alegria espontanea da creança desapparece; o mocinho torna-se circunspecto, grave, meditativo; as qualidades de caracter, particulares a cada um, como que se dissolvem; dissipa-se a personalidade, todos os estudantes japonezes se parecem uns com os outros. Os pequeninos mentores da escola primaria fôram substituidos por chefes eleitos, segundo a vontade da classe em peso, alcançando um grande predominio entre os camaradas, tam grande, que ai do professor que incorrer no desagrado d'estes chefes, restando-lhe apenas um expediente, — demittir-se. — Mas o professor, de ordinario, sabe tratar com estudantes, indo pouco a pouco insinuando-se-lhes nos animos, amassando pacientemente o barro como o oleiro, ou antes como o estatuario, e formando *o seu homem, os seus homens.* A indole do ensino, n'uma escola como em todas, visa a criar individuos

prestantes, tam iguaes quanto possivel em proficiencias para a vida, não sendo certamente desejaveis os imbecis, mas nem tam pouco as intelligencias scintillantes, de excepção. Todos iguaes, de um padrão uniforme. As excepções são sempre consideradas perniciosas; querem-se homens despidos de vastas pretenções, de irritabilidades irrequietas, contribuindo cada um para o bem publico com a modesta percentagem do seu saber, que irá alliar-se á modesta percentagem do saber de todos os outros, cooperando todos entre si, não luctando entre si. Do professor, depende geralmente a escolha da carreira que o estudante seguirá, sendo dever do professor encaminhal-o e protegel-o, e do estudante obedecer-lhe.

Protecção e obediencia são as duas grandes molas que imprimem movimento ao complicadissimo machinismo da vida publica, no imperio, molas de uma potencia incalculavel. Um dos exemplos mais curiosos da acção d'estas duas forças conjugadas, protecção-obediencia, encontra-se na assistencia dada por muitos professores, mesmo nas universidades, e outros individuos não professores, a estudantes pobres, que abundam, destituidos de recursos para se manterem emquanto nas escolas. Acodem-lhes muitas vezes certas instituições de beneficencia á indigencia academica; mas não chegam para tudo. Ha então, nos grandes centros, o costume, entre abastados ou suppostos abastados, de dar poisada e sustento a um certo numero de estudantes em penuria, pagando-lhes estes os favores com trabalhos manuaes, ou

encarregando-se de fazer a policia nas habitações, ou por qualquer outra forma; havia em Tôkyô, ha poucos annos, um professor que, para poder sustentar em sua casa alguns estudantes sem recursos, sustentava-se elle, a si proprio, com o regimen exclusivo de . . . batatas! . . . Deve tambem aqui ser mencionado que sobre os descendentes dos antigos senhores feudaes está pesando actualmente um durissimo encargo, o de attenderem ás necessidades de muitas das familias e individuos dos seus extinctos feudos, incluindo estudantes pobres; encargo que nenhuma lei escripta impõe, evidentemente, mas que é suggerido por intimos brios de pundonor, que véem de longe e ninguem quer eliminar dos usos e costumes.

Os ultimos commentos levam a duas notaveis affirmações: — primeira, que o feudalismo japonez, extincto por decretos de ha cincoenta e tantos annos, deixou, por supervivencia, raizes profundissimas, que ainda nos dias de hoje accusam vitalidade palpitante, como por exemplo no systema de educação das novas gerações; segunda, que tal educação vem confirmar, embora vagamente, como sempre acontece quando se perscrutam subtilissimos mysterios da alma de um povo, uma caracteristica interessantissima da alma do povo japonez — a tendencia para a impersonalidade individual; — por esta tendencia, o individuo inclina-se a eliminar-se como unidade pensante, collaborando apenas como fracção de uma unidade maior, a nação, ou, por outras palavras, servindo o bem publico, embora em prejuizo do egoismo pessoal.

Pag.

I — Primeiras ideias .......... 9
II — A linguagem .......... 25
III — A religião .......... 47
IV — A historia .......... 61
V — A vida na familia .......... 71
VI — A vida na tribu .......... 107
VII — A vida no Estado .......... 119
VIII — O amor .......... 127
IX — A morte .......... 145
X — A arte e a litteratura .......... 159
XI — Synthese dos aspectos .......... 207
XII — Té aonde irá a alma japoneza? .......... 221

APPENDICE

A educação no Japão .......... 235